



A Gruta Nova da Columbeira Bombarral



Câmara Municipal
do Bombarral

João Luís Cardoso
Luís Raposo
Octávio da Veiga Ferreira

Ficha técnica

Autores

João Luís Cardoso

Academia Portuguesa da História, Universidade Aberta (Lisboa) e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras.

Luís Raposo

Museu Nacional de Arqueologia e Universidade Lusíada (Lisboa).

O. da Veiga Ferreira †

Projecto Gráfico

Olga Moreira

Desenhos

Bernardo Lam Ferreira (desenhos de materiais)

Jean Roche e O. da Veiga Ferreira (cortes estratigráficos)

Fotografias

Arquivo de O. da Veiga Ferreira

Edição

Câmara Municipal do Bombarral

Impressão

Grafilipe - Soc. Artes Gráficas, Lda.

Tel. 262691311 • 2550-171 Cadaval

ISBN: 972-8561-04-0

Depósito Legal: 182242/02

Índice

Apresentação	7
1 Localização	
Situação geográfica, características geológicas e geomorfológicas	9
Geometria da cavidade	10
2 História das investigações	
Descoberta e trabalhos iniciais de 1962	11
Explorações ulteriores a 1962	28
Trabalhos publicados	32
3 Enquadramento cronostratigráfico, paleoecológico e paleoantropológico	
Estratigrafia e incidência da presença humana	39
Associações faunísticas, sedimentologia, paleoecologia e paleoclimatologia	41
Restos humanos e ossos modificados pelo Homem	43
Datações absolutas	45
4 Caracterização das indústrias líticas	
Aspectos gerais	47
Gestão das matérias-primas	54
Características técnicas	57
>Núcleos	57
>Debitagem	60
Características tipológicas	65
Síntese	72
5 Conclusões	
O Mustierense da Gruta Nova da Columbeira no contexto peninsular	75
O Mustierense Final ibérico no contexto europeu	93
6 Anexos	
Desenhos	101
Bibliografia	139

Apresentação

Descoberta acidentalmente por um tiro de pedreira, em 1962, a Gruta Nova da Columbeira – assim designada para a diferenciar de outras grutas existentes nas proximidades – despertou desde logo grande interesse científico, sendo objecto de escavações arqueológicas dirigidas por técnicos dos Serviços Geológicos de Portugal, em colaboração com alguns bombarralenses ilustres, amantes da arqueologia e das riquezas patrimoniais da nossa terra. Hoje, felizmente, as colecções da Gruta Nova encontram-se recolhidas no nosso Museu Municipal, havendo também uma representação significativa no Museu Nacional da Arqueologia, em Lisboa. No entanto, vicissitudes diversas fizeram com que nem as ditas colecções, nem os registos de campo feitos durante as escavações tivessem sido publicados extensivamente até ao presente, como mereceriam.

Com efeito, a colecção da Gruta Nova constitui o conjunto mustierense mais importante reunido em Portugal, ascendendo a milhares de artefactos, cuja estratigrafia foi devidamente registada e datada pelo método do Carbono 14, associados a faunas e, até, a um resto humano pertencente ao Homem de Néandertal – o primeiro encontrado no actual território português. Sendo assim, era obrigação da Câmara Municipal do Bombarral, a que presido, dar a adequada divulgação à importante monografia que, doravante, ficará à disposição de todos – especialistas e estudiosos ou simples interessados pelo conhecimento do passado humano. Nela encontrarão um exemplo de rigor de estudo analítico, que também contempla a análise dos resultados num contexto geográfico mais alargado, e onde se coloca a questão, aliciante e plena de actualidade, da extinção das derradeiras populações de néandertais, há menos de 30 mil anos.

Por tudo isso, cumpre-me agradecer, em meu nome e no da Câmara Municipal do Bombarral, aos Prof. Doutores João Luís Cardoso e Luís Raposo, arqueólogos de mérito de há muito firmado, pelo seu árduo e desinteressado esforço, de vários anos, que conduziu a esta obra modelar. Finalmente, uma palavra especial é devida à memória do Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira, que conduziu as escavações realizadas na gruta, e a quem se deve a reunião das condições objectivas para que o estudo do espólio reunido se realizasse nas melhores condições, ao qual, infelizmente, já lhe não foi possível prestar outra colaboração.

O Presidente

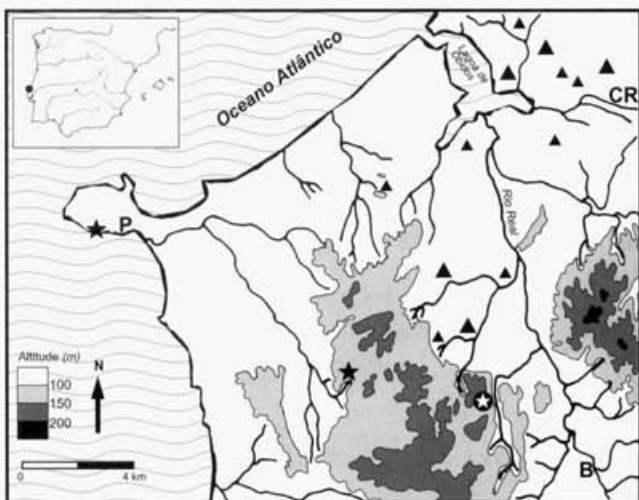
António Carlos Albuquerque Álvaro



Situação geográfica,
características geológicas
e geomorfológicas

A Gruta Nova da Columbeira é uma cavidade cársica existente nos calcários do Jurássico Superior da encosta meridional do profundo Vale Roto, onde corre a ribeira da Columbeira, afluente do rio Real. Possui as seguintes coordenadas geográficas (fig.1):

39° 18' 06''
de latitude Norte;
9° 11' 58''
de longitude
Oeste de Greenwich.



- ▲ Sítios de ar livre
 - ★ Grutas
 - ⊙ Gruta Nova da Columbeira
- Principais localidades:
B: Bombarral
P: Peniche
CR: Caldas da Rainha

1 | Localização geográfica da gruta Nova da Columbeira e sua inserção no contexto dos sítios com ocupações humanas atribuíveis ao Paleolítico Médio.

A paisagem local afigura-se como a de um *canyon*; áreas baixas, a cotas da ordem dos 20 m de altitude, contrastam com as da plataforma somital, cerca de 130 m mais acima, e com o fundo do vale, já em vasta planície litoral, que se encontrava inundada no decurso da transgressão flandriana, antes do assoreamento subactual, verificado ao longo do litoral adjacente. Com efeito, a linha de costa manteve-se até época recente próximo da bordadura ocidental do maciço rochoso jurássico, constituindo arriba fóssil. Do lado norte, desenvolve-se depressão aberta, onde se instalou, no Holocénico, vasta laguna litoral, a “lagoa de Óbidos”, correspondente à parte terminal do rio Real.

Geometria da cavidade

A actual entrada da Gruta Nova – assim chamada para evitar confusões com outras grutas existentes nas imediações, conhecidas desde a segunda metade do século XIX, corresponderá à extremidade oposta da primitiva. Posta a descoberto em consequência da exploração de uma pedreira, esta entrada dá acesso a uma galeria, de início larga, mas estreitando progressivamente; segue-se uma câmara principal, relativamente alta; e, ao fundo, um estreito corredor, terminando por chaminé, actualmente entulhada, que não foi escavada. A primitiva entrada, totalmente fossilizada, correspondia a esta chaminé, a qual comunicava com a zona larga supra mencionada, onde se concentrou a presença humana (FERREIRA, 1984).

A gruta constitui actualmente uma espécie de “saco”, encerrado para o exterior no final do Plistocénico, já que no interior se não detectaram quaisquer presenças, humanas ou animais, de época holocénica. Trata-se, de forma geral, de uma cavidade estreita e alta, de planta irregular, com cerca de 20 m de comprimento, por 3 a 4 m de largura média, correspondendo a uma altura média de cerca de 10 m.

**Descoberta
e trabalhos iniciais
de 1962**

Neste parágrafo far-se-á a reprodução *in extenso* de documentação que pertence ao Arquivo do Doutor O. da Veiga Ferreira, confiado para estudo e ordenação a um de nós (J.L.C.). Crê-se que tal procedimento tem evidentes vantagens sobre as considerações que eventualmente se fizessem sobre tal documentação (que integra a reprodução do caderno de campo das escavações), pela fidelidade indiscutível de que se revestem no concernente às vicissitudes, faseamento e características dos trabalhos efectuados, bem como pela Exm^a família aos seus autores.

O primeiro documento é uma informação, assinada por O. da Veiga Ferreira datada de 18 de Junho de 1962, dirigida ao Engenheiro-Chefe dos Serviços Geológicos de Portugal (que então era o Eng. F. Moitinho de Almeida):

"Em cumprimento das ordens de V. Ex^a. venho relatar o que me foi dado observar durante a minha visita às **Grutas do Vale Roto** - Columbeira - Concelho de Bombarral.

Por indicações do Director Adjunto do Museu de Torres Vedras Sr. **Leonel Trindade** desloquei-me com este Senhor ao Bombarral. Aí entrei em contacto com o Sr. **Jorge de Almeida Monteiro** que havia assinalado novas grutas no Vale acima indicado.

Uma vez no local observei e reconheci **três novas grutas**, duas delas com muito interesse científico.

A primeira denominada "**Gruta Nova**" tem um depósito quaternário que começava a ser destruído e cujos trabalhos pedi para suspender. Nesta gruta além de sílex e quartzitos com trabalho mustieróide e tayacense mas atípicos, classifiquei a seguinte fauna: **Ursus arctos**, **Hyaena striata**, **Rhinoceros** sp., **Bos primigenius**, **Equus caballus**, **Cervus elaphus**, **Canis** sp. etc.

Na segunda gruta chamada do "Suão" identifiquei um enchimento de terra negra com cerâmica do tipo "Neo-eneolítico", restos de crâneos e maxilares humanos totalmente carbonizados, machados, enxós, lâminas de sílex e contas de colar feitas da concha de **Glycymeris**.

Do exposto, embora resumidamente, tenho a honra de afirmar a V. Ex^ª, estarmos em presença de duas jazidas pré-históricas da mais alta importância e que convém defender e preservar de futuras destruições”.

Com base na informação de O. da Veiga Ferreira, o Engenheiro F. Moitinho de Almeida dá conhecimento da situação à Junta Nacional da Educação, entregando na referida Instituição documento do seguinte teor (anotado à mão com a indicação “Entreguei cópia na JNE em 25/7/62”):

“No dia 15/5/62 o jornal “Ecos do Bombarral” n.º 109 publicou uma carta relatório do Dr. Leonel Ribeiro dirigida ao Exm.º Sr. Presidente da Câmara Municipal do Bombarral acerca das grutas do Vale Roto (Columbeira) e do seu interesse turístico e arqueológico.

Em 18/6/62 um funcionário técnico destes Serviços Eng.º Veiga Ferreira deslocou-se ao local, acompanhado pelos Ex.ºs. Srs. Jorge de Almeida Monteiro (descobridor das novas grutas) e Leonel Trindade.

A observação ao local mostrou tratar-se de três novas grutas pelo menos:

1) A “Gruta Nova” tem um depósito quaternário contendo indústrias de técnica mustierense e tayacense bem como uma fauna de vertebrados entre os quais podemos citar *Rhinoceros mercki*, *Ursus arctos*, *Hyaena striata*, *Bos sp.*, *Equus caballus*, *Cervus elaphus*, *Canis sp.*, etc.

Nos trabalhos de limpeza da gruta, executados pelos serviços da Câmara Municipal do Bombarral, parte deste depósito foi destruído.

Para evitar a sua destruição total foi pedida a suspensão dos trabalhos até se fazer uma exploração metódica debaixo da orientação do pessoal técnico dos Serviços Geológicos.

2) A “Gruta do Suão” contém um enchimento de terra negra com cerâmica neoneolítica, esqueletos humanos fragmentados, machados, enxós, instrumentos de sílex, contas de colar em conchas de *Glycymeris*, etc.

3) A “Gruta das Pulgas” está quase inteiramente entulhada pelo que não se pode dar informação pormenorizada sem se fazerem trabalhos de desobstrução.

Por carta de 10/7/62 o Exm.º Sr. Jorge de Almeida Monteiro informou da descoberta de várias outras grutas nas imediações das anteriores.

Em 19/7/62 – Numa segunda visita ao local dois técnicos destes Serviços Dr. Zbyszewski e Eng.º Veiga Ferreira examinaram a “Gruta Nova” onde verificaram a existência pelo menos de 4 níveis geológicos ou seja de cima para baixo:

- 4 - Um depósito de enchimento fossilizado por uma formação estalagmítica.
- 3 - Camada de terra negra com carvões e cinzas conservada no interior da gruta.
- 2 - Brecha ossífera com fauna quaternária e indústrias paleolíticas.
- 1 - Areias negras.

A base do complexo, por enquanto não é conhecida.

Pelas informações obtidas no local, tivemos conhecimento de que a Gruta do "Suão" começou já a ser explorada pelo dr. Leonel Ribeiro e por Jorge de Almeida Monteiro.

Nos próximos dias os técnicos dos Serviços Geológicos Dr. Zbyszewski, Dr. Camarate França e Eng^o. Veiga Ferreira vão-se deslocar a Bombarral para estudar as modalidades de uma exploração metódica do depósito quaternário da "Gruta Nova", que se deve iniciar no próximo mês de Agosto."

Pela transcrição, conclui-se que o Eng^o. F. Moitinho de Almeida conferiu importância, e até prioridade, às escavações da Gruta Nova, as quais foram realizadas sob a égide dos Serviços Geológicos de Portugal, mantendo-se a Junta Nacional da Educação a par da situação através do seu Vogal Relator, o próprio Eng. Moitinho de Almeida, que ali representava a Instituição que chefiava.

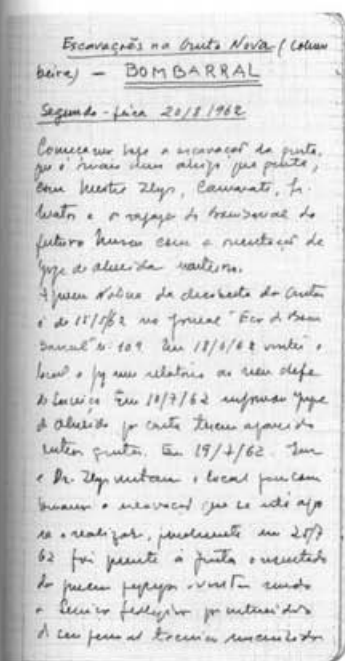
Com efeito, o início dos trabalhos deu-se a uma segunda-feira, 20 de Agosto de 1962, tendo-se prolongado até sexta-feira, 31 de Outubro de 1962. O relato dos mesmos encontra-se pormenorizadamente apresentado no Caderno de Campo cuja transcrição na íntegra se apresenta de seguida (Fig. 2).

"Escavações na Gruta Nova (Columbeira) Bombarral

Segunda-feira 20/8/962

Começámos hoje a escavação da gruta, que é mais um abrigo que gruta, com Mestre Zby, Camarate, Sr. Matos e os rapazes do Bombarral do futuro Museu com a orientação de Jorge de Almeida Monteiro.

Apareceu notícia da descoberta da Gruta: é de 15/5/62 no jornal "Eco do Bombarral" n.º 109. Em 18/6/62 visitei o local e fiz um relatório ao meu chefe de Serviço. Em 10/7/62 informou Jorge de Almeida por carta terem aparecido outras grutas. Em 19/7/62 eu e Dr. Zby visitámos o local para combinarmos a escavação que se está agora a realizar. Finalmente em 25/7/62 foi presente à Junta o resultado (...) e visitas sendo os Serviços Geológicos por intermédio do seu pessoal técnico incumbidos de começar os trabalhos.



2 | Primeira página (fac-símile) do Caderno de Campo de O. da veiga ferreira, relativo às escavações efectuadas na Gruta Nova da Columbeira, em 1962.

No corte deixado pela destruição do homem da pedreira começámos o trabalho de desmonte; neste corte podemos ver a seguinte sucessão:

- C.1 nível estalagmítico de espessura variável. Máximo 15 cm.
 - C.2 complexo brechóide castanho claro com fragmentos mais ou menos angulosos de calcário, grãos de quartzo, algumas concreções ferruginosas, restos de ossos, pequenos carvões, raízes, etc. (espessura de 0,50 a 0,60 m).
 - C.3 nível com concreções calcárias de tamanho médio mais ou menos 3 a 5 cm formando um leito mais ou menos contínuo da ordem dos 10 cm de espessura - alguns carvões no meio.
 - C.4 complexo cinzento acastanhado arenoso e um pouco silicioso, com fragmentos de calcário, algumas concreções, alguns fragmentos de ossos e dentes, carvões e indústrias líticas (0,30 a 0,50 m).
 - C.5 leito limonítico delgado da ordem dos 2 a 3 cm (mudança climática).
 - C.6 complexo de brecha castanha compacta ossífera com numerosos fragmentos de calcário, ossos, concreções calcárias, indústrias, carvões (0,80 a 1,00 m).
 - C.6a nível castanho escuro a negro, arenoso com ossos, indústrias, etc. concrecionado. A partir deste nível até à Camada 9 foi completado depois da escavação.
 - C.7 camada de terra negra terrosa com muita indústria de osso, sílex e quartzito (deu um dente de Neanderthal).
 - C.8 complexo de terra castanha de espessura variável com leitos de cinzas e "foyer" abundante em fauna e indústrias, líticas e de osso.
- Entre C. 8 e 9 nível estalagmítico.
- C.9 camada amarela de areia absolutamente estéril.

Chegamos à conclusão que as camadas superiores à brecha não têm um grau de interesse científico são quase estéreis e devido à sua grande dureza temos que a rebentar a fogo. Resolvemos fazer um tiro de maneira a estalar a brecha para se desmontar com facilidade e além disso se partir o menos possível. O tiro deu bom resultado e partiu por onde queríamos.

Terça-feira 21/8/62

Chegámos de manhã à gruta. Os amigos do Bombarral chefiados por Jorge de Almeida (Antero Furtado, António Joaquim Maurício e Vasco Côrtes) continuavam a crivagem das terras retiradas e que fazem parte do cone (...) acumulado na base da escarpa onde se abre a gruta. Apareceram muitas lascas, dentes e ossos. Encontrámos nas terras e provavelmente do nível preto um bom dente de **Rhinoceros merckii**. O trabalho na gruta continua bem. O desmonte da parte superior, como supúnhamos, deu quase nada. Apenas um crâneo de ave logo por debaixo da camada estalagmítica e um dente de **Cervus** na camada arenosa.



3 | Vista da encosta esquerda do vale Roto, na zona onde se abrem as grutas da Columbeira. A Gruta Nova corresponde à abertura situada mais à direita (foto obtida em 1962, no decurso das escavações).

Quarta-feira 22/8/62

Continuou-se o desmonte da camada da brecha. Fomos obrigados a dar mais um tiro pois apesar de o 1º ter estalado todo o depósito ficou em grandes blocos travados e com as cunhas e alavancas não se conseguiram apear. Continuou a abrir-se pela estratificação os blocos apeados e assim aproveitamos muitos ossos e dentes. Uma mandíbula de **Cervus** saiu inteira embora dentro da brecha rija.

Quinta-feira 23/8/62

Na parte que restava do 1º tiro tivemos ainda que dar um terceiro tiro. Estalámos mais alguns blocos e conseguimos retirar abundantes dentes sobretudo. Os ossos não aparecem inteiros nem há nada inteiro. A

presença de abundantes coprólitos de **Hyaena** ou qualquer felino implica 1 nível ocupado por grandes carnívoros que comiam os grandes herbívoros que caçavam e transportavam para a gruta. Vê-se perfeitamente não haver aqui ocupação humana. Os carvões encontrados no meio do depósito são provenientes por certo das curtas visitas humanas que aí se efectuavam. Carvões – temos recolhido o que pudemos de carvões. Verificamos que os carvões são de origem animal e não vegetal. São autênticos fragmentos de gordura carbonizada. É a primeira vez que tal vejo em escavações. Não conseguimos até à data os 40 g.

Sexta-feira 24/8/62

Continuou-se a exploração da brecha que está quase acabada pelo menos na entrada. A gruta apresenta-se agora larga, alta e bem proporcionada. Do lado direito da entrada nota-se uma formação estalagmítica que cobriu toda a parede e que tem grande espessura. A planta desta parte da gruta já foi levantada e o seu corte esboçado. Vê-se que por debaixo da brecha a camada com ocupação humana parece ser uniforme. Aqui a presença de leitos de habitat humano é nítida pois por todo o lado se vêem carvões, cinzas, ossos queimados, de mistura com instrumentos de tipo mustierense.

Segunda-feira 27/8/62

Acabámos a brecha da Camada 6a – a negra hoje da parte da manhã. Fizemos o corte de todas as camadas e à tarde começámos a escavar a terra negra por sectores de um metro. Entre o sector 2 e 3 do lado da parede e sobre uma pedra da brecha que estão soltas e foram colocadas ali de propósito foi encontrado um **dente de leite humano**. É a primeira vez que temos a certeza de encontrar um

resto humano no **Mustierense** em Portugal já se vê. Nas Salemas havíamos também encontrado um dente de leite humano muito gasto que Denise Ferembach classificou como pertencendo a uma raça do Paleolítico Médio. Este de hoje é com certeza do Mustierense e provavelmente **Néandertaliano**.

[nota no verso da página] parabéns ao Sr. Matos.

[nota no verso da página seguinte] aparece por debaixo da terra amarela uma camada estalagmítica que não sabemos por enquanto se fossiliza ou não algum nível mais antigo do que o Paleolítico Médio.

É estranho esta gruta ter só um único nível. Só como esta a gruta francesa da Chapelle-aux-Saints onde se encontrou pela primeira vez o esqueleto completo do **Homo neanderthalensis**.

Terça-feira 28/8/1962

Até hoje à tarde chegámos na escavação ao sector 4. De 1 a 3 em corte observa-se o seguinte (apresenta uma planta e um corte esquemáticos):

- a - terra castanha argilosa
- b - terra preta com cinzas e carvões possível leito de "foyer".



4 | Vista da entrada da Gruta Nova, no decurso das escavações de 1962 (de notar o sistema de crivagem dos sedimentos).

Quarta-feira 29/8/62

Hoje nenhum de nós foi à gruta. Posse do Director-Geral.

Quinta-feira 30/8/62

No corte do perfil 4 observa-se estratigrafia interessante. Além do nível de terra castanha escura, há leitos de areia e níveis de ocupação com cinzas e carvões

[apresenta um corte esquemático com a seguinte legenda]

a e b - níveis de ocupação humana no de terras castanhas estéreis e areias.

Vamos fazer hoje dois tiros: 1º. - na parte superior do depósito na camada de brecha e areias. 2º. - na camada de brecha 6.

Visita do nosso companheiro e amigo Leonel Trindade.

À tarde demos um terceiro tiro que acabou com o resto da brecha que ainda restava. O Zeca Camarate foi à lapa do Suão com o Antero, o Côrtes o Maurício e o Leonel Trindade.

[no verso da página] Gostaria de ver os homens do **quadrado**, do **pincel** e da **escôva** a trabalharem esta **brecha ossífera**. Devia ser um espectáculo singular!!



5 | Vista da entrada da Gruta Nova, no decurso das escavações de 1962

Sexta-feira 31/8/62

Hoje liquidámos toda a brecha [...] e limpámos a terra castanha no sector 4-5. Encontrámos muita fauna e muitos instrumentos. A **terra castanha** é uma formação semelhante à brecha. Simplesmente não foi impregnada pelo carbonato de cálcio. O seu aspecto lembra a camada superior das Salemas.

Deixámos à tarde tudo preparado para desmontar as camadas seguintes.

Sábado 1/9/69

Hoje não trabalhámos na gruta. Fui aos Serviços e à tarde comecei a desenhar à escala todos os cortes e planta da gruta.

Domingo 2/9/69

Hoje, na praia, tive a visita do Zby e da família. Trabalhei toda a manhã no desenho que concluí antes de eles chegarem. Passámos um dia agradável.

Segunda-feira 3/9/62

Hoje terminámos o sector III do perfil. Rectificámos o desenho do corte longitudinal e no fim da tarde deixámos o corte em 4 do perfil em condições de exploração.

Terça-feira 4/9/62

Fizemos da parte da manhã à chegada as fotografias do corte transversal em 4 e várias fotografias que necessitavam ser feitas. Depois começámos a atacar a Camada 6 que deu muita fauna.

À tarde começámos a atacar a Camada 7 terra negra que deu muito boa indústria. Foram encontradas algumas lascas, núcleos e pontas mustierenses típicas. À tarde visitou os trabalhos o Eng^o. Moitinho que gostou bastante de ver a gruta assim como a lapa Larga e as grutas dos arredores da Gruta Nova.

Quarta-feira 5/9/62

Começámos o corte transversal em 5 pela Camada 6, continuando a Camada 7 da terra negra que continua a dar grande quantidade de material.

O cinzeiro que começou a aparecer no Sector 4 continua no Sector 5 e vai para além deste; tem forma alongada.

Quinta-feira 6/9/62

Hoje terminámos o corte em 6 da terra negra e delimitámos o cinzeiro que tem a forma oval. O material continua a aparecer em abundância e apareceram os primeiros ossos trabalhados na extremidade. Fizemos várias fotografias e fomos completando os desenhos dos cortes longitudinais e transversais.



6 | Vista da entrada da Gruta Nova, no decurso das escavações de 1962.

Sexta-feira 7/9/62

Desmontou-se hoje a camada de terra amarela que está por debaixo da terra negra e que afunda para o lado direito da gruta. O **cinzeiro** começou também a ser desmontado.

Sábado 8/9/62

Hoje não se trabalhou na gruta. O Almiro começou a fazer o segundo socalco à entrada da gruta para suportar a terra crivada.

Segunda-feira 10/9/62

Segundo comunicação do Camarate, ele interrompeu os trabalhos até eu e o Zby irmos pois parece haver complicações estratigráficas ou antes litológicas com a camada inferior desde o Sector 4-5 e 5-6. Parece que entre a terra negra e a amarela há uma série de leitos de cinzas, carvões e terras castanhas. Amanhã veremos o que se vai fazer. Hoje fiquei no Serviço para atender a visita ao Museu do Jorge de Almeida, Antero Furtado e Vasco Côrtes. Parece que ficaram contentes com o que lhes mostrei.

Terça-feira 11/9/62

Hoje depois de discussão acesa entre o Mestre Zby e o Camarate assentou-se no trabalho a seguir. Assim desmontámos a camada 8 (nível com terra castanha,

subjacente à Camada 7 da terra negra). A Camada 9 de terra amarela é uma areia estéril. No corte 6 do lado direito vimos um amontoado de ossos e restos de instrumentos, verdadeira entulheira ou vazadouro dos homens primitivos que deixaram no meio da gruta o grande cinzeiro que ocupava o perfil n.º 5 e 6.

A quantidade de fauna encontrada é de grande categoria. Alguns instrumentos são muito típicos e confirmam o **Mustierense**.

O Dr. Leonel Ribeiro foi hoje à gruta e trabalhou connosco um bocado. Hoje escapámos por uma unha negra de sermos esmagados por uma camionete na Ribaldeira.

[no verso da página, encontra-se colado recorte do jornal diário "Diário de Lisboa", de 9/9/62, correspondente à transcrição de artigo publicado no jornal "Ecos do Bombarral", da autoria de Jorge de Almeida Monteiro, do seguinte teor]



7 | Vista em pormenor da entrada da gruta Nova, no decurso das escavações de 1962. À esquerda, o Doutor Georges Zbyszewski.

"Grutas da Columbeira

Brigadas de peritos dos Serviços Geológicos de Portugal ajudados pelos bombarralenses Antero Rodrigues Furtado, António Joaquim Maurício e Vasco Côrtes, têm estado na Columbeira em trabalhos de escavação e pesquisa nas grutas ali existentes, colhendo interessante material para a determinação de épocas e do valor arqueológico daquelas cavernas, que parece ser grande.

Os referidos peritos, entre os quais os srs. Drs. Georges

Zbyszewski e Camarate França, eng. Octávio da veiga Ferreira e o técnico sr. Matos, estão convencidos, pelos estudos a que têm procedido, de que se trata, na realidade, de uma considerável estação paleolítica e neolítica, possivelmente das mais importantes não só do país como da península.

Alguns dos objectos ali encontrados foram enviados para cuidadoso exame a centros da especialidade.

Está a ser seriamente encarada a possibilidade da valorização desta zona do Vale Roto não só sob o ponto de vista arqueológico - e numerosos são os arqueólogos nacionais e estrangeiros que a visitam com frequência - mas também no aspecto turístico."

[ainda na mesma página, O. da Veiga Ferreira escreveu]

Uma das notícias que foram publicadas pelos jornais durante a campanha de escavações do ano de 1962.

Escrevi hoje ao Prof. Abel Viana dando conta da escavação.

Também ontem fiz o mesmo com o Dom Fernando e Coronel Mário Cardozo.

[no verso da folha seguinte apresenta um corte esquemático do enchimento executado segundo o Perfil em 6. Refere ainda:]

A novidade interessante hoje foi a descoberta de muitos fragmentos de uma espécie de **Tartaruga**.

Quarta-feira 12/9/62

Liquidámos hoje a brecha no perfil correspondente à Camada 6 não atingindo o perfil 7. Do lado da parede há ainda restos do 6 sem a brecha. Começámos a desmontar o 6a sem ser concrecionado.

O desmonte da brecha arrasou o Almiro.

O Dr. Leonel Ribeiro esteve no Suão onde encontrou uma peça curiosa que em vez de ser furada para a suspensão era afeiçoada com dois chanfros trabalhados como nos punhais para o encabamento [apresenta pequeno esboço]. De tarde apareceu o Jorge de Almeida com os seus primos que eu já conhecia do Faial. É o célebre naturalista da primeira viagem que fiz ao vulcão dos Capelinhos.

Quinta-feira 13/9/62

Hoje continuámos o trabalho no mesmo ritmo. Assim conseguimos desmontar todo o 6a macio, 7 e 8 até à base. Apenas ficou o lado concrecionado. A parte por debaixo do grande cinzeiro era estéril, apenas constava numa área concrecionada como aliás é vulgar.



Hoje encontrámos os ossos completos de tartaruga. É uma espécie pequena e deve ser terrestre. O Camarate hoje não foi à gruta. Em todo o dia trabalhamos no sector VI.

8 | Vista do interior da gruta Nova, no decurso das escavações de 1962. Observa-se, em primeiro plano, em corte, a parte inferior da sequência estratigráfica, de coloração anegrada, conferida sobretudo pelos materiais carbonatados da camada 8, contrastando com a parte superior, de coloração mais clara, correspondente à camada 6, de características brechóides, impregnada de carbonato de cálcio.

Continuamos a encontrar muito material como pontas e raspadores de típico Mustierense, com trabalho na extremidade e fauna variada. Até à data e apenas estamos no princípio da escavação já temos uma abundante indústria e uma típica fauna de clima quente e húmido.

Sexta-feira 14/9/62

Hoje continuámos a desmontar o sector VI, Camadas 6 e 6a que são de brecha. Tivemos que fazer dois tiros. O 1º. deu muito bom resultado. O 2º. foi fraco. Eu não pude orientar bem o fogo pois estava com muita febre e cólicas nos intestinos e rins prenúncio da febre intestinal que me sobreveio para a tarde. A viagem que fiz no jeep nunca mais me esquecerá. Aos saltos, com dores terríveis na cabeça, com febre, enfim um sacrifício terrível.

Sábado 15/9/62

Hoje não fomos à gruta. O Almiro ficou a limpar e arranjar a entrada da gruta. Eu continuei com febre e todo o dia deitado sem poder levantar a cabeça. Há 20 anos que eu não sabia o que era ter febre.

Segunda-feira 17/9/62

Hoje no perfil 7 toda a frente é quase brecha. As espessuras das camadas diminuem. Desmontámos tudo até à base.

Terça-feira 18/9/62

Fomos obrigados a dar mais um tiro do lado esquerdo que deu muito bom resultado. Verificámos que a brecha mergulha para o lado esquerdo da gruta e a inclinação aumenta muito. Tenho a impressão que o nível arqueológico vai acabar ou pelo menos diminui muito.

Quarta-feira 19/9/62

Depois de toda a limpeza da frente verificámos que ultrapassámos já o perfil 8 do lado direito da gruta. Também notámos que a terra castanha que enche a parte superior da gruta é terra estéril vinda da chaminé superior. Os níveis arqueológicos diminuem muito.

Ficou preparado um outro tiro na parte superior da brecha. Verificámos que a brecha começa a ser muito estéril ao contrário do que sucedia antes. Isto parece indicar que o nível de ocupação da gruta, pelo menos no mustierense, parece acabar.

Quarta-feira, 20/9/62

Hoje demos dois tiros no resto da brecha que está entalhada na garganta do lado esquerdo da gruta. A brecha é muito má de estalar e com o "chato" do Camarate

pa, pa, pa, ainda é pior. Cheguei hoje a casa arrasado dos nervos de o ouvir em todo o dia. É de mais começa a ser impossível trabalhar com um tipo assim. O Almiro coitado estava encharcado em suor.

Sexta-feira 21/9/62

Hoje sem a metralhadora "Camarate" fizemos um bom serviço. Demos um tiro magnífico no resto da brecha que a liquidámos. Por detrás apareceu a toda a altura já dentro da 2ª camada toda a altura do corte. Grande altura de entulhos estéreis teremos que desmontar. A camada arqueológica negra continua a mergulhar e parece diminuir de espessura. Devido à grande altura do entulho teremos que fazer o avanço em degraus.

Na sala chamada do "Sino" pelo som emitido por uma grande estalagmite [sic] que pende do tecto quando se lhe bate começámos hoje à tarde o desmonte das terras estéreis.

Sábado 22/9/62

Não fomos à gruta mas o Almiro continuou a esvaziar a gruta do entulho.

Segunda-feira 24/9/62

Continuamos a exploração da terra estéril num trabalho gigantesco. Nada de anormal surgiu. Do lado direito começou a aparecer uma galeria.

Terça-feira 25/9/62

Continuámos o desmonte da camada de entulho dentro da câmara do sino.

A camada estalagmítica começa a aparecer bem. Na camada 6 começam a aparecer ossos e coprólitos.

Quarta-feira 26/9/62

Hoje continuámos o trabalho de desmonte que tem sido uma tarefa formidável. Ao fim do dia tínhamos retirado grande quantidade de terra.

Quinta-feira 27/9/62

Continuámos o mesmo trabalho de desmonte de terras. Ao fim do dia tínhamos conseguido retirar todo o entulho preparando assim o trabalho de desmonte da Camada 6.

Encontrámos um belo dente de **Rhinoceros mercki** e outro de **Hyaena spelaea**.

Sexta-feira 28/9/62

Todo o dia retirámos terra da maldita gruta sem se encontrar quase nada de interesse. Ao fim da tarde dei uma queda com o carro de mão cheio de terra que

deu como resultado uma distensão [sic] no músculo da barriga da perna esquerda que me deixou muito coxo.

Sábado 29/9/62

Hoje começámos a arrumar a terra retirada. O Almiro lá ficou a preparar para segunda-feira.



9 | Vista do interior da Gruta Nova, no decurso das escavações de 1962. Em primeiro plano, à direita, assinala-se o local onde se recolheu o dente de néandertal, sobre a camada 9, numa zona de contacto directo com a camada 7.

Segunda-feira 1/10/62

Hoje retirámos toda a terra até chegar à Camada C.8 nos sectores 9 e 10. Ao fim da tarde o trabalho tinha atingido o fim. A camada negra sobe para o interior da câmara do sino.

Terça-feira 2/10/62

Hoje desmontámos a terra da Camada 8 no sector VIII até à base. Encontrámos muita indústria atípica e nenhum ou quase nada de ossos. Apenas uma raspadeira côncava com técnica absolutamente mustierense foi encontrada.

Terça-feira 16/10/62

Retomei a minha participação da escavação da gruta depois da interrupção por causa do trabalho da Idanha.

Nestes 14 dias de ausência os trabalhos orientados pelo Mestre Zby com a ajuda do Eng^o. Jorge de Alvim e o Sr. Matos avançaram desde o perfil 9 ao 13. Hoje quando chegámos começámos o trabalho por retirar a terra toda escavada ontem que se sobrepunha à camada de terra castanha C.8.

Quarta-feira 17/10/62

Hoje logo à chegada fomos com o Jorge de Almeida ver um forno de cozer cerâmica numa localidade perto do Bombarral. Vimos alguns “[...]” de barro medievais muito semelhantes aos encontrados na Idanha. O forno todo arrasado até à grelha está entulhado. Depois vimos uma localidade em frente do Castelo de S. Mamede onde parece ter havido uma vila romana. Fomos acompanhados por um amigo do Jorge de Almeida chamado João e que é o dono do antigo palácio de [...] [...]. Situado nesta localidade. É uma pessoa simpática e muito prestável. Percorremos depois a crista de calcários dolomíticos de S. Mamede onde se abrem grutas.

Quinta-feira 18/10/62

Continuámos a limpeza da gruta e começámos a destruir a estalagmite do perfil 3. Tivemos que empregar fogo e mesmo assim ainda não acabámos.



10 | Vista do interior da Gruta Nova, no decurso das escavações de 1962. De notar o sistema de prancheta utilizado para registo dos achados e desenho das estratigrafias.

aparecem verdadeiras lumachelas de pequenos ossos de roedores. Fomos ver depois o castro da Columbeira – denominado o “Castelo Velho”. A excursão foi orientada pelo Almiro e companhia do Sr. Matos, “Necas” Martins, Antero, Jorge de Almeida, Maurício e Mário de Carvalho.

[no verso da folha apresenta desenho com a seguinte legenda]

Esquema do Castro da Columbeira com duas ordens de muralhas. Encontraram-se 3 pontas de seta; cerâmica lisa, cerâmica canelada tipo Vila Nova de S. Pedro; lâminas; um machado, etc.

Terça-feira 23/10/62

Continuámos hoje a escavação da camada inferior nos sectores 5 e 6. A dureza desta camada inferior que é a base da Camada 8 é muito considerável.

Quarta-feira 24/10/62

Não há alteração. O ataque a fogo continuou monótono e lento; exasperante.

Quinta-feira 26/10/62

Descobrimos um nível manganesífero pouco espesso com muitos ossos e alguns

Sexta-feira 19/10/62

Hoje atacámos a camada estalagmítica com mais alguns tiros e muita martelada. A limpeza começa a aparecer em toda a sua largura.

Sábado 20/10/62

De manhã limpou-se os restos deixados pelos tiros da véspera.

Segunda-feira 22/10/62

Continuámos a destruir a camada estalagmítica. Entre as camadas de estalagmite

nódulos que se estende de pelo menos o perfil 11 até o perfil 4. Frente a 4 e 6 a bancada é muito espessa sem contudo passar acima de 20 centímetros.

Sexta-feira 26/10/62

Hoje chegámos à rocha no perfil 5. Continuámos todo o dia com o fogo de arranque. Vi a 6 metros de distância escondido num buraco dentro da gruta a explosão de um dos tiros. É um espectáculo formidável para o qual, mesmo com as precauções técnicas essenciais é necessário ter alguma coragem.

Sábado 27/10/62

Continuou o Almiro com a limpeza da gruta.

Segunda-feira 29/10/62

Hoje houve dois tiros que deram muito bom resultado. Nesta altura começámos a descobrir a rocha da base à entrada e vamos seguindo atrás dela para o interior para limparmos o resto. A brecha de base continua a ser muito dura. Encontrámos duas belas lascas.

Terça-feira 30/10/62

Hoje desobstruímos a entrada da fenda que sobe para a gruta. Os tiros deram bom resultado e conseguimos limpar tudo até à rocha do lado esquerdo. Por debaixo da camada estalagmítica existe uma areia concrecionada que desce até o fundo da fenda.

Quarta-feira 31/10/62

Praticamente acabamos hoje a escavação na gruta. Terminei o corte e fiz o levantamento da planta da gruta.

Perto do fim da escavação, a 1 de Outubro de 1962, o Eng^o. Fernando Moitinho de Almeida, na qualidade de Vogal Relator da Junta Nacional da Educação, enviou a este organismo consultivo do Ministro da Educação Nacional o seguinte Ofício:

"Exm^o. Senhor Presidente

Em cumprimento do despacho de V^a. Ex^a. de s5 de Julho do corrente ano, cumpre-me relatar o Processo n^o. 1634 (3^a. Sec. - L^o. 6-K).

Compreende este recorte um recorte do jornal "O 1^o. de Janeiro", do Porto, de 28/6/62 sob o título: "As grutas da Columbeira podem constituir uma estação arqueológica de grande valor", procedente do Secretariado Nacional de Informação.

As grutas do Vale Roto - Columbeira, no Concelho do Bombarral, têm interesse não só arqueológico como turístico.

Como estações arqueológicas e de interesse turístico, são as grutas da Columbeira conhecidas desde longa data. Assim, a "Lapa do Suão" foi explorada por Santos Rocha e Sales Henriques, sem contudo ter sido esgotado o seu depósito arqueológico; a "Gruta do Caixão" sofreu também uma exploração em tempos antigos; nos Serviços Geológicos existe uma colecção proveniente duma gruta da Columbeira, feita por Nery Delgado.

Ultimamente foi descoberta a "Gruta Nova", com um nível mustierense de grande valor na arqueologia e na estratigrafia do Quaternário. Esta última gruta, assim como as da região, continuam em exploração pelo pessoal técnico dos Serviços Geológicos, com a colaboração da Câmara Municipal do Bombarral. Já tivemos honra de apresentar nesta secção (reunião de 25/7/62) o relatório da descoberta e dos primeiros trabalhos ali efectuados, o qual foi então anexo a este Processo n.º 1634.

Acabadas as explorações arqueológicas seria de interesse fazer alguns trabalhos de desobstrução e limpeza nas referidas grutas, para as tornar visitáveis turisticamente".

Uma palavra, a finalizar este capítulo, é devida no respeitante à natureza das metodologias empregues nos trabalhos descritos e às consequências que delas resultam relativamente ao potencial informativo das colecções assim reunidas. É óbvio que se trata de métodos que terão se ser entendidos à luz da época e das circunstâncias históricas em que tiveram lugar. Os padrões de eficiência que os informam são especialmente datados, como agora são os nossos: certamente que no futuro não faltará quem recrimine actuais arqueólogos de períodos históricos por não aplicarem ao estudo de uma qualquer *villa* romana a mesma minúcia "do quadrado, do pincel e da escôva", hoje corrente em Pré-história, e que O. da Veiga Ferreira teve por incompatível com a extracção de uma espessa camada de brecha, que só pôde ser "atacada a fogo" e hoje procuraríamos remover de forma mais controlada, embora ainda com o recurso a meios pesados, como o martelo pneumático.

Mas, se nos métodos utilizados em 1962 na Gruta Nova da Columbeira podemos encontrar factores limitativos para a recuperação plena do potencial informativo das colecções recolhidas, é justo também salientar as suas virtualidades, corrigindo aliás uma visão demasiado simplista, senão malévola, que ocasionalmente se vê repetida. Assim, as metodologias de escavação referidas contemplaram designadamente:

- > a escavação por camadas naturais (e não por camadas artificiais) e, dentro destas, a escavação por "sectores" (estabelecidos como faixas transversais de um metro, ao longo do eixo maior da gruta, da entrada ao fundo);
- > a crivagem sistemática de todos os sedimentos;

- > a recolha, durante a escavação, de restos carbonosos (percebe-se a determinado passo do diário de O. da Veiga Ferreira que este tinha já em mente a eventualidade de datações por Carbono 14, uma vez que refere não terem ainda sido alcançados "até à data os 40 g", grandeza usualmente tida por necessária, na época, à obtenção de tais datações);
- > o registo sistemático de proveniência (camada e sector) de todos os artefactos líticos e restos faunísticos.

Nestes termos, pode concluir-se que os conjuntos líticos e faunísticos de que dispusemos para estudo preenchem os requisitos mínimos de homogeneidade que os tornam utilizáveis para o tipo de diagnose que nesta monografia desenvolvemos. Certamente que eles correspondem, na definição das "unidade estratigráficas mínimas" que os escavadores detectaram (camadas), a palimpsestos, ou seja, a acumulações de presenças humanas e/ou episódios sedimentares que porventura outras metodologias poderiam discriminar. Mas, por definição e especialmente em grutas, todos, ou quase todos, os sítios e horizontes arqueológicos são palimpsestos. A individualização de presenças humanas, medidas à escala de comportamentos etnográficos, para além de rara e dificilmente documentáveis (autores como François Bordes, por exemplo, mais cépticos, consideravam mesmo que jamais as nossas metodologias nos permitiriam a sua positiva comprovação), está longe de constituir a base epistemológica em que se funda a arqueologia pré-histórica. Bem pelo contrário. O problema está em saber se, para os padrões metodológicos e o grau de conhecimentos de cada época, os palimpsestos de que dispomos constituem recortes temporais suficientemente operativos. Neste caso, é fora de dúvida que as camadas naturais identificadas durante os trabalhos de 1962 na Gruta Nova da Columbeira e os critérios de recolha que foram aplicados às colecções arqueológicas que delas resultaram, preenchem plenamente tais requisitos. A maior limitação que lhes podemos apontar não se encontra, aliás, na sua maior ou menor integridade temporal, mas na ausência de registo da sua distribuição espacial. Com efeito, salvo breves referências cursivas quanto à forma e posicionamento de determinada lareira, à localização de acumulações de ossos animais, tidos como restos culinários, etc., nenhuns outros pormenores são dados quanto à organização espacial dos horizontes arqueológicos detectados, dos quais não existem registos gráficos adequados. Seria porém bastante mais comprometedor para futuros estudos como o nosso que as prioridades se tivessem invertido, ou seja, se tivesse sido atribuída maior atenção ao desenho de eventuais estruturas de *habitat*, do que ao registo e descrição rigorosos das estratigrafias, como foi feito. As Figs. 3 a 6 documentam diversos aspectos do exterior da gruta, no decurso das escavações de 1962, enquanto as Figs. 7 a 10 ilustram a escavação do enchimento arqueológico existente no interior da cavidade.

Trabalhos ulteriores a 1962

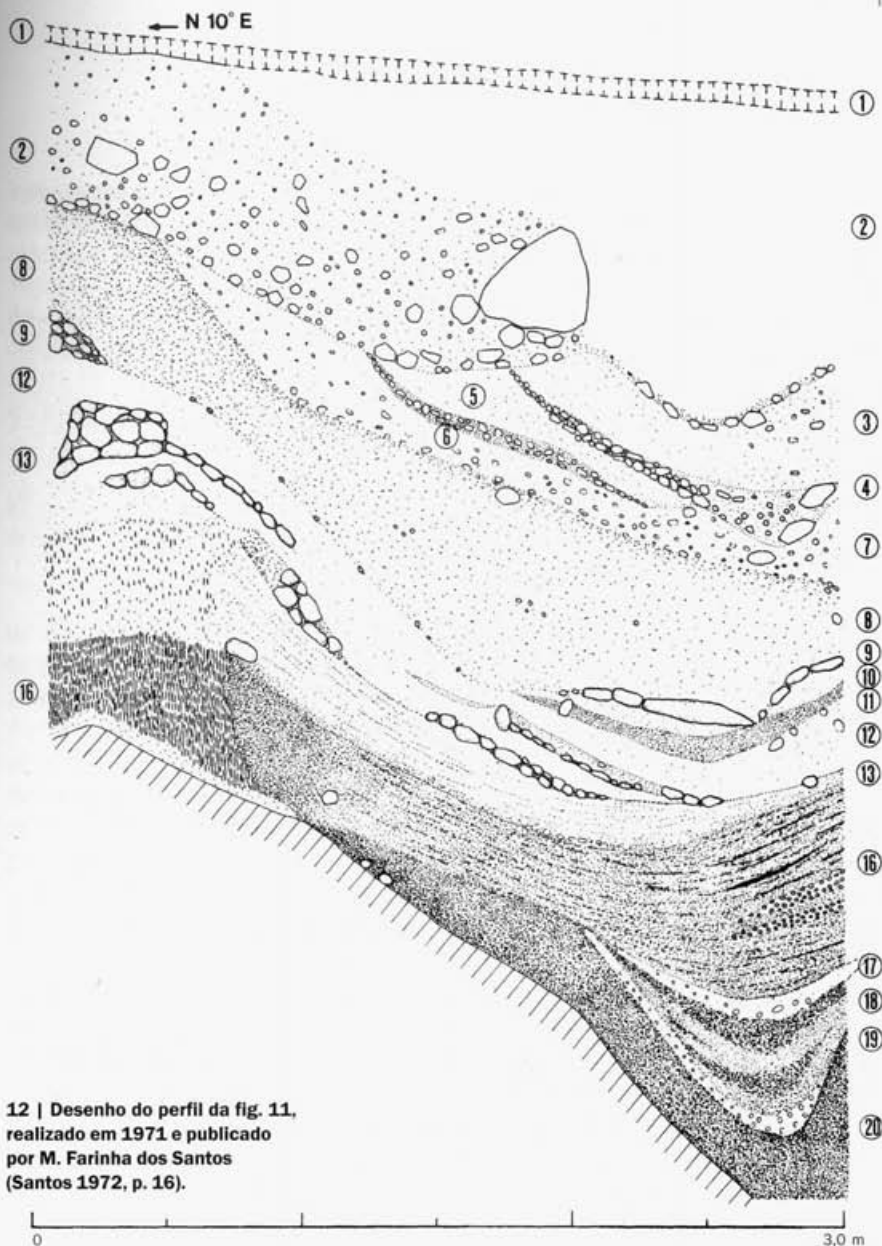
Até ao final da década de 1960 nada mais se efectuou na Gruta Nova, nem a sua valorização turística teve seguimento. Em 1971, Jean Roche, que pretendia prosseguir estudos arqueológicos em Portugal em estreita colaboração com os Serviços Geológicos de Portugal, na sequência dos trabalhos efectuados nos concheiros de Muge, terminados em 1967, obteve apoios para realizar um corte estratigráfico, o qual não alterou significativamente o conhecimento da sucessão anteriormente descrita, embora lhe conferisse maior pormenor, no que foi acompanhado, como já o havia sido nas escavações de Muge, por O. da Veiga Ferreira (Fig. 11).



11 | Aspecto parcial do corte estratigráfico realizado na Gruta Nova da Columbeira, tal como subsistia no final dos últimos trabalhos de Jean Roche no local.

Os trabalhos limitaram-se à regularização do corte-testemunho anteriormente preservado e ao registo gráfico mais detalhado da respectiva sequência, onde se recolheram também carvões que permitiram datação. Os vinte níveis então isolados, observados entre os 11 e os 12 m da entrada actual (Fig. 12), correspondem a sucessão já publicada (SANTOS, 1972, p. 16). Confrontada com a descrição anterior verifica-se que, na segunda, as unidades estratigráficas já reconhecidas se encontram desdobradas, correspondendo porém aos episódios sedimentares identificados anteriormente, que foram os utilizados no registo das colecções que nos serviram de base à presente monografia.

Os trabalhos referidos, além de não originarem qualquer publicação, também não serviram de incentivo para o estudo e publicação do rico espólio recolhido nos Serviços Geológicos de Portugal, com excepção de pequeno conjunto escolhido, em exposição no Museu Municipal do Bombarral. Naturalmente, era preocupação dos responsáveis por este estabelecimento, a recuperação da totalidade do espólio exumado. Disso é prova o seguinte ofício, assinado pelo Presidente do Conselho de Gestão dos Serviços Geológicos de Portugal, datado de 8 de Julho de 1977, que se transcreve na íntegra, visto ser explícito quanto ao destino último dos materiais em apreço:



12 | Desenho do perfil da fig. 11, realizado em 1971 e publicado por M. Farinha dos Santos (Santos 1972, p. 16).

"Exm°. Senhor

Director do Museu do Bombarral

Relativamente ao assunto apresentado pessoalmente por V. Ex^a. no passado dia 23 e referente à entrega a esse Museu do espólio de Gruta Nova da Columbeira (Bombarral) o qual é proveniente das escavações efectuadas pelo pessoal dos Serviços Geológicos e actualmente aqui depositado, cumpre-me informar V. Ex^a. de que esse material ainda se encontra em estudo pelo Dr. O. da Veiga Ferreira, pelo que, de momento, ainda não poderá ser retirado.

O atraso verificado naquele estudo deve-se unicamente a causas estranhas a estes Serviços e assim lamentamos não poder satisfazer o vosso pedido, com a prontidão pretendida.”

As causas estranhas a que o Ofício se refere encontram-se explicitadas na informação, cujo original manuscrito pertence ao espólio de O. da Veiga Ferreira, assinado pelo próprio e por G. Zbyszewski, datado de 27 de Junho de 1977, quatro dias após o pedido ter sido apresentado pelo Museu do Bombarral, a qual, a dado passo, refere o seguinte:

“O atraso desse estudo deve-se à negligência do Abade Jean Roche que numa dada altura pediu para colaborar com os técnicos dos Serviços Geológicos trabalho esse que nunca fez”.

A partir desta data não voltaram a existir trabalhos significativos na gruta. Quanto ao espólio conservado nos Serviços Geológicos de Portugal, e como se conclui do resumo histórico acima apresentado, entrou-se num verdadeiro impasse, agravado pela situação de reforma que atingiu em 1979 Georges Zbyszewski e, em 1986, O. da Veiga Ferreira. Tal panorama não se alterou com a intervenção que sabemos ter sido realizada naquela década, ainda sob responsabilidade de Jean Roche e visando a obtenção de novas amostragens, designadamente para datação, a qual, dada por certo a magreza de resultados, não foi objecto de qualquer tipo de publicação e ou mera notícia pública, mas deixou visível na gruta uma coluna de escavação a partir do perfil geral anteriormente desenhado, que assim ficou muito mais fragilizado.

De modo a assegurar a efectivação rápida deste estudo, os materiais existentes e em depósito na citada Instituição foram transportados por iniciativa de O. da Veiga Ferreira, aquando da sua passagem à reforma, para o Departamento de Ciências da Terra da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, com o fim explícito de ali se efectivar a respectiva análise e publicação – o que começou por ser feito, na parte relativa aos materiais de grandes mamíferos, por um de nós (J.L.C.), no âmbito da sua dissertação de doutoramento (CARDOSO, 1993).

Ficavam por estudar as indústrias líticas, as quais haviam sido apenas muito superficialmente referidas em diversos estudos anteriores (ZBYSZEWSKI, 1963; FERREIRA, 1964, 1966, 1984; ZBYSZEWSKI *et al.*, 1980/81; BARANDIARÁN e FERREIRA, 1972). Para o efeito, foi dirigido pelo primeiro signatário convite ao segundo signatário (L. R.), tendo ambos desenvolvido o respectivo estudo entre 1994 e 1996. Desta iniciativa, na qual O. da Veiga Ferreira não pôde já participar efectivamente, mas que acompanhou no seu início, resultaram entretanto dois trabalhos (RAPOSO e CARDOSO, 1997, 1998). Importava, no seguimento destes

estudos específicos, preparar uma monografia de síntese, na qual se pudessem desenvolver alguns dos assuntos abordados anteriormente, relacionando-os com as condições gerais da estação (implantação, estratigrafia, cronologia absoluta), bem como assegurar a ilustração adequada das indústrias mustierenses, por via da apresentação de desenhos de número significativo de exemplares, incomportáveis em artigo de revista.

Também a publicação da documentação conservada no arquivo de O. da Veiga Ferreira, de inegável interesse histórico para o conhecimento das circunstâncias da intervenção arqueológica na gruta, só seria possível em publicação alargada, de índole monográfica – ideia que em boa hora a Câmara Municipal do Bombarral abraçou, conferindo o indispensável apoio para que esta se concretizasse nas melhores condições. Por isso, é com fundadas razões que apresentamos os nossos sinceros agradecimentos ao Executivo Municipal, que a viabilizou e publicou.

Uma vez cumprida a fase de estudo que esta monografia encerra, estão agora reunidas as condições para, finalmente, se retomarem os trabalhos de campo na gruta, tomando como referência os resultados ora publicados, bem como a promoção das iniciativas de protecção, valorização e aproveitamento turístico e cultural, que já constavam dos objectivos apontados em 1962, na altura da conclusão da campanha de escavações realizada naquele ano.

Compreende-se, nestes termos, que ao darmos à estampa a presente monografia, não possamos deixar de recordar O. da Veiga Ferreira, que nela já não pôde colaborar. O seu trabalho esforçado em prol da Arqueologia portuguesa, tantas vezes solitário e incompreendido, encontra nas páginas do diário das escavações acima transcritas expressiva confirmação. Por isso, é um acto de elementar justiça que o seu nome seja associado postumamente, na qualidade autor desta monografia: embora não tenha participado na sua preparação, ela só foi possível mediante a sua acção persistente e empenhada, tanto na escavação da Gruta Nova como depois dela, proporcionando e viabilizando condições favoráveis ao estudo dos materiais recuperados.

| Trabalhos publicados

Em obra monográfica como esta não se afigura redundante uma análise objectiva de cada uma das mais relevantes publicações até ao presente aparecidas com referências à Gruta Nova, as quais, naturalmente, seriam incomportáveis em estudo de índole mais circunscrita.

Logo em 1963, imediatamente após a conclusão da escavação da gruta, surgem duas notas preliminares sobre os resultados dos trabalhos realizados. O. da Veiga Ferreira publicou breve relato das descobertas, no contexto de outras, então recentemente produzidas no âmbito dos estudos pré-históricos em Portugal (FERREIRA, 1963). Ao mesmo tempo, G. Zbyszewski apresentou, no “Boletim da Academia das Ciências de Lisboa”, relativo aos meses de Março e Abril, curta descrição dos trabalhos realizados, nos quais colaborou activamente, e dos resultados obtidos. Neste curto relato, publica-se a sequência estratigráfica que, com poucas modificações, corresponde à ulteriormente adoptada por outros autores, e refere-se que o testemunho conservado corresponde aos depósitos mais pobres, situados no fundo e do lado esquerdo da câmara principal (ZBYSZEWSKI, 1963, p. 144). Este trabalho apresenta ainda uma lista faunística, a qual também não viria a sofrer modificações de maior até ao estudo sistemático dos restos, publicado apenas em 1993 (CARDOSO, 1993). A importância da presença humana na gruta foi já então devidamente realçada, mencionando-se o talhe local da pedra, denunciado pela abundância de núcleos, lascas e resíduos e assinalando-se o facto da parede esquerda da gruta se encontrar revestida de camada negra e gordurosa, resultante dos fumos produzidos que se escoavam pelas fendas do tecto. O abandono da cavidade pelo homem teria sido determinado pela penetração de sedimentos mais ou menos grosseiros oriundos da chaminé do fundo da gruta, os quais a colmataram progressivamente. Este episódio poderá relacionar-se com fase fria onde os gelifractos teriam desempenhado importante papel na sedimentação. Enfim, a precipitação do carbonato de cálcio das águas de circulação proporcionou a cimentação das camadas superiores do enchimento, com destaque para a C. 6 que, como se disse, constitui verdadeira brecha óssea, com escassas indústrias. As derradeiras presenças na gruta foram, com efeito, corporizadas apenas por predadores e, mais tarde, por aves de rapina.

Em 1964, em revisão efectuada sobre as estações portuguesas plistocénicas com faunas de grandes mamíferos, O. da Veiga Ferreira apresenta uma breve descrição da estratigrafia, condensada a quatro unidades principais e uma listagem, também sumária, das espécies de mamíferos encontrados (FERREIRA, 1964). Entretanto, D. Ferembach (FEREMBACH, 1964/1965) publicou nota sobre

o dente molar inferior mustierense recolhido na escavação de 1962 (ver a menção à descoberta no diário das escavações de O. da Veiga Ferreira). Este arqueólogo, dando continuidade à divulgação desta importante descoberta, apresentou em 1965 ao IV Colóquio Português de Arqueologia, estudo intitulado "Acerca dos primeiros restos de *Homo neanderthalensis* encontrados no Mustierense de Portugal" (FERREIRA, 1966). Ali se resume o historial da descoberta e as condições em que se desenrolaram as escavações, descrevendo-se a estratigrafia (sequência idêntica à publicada por ZBYSZEWSKI, 1963) e as características espeleométricas sumárias da cavidade. Apresenta-se também uma listagem das espécies faunísticas, mais desenvolvida que a indicada nos trabalhos anteriores. Merece destaque a afirmação de a totalidade das indústrias recolhidas nas camadas 4 a 9 serem mustierenses (as camadas 1 a 3 não deram artefactos, como o próprio autor declara). De assinalar, também a referência a "indústrias talhadas em ossos de *Rhinoceros*" (FERREIRA, 1966, p. 371).

O interesse da existência potencial de artefactos ósseos mustierenses (observação inédita na altura), cuja autenticidade é ainda hoje objecto de discussão, como adiante se verá, terá estado na origem do estudo empreendido em colaboração com I. Barandiarán (BARANDIARÁN e FERREIRA, 1971). No que se refere à Gruta Nova, os autores assinalam três peças que consideram seguramente trabalhadas, com destaque para um pico triédrico afeiçoado em uma esquirola de osso longo, atribuído pelos autores a Rinoceronte (*op. cit.* Fig. 4, nº 1). Este exemplar, exposto no Museu do Instituto Geológico e Mineiro, onde foi observado, não conserva elementos de diagnose suficientes para uma atribuição segura a Rinoceronte, embora possua levantamentos esquirolosos possivelmente devidos a utilização como raspador. Para além destes três exemplares, os autores registam a ocorrência de outros, com extremidade apontada, que admitem não intencional. Estes aspectos serão adiante discutidos, quando se apresentarem algumas peças isoladas de entre as numerosas esquirolas ósseas identificadas entre o respectivo espólio.

Jean Roche, que em 1971, conforme indicámos anteriormente, havia executado o reavivamento do corte-testemunho preservado em 1962 e procedido a leitura estratigráfica de pormenor da sequência estratigráfica correspondente, integrou os resultados dos estudos faunísticos, de O. da Veiga Ferreira, em trabalho mais vasto, dedicado ao clima e às faunas do Paleolítico Médio e Superior da Estremadura portuguesa (ROCHE, 1971), publicado em França, no ano seguinte. Este estudo encontra-se actualmente desactualizado e, em parte, baseado em dados erróneos ou muito incompletos, possuindo, deste modo, apenas interesse histórico (por exemplo, assinala a presença de duas espécies de hiena, o que não corresponde à verdade, registando, por outro lado *Dicerorhinus kirch-*

bergensis como espécie de Rinoceronte que é, no entanto, outra: *Dicerorhinus hemitoechus*, com significado ecológico e cronológico distinto).

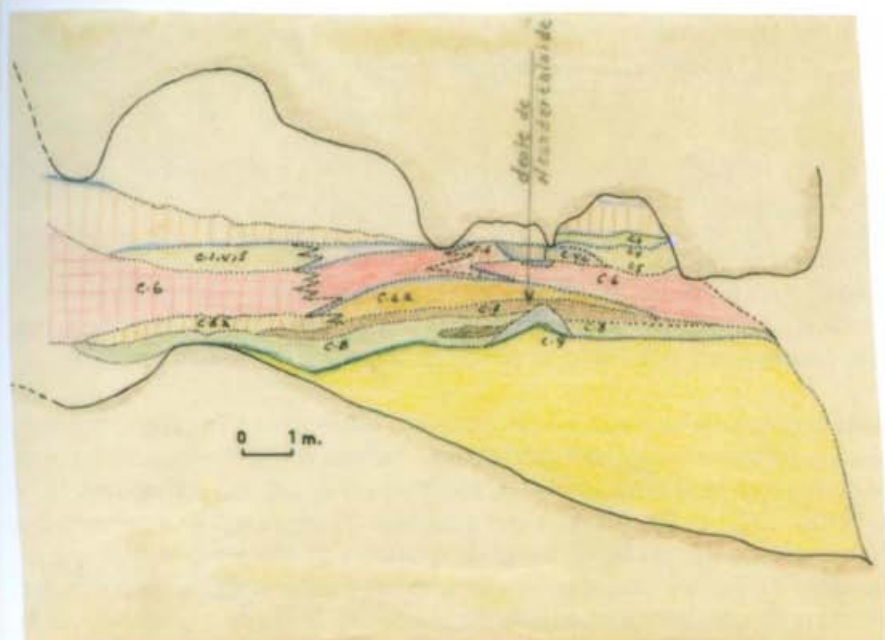
O último trabalho dedicado à Gruta Nova, antes da nossa própria intervenção, já consubstanciada por dois estudos publicados (RAPOSO e CARDOSO, 1997 a, 1998 a), deve-se a O. da Veiga Ferreira: foi publicado no volume de homenagem a G. Zbyszewski e intitula-se, significativamente, "O mais importante nível de ocupação do caçador néandertal da Gruta Nova da Columbeira" (FERREIRA, 1984). Nele se apresenta, pela primeira vez, um corte abarcando longitudinalmente toda a gruta, com representação das principais unidades estratigráficas consideradas; com efeito, exceptuando a publicação, por M. Farinha dos Santos, em 1972, do corte realizado em 1971 por J. Roché e O. da Veiga Ferreira (SANTOS, 1972, p. 16), nenhum documento gráfico se tinha publicado sobre a sequência observada.

Neste trabalho e no que diz respeito à tipologia das indústrias, o autor reafirma, de modo inequívoco, a sua natureza, exclusivamente mustierense: "Esta escavação permitiu o estudo dum rico depósito, todo mustierense de cima a baixo..." (*op. cit.*, p. 366), atribuindo a indústria a um Mustierense de fácies Levallois, conclusão por nós agora plenamente confirmada. Esta conclusão foi, entretanto reafirmada em estudo de conjunto sobre as jazidas plistocénicas portuguesas de interesse paleoantropológico, no qual se refere que, "De haut en bas la série est toute du Paléolithique moyen avec industrie moustéro-levalloisienne (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1980/1981, p. 11).

Debruçando-se particularmente sobre a C. 8, refere que o seu máximo desenvolvimento atingia os 13 m, sendo a respectiva espessura, nalguns locais, de 0,60 m. Tratava-se de acumulação resultante de diversos "foyers", que se desenvolviam no referido nível, alguns dos quais evidenciados por grande acumulação de cinzas. A intensidade das combustões produzidas deixou marcas nas paredes, cuja importância já fora antes referida; o autor realça, agora, o facto, assinalando que nalgumas zonas da chaminé por onde se escoavam os fumos, a espessura de negro de fumo atingia os 3 cm.

Foi numa ilhota de estalagmite, assinalada em corte estratigráfico longitudinal dos depósitos que preenchiam a gruta (Fig. 13), que localmente interrompia a C. 8, que se recolheu o dente humano supra referido, o qual, entretanto, tinha sido objecto de estudo por D. Ferembach, que demonstrou cabalmente a sua pertença a um homem de Néandertal.

Tendo em consideração este facto, a exclusiva natureza mustierense das indústrias encontradas e os resultados das datações radiocarbónicas obtidas,



13 | Corte longitudinal dos depósitos da Gruta Nova, com identificação das nove camadas identificadas em 1962; localiza-se ainda o sítio de recolha do dente de neandertal. Original de O. da Veiga Ferreira.

com base na colheita de carvões efectuada em 1971, as quais serão adiante apresentadas, O. da Veiga Ferreira declara o seguinte. “A datação do C. 14, obtida pelo Prof. Schwabedissen de Hannover, indica uma data à volta dos 25000 anos [o A. *deveria aqui referir-se a anos a.C.*] que vem demonstrar estar o Homem de Néandertal da Columbeira já no final da sua existência e vivendo em paralelo com o Homem de Cro-Magnon do Paleolítico superior” (*op. cit.*, p. 368). Estas afirmações revestem-se de importância relevante, visto antecederem, em muito, a discussão sobre a sobrevivência dos neandertais para além do limite estabelecido anteriormente, bem como a sua coexistência com o Homem Moderno, a qual de momento constitui um dos temas científicos mais debatidos no domínio da Pré-História.

Partindo do princípio de que não existe qualquer contaminação das amostragens, facto que os próprios autores das escavações não deixariam de referir, e verificando-se a homogeneidade das indústrias, exclusivamente de carácter mustierense, compreendem-se mal as reservas que, até época recente, alguns autores levantaram à validade destas constatações. Com efeito, tem interesse recordar as declarações de J. Zilhão, rejeitando liminarmente a validade das

datações, expressas em mesa-redonda realizada em Dezembro de 1991 (ZILHÃO, 1992, p. 48), invocando não só a má qualidade das amostras, mas especialmente o facto de que em 28 000 e em 26 000 anos já a Estremadura estar completamente ocupada por populações modernas. Outro tipo de reservas invocadas pelo referido autor, referem-se à hipotética presença de materiais arqueológicos mais recentes que o Mustierense (ZILHÃO, 1997, p. 35). Porém, nada no texto de O. da Veiga Ferreira de 1984, no qual J. Zilhão se apoia, o autoriza a tais ilações. Ao contrário, é o próprio escavador da gruta que declara, naquele e em outros trabalhos, ser o conteúdo arqueológico da gruta homogéneo e todo ele pertencer ao Mustierense, “de cima a baixo”, como se pode ler na mesma página em que Zilhão se apoiou para extrair... conclusão contrária.

Tanto quanto seja do nosso conhecimento, a referência ao Paleolítico Superior nesta gruta apenas surge na legenda que M. Farinha dos Santos colocou na base do desenho do perfil estratigráfico de Jean Roche (Fig. 12), que publicou em 1972 (SANTOS, 1972, p. 16). Aí indica que a camada 2 (segundo o levantamento e a numeração de Roche) seria “talvez do final do Paleolítico superior” e que as camadas 3 a 7 (segundo o mesmo levantamento e numeração) corresponderiam a “uma ocupação de meados do Paleolítico superior”. Deduz-se que tais atribuições se baseariam nas avaliações do próprio Jean Roche, dado que Farinha dos Santos nunca realizou investigação própria no local. Ora, tendo nós podido consultar, no Museu Municipal do Bombarral, cópias dos apontamentos originais de Jean Roche, pudemos facilmente detectar o equívoco subjacente à redacção utilizada por Farinha dos Santos: baseado em critérios de ordem geo-climática (sobretudo na granulometria do balastro) e conjugando-os com as datações absolutas obtidas para a base da sequência, Roche refere que as camadas superiores da sequência teriam *cronologia contemporânea do Paleolítico Superior* – o que é bem diferente de afirmar a existência de ocupações humanas daquele período na gruta, afirmação que não produz, até pela razão elementar de que tais camadas são estéreis do ponto de vista da presença humana.

Não existe, pois, qualquer base legítima para insistir na referência a uma qualquer presença do Paleolítico Superior na Gruta Nova da Columbeira, com base na descrição do corte realizado em 1971, conclusão confirmada, pela positiva, através do estudo aprofundado das indústrias dela provenientes, a que procedemos, como também, mas pela negativa, face à evidente insegurança com que tal atribuição se realizou no passado, ou talvez ainda se realize, sem o cuidado da apresentação de um que qualquer suporte credível.

O alcance das datações obtidas e da sua aceitação por O. da Veiga Ferreira, que em consequência foi o primeiro a admitir a sobrevivência de neandertais até

época insuspeita na altura em que tal conclusão foi produzida, será devidamente discutido na parte final deste trabalho. A plena aceitação desta perspectiva tem sido sublinhada em sucessivos colóquios recentes sobre a matéria, em Portugal e no estrangeiro, dos quais cumpre salientar aquele que M. Telles Antunes organizou na Academia das Ciências de Lisboa, cujas actas integram um capítulo dedicado ao estudo comparado da estratigrafia e cronologia dos depósitos da Gruta Nova face às duas outras que ofereceram restos de *H. neanderthalensis* situadas no território português (ANTUNES e CARDOSO, 2000).

3 Enquadramento cronostratigráfico paleoecológico e paleoantropológico

Estratigrafia e incidência da presença humana

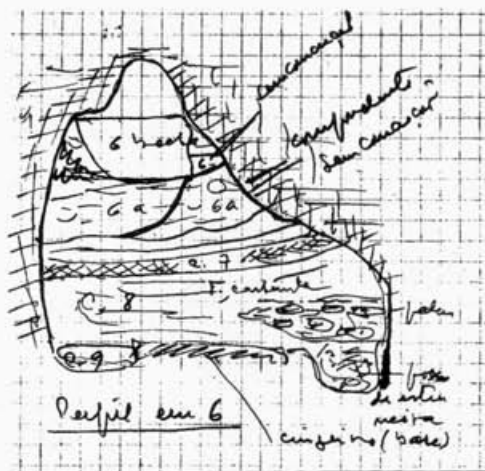
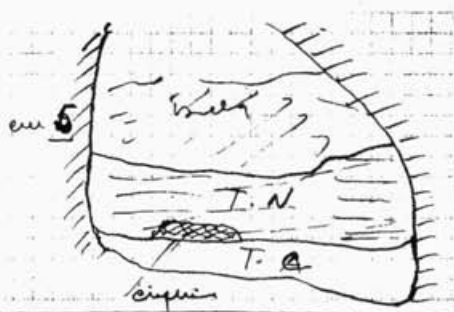
De cima para baixo, a sucessão observada no final das escavações de 1962 (cf. Caderno de Campo de O. da Veiga Ferreira acima transcrito; ZBYSZEWSKI, 1963; FERREIRA, 1966), era a seguinte (Figs. 12, 13 e 14):

- C.1** | nível estalagmítico (0,01-0,12 m);
- C.2** | brecha castanha, um pouco arenosa, com fragmentos e concreções de calcário, ossos de animais e carvões (0,40 m);
- C.3** | nível lenticular com concreções calcárias e ossos de animais (0,10 m);
- C.4** | nível argilo-arenoso, cinzento-acastanhado, com fragmentos e concreções de calcário, ossos, carvões e indústrias mustierenses raras (0,30-0,50 m);
- C.5** | leito siltoso (0,02-0,03 m);
- C.6** | brechas compactas, com numerosos fragmentos e concreções de calcário, ossos, carvões e indústrias mustierenses (0,80-1,00 m);
- C.7** | nível arenoso, castanho-acinzentado, com numerosos ossos e abundantes indústrias mustierenses (0,20 m);
- C.8** | terra castanha-escura e negra, mais ou menos consolidada, com acumulações de cinzas (0,30 m);
- C.9** | nível estalagmítico;
- C.10** | areia argilosa amarela, estéril, assentando no chão primitivo da gruta.

Entre quase todos os níveis, existia uma delgada película estalagmítica, indicando possível interrupção na sedimentação.

As camadas superiores (C.1 a C.3) são estéreis do ponto de vista da presença humana. A C.8 correspondeu à mais importante fase da presença humana na gruta (FERREIRA, 1984). Abundantes restos carbonosos ali identificados teriam resultado de combustões de longa duração; com efeito, é nessa camada que se observa a máxima concentração de artefactos líticos - 2433 - logo seguida da C. 7, onde se recolheram 1880 (RAPOSO e CARDOSO, 1997 a, 1998 a).

Importa, por outro lado, cruzar a informação relativa à presença humana com a respeitante à de carnívoros: deste modo, verifica-se que na C. 8 apenas se reconheceu um fragmento de rádio direito de lobo; também na C. 7 apenas se reconheceram três escassas peças de hiena, contrastando com a abundância de elementos desta espécie na C. 6, de onde provêm os restantes. Nesta camada reconheceram-se, igualmente, abundantes coprólitos de hiena, indicando a instalação de um covil destes carnívoros na gruta, no período correspondente à formação da referida camada: com efeito, a incidência humana correlativa é proporcionalmente mínima, correspondendo-lhe apenas 677 artefactos. Por outras palavras, evidencia-se uma dicotomia entre a presença humana e a de predadores, os quais alternariam a sua presença na gruta com os grupos de néandertais, comportando-se também como predadores; nesta medida, a larga maioria dos herbívoros recolhidos nas C. 7 e C.8 resultaram, por certo, das suas actividades cinegéticas. A variedade das espécies presentes reforça, outrossim, a sua natureza de caçadores não especializados.



14 | Cortes transversais esquemáticos, realizados nos depósitos da Gruta Nova, constantes do caderno de Campo das escavações de 1962, de O. da Veiga Ferreira.

Associações faunísticas, sedimentologia, paleoecologia e paleoclimatologia

A maioria das peças faunísticas provém das C. 6 e C8; deste modo, atribuindo à primeira uma particular incidência de carnívoros e à última presença humana dominante, as razões que conduziram à acumulação de tais restos devem procurar-se na acção predadora correspondente a cada um daqueles grupos. O estudo das 255 peças determináveis foi incluído em trabalho mais vasto (CARDOSO, 1993). Globalmente, estão presentes as seguintes espécies, nas percentagens que se indicam:

Crocuta crocuta spelaea (hiena das cavernas) – 9,3 %;

Felis sylvestris (gato bravo) – 0,4 %;

Lynx pardina spelaea (lince ibérico primitivo) – 2,7 %;

Canis lupus (lobo) – 0,8 %

Ursus arctos (urso pardo) – 0,4 %

Dicerorhinus hemitoechus (rinoceronte) – 5,8 %

Equus caballus (cavalo) – 6,2 %

Cervus elaphus (veado) – 58,5 %

Capreolus capreolus (corço) – 0,4 %

Capra pyrenaica (cabra montês) – 8,5 %

Bos primigenius (auroque) – 5,8 %

Esta associação revelou-se semelhante a outras, da última parte do derradeiro período glaciário, encontradas em diversas grutas dos relevos calcários de baixa altitude da Estremadura. Sugere, globalmente, condições climáticas temperadas com algum frio e uma componente seca, propícia à existência de cabra montês, que então seria abundante nos domínios pedregosos do prolongamento ocidental dos Candeeiros. Os contrafortes destes relevos calcários, constituiriam, por seu turno, espaços abertos, menos áridos e acidentados, pontuados por manchas florestais, especialmente nos vales abrigados, mais húmidos, frequentes nas zonas baixas adjacentes. Aí existiriam com maior abundância o veado – de longe a espécie mais frequente – enquanto os auroques encontrariam na plataforma litoral, atapetada de gramíneas, condições propícias de subsistência.

Infelizmente, a ausência de estudos da microfauna, impede maiores precisões sobre as características climáticas e ecológicas então prevaletentes. Contudo,

a presença de uma espécie de tartaruga terrestre, vem fornecer indicações de interesse sobre tais condições. Trata-se de *Agrionemys* (= *Testudo*) *hermanni*, cujos restos - anteriormente atribuídos a outra espécie - foram recentemente estudados (JIMÉNEZ FUENTES, CARDOSO e CRESPO, 1998). A distribuição estratigráfica da espécie é concludente: 7 exemplares provêm da C. 6; 2 da C. 7; 338 da C. 8; e 3 da C. 9. Conclui-se que a quase totalidade dos restos provém de uma única camada, aquela onde a actividade humana foi dominante: trata-se, pois, de testemunhos de animais consumidos pelo homem, aliás de fácil captura.

A Gruta Nova é, de longe, a estação arqueológica portuguesa que forneceu maior número de restos de tartaruga terrestre, a qual parece ter-se extinto em consequência da degradação climática ocorrida cerca de 18 000 BP. Com efeito, *A. hermanni* é espécie cuja preferência vai para as zonas litorais, de altitudes não superiores a 500-600 m, com vegetação arbustiva e arbórea, de características mediterrâneas. Na actualidade, a distribuição circum-mediterrânea parece estar sobretudo condicionada pelas exigências térmicas estivais e não tanto pelas temperaturas e pluviosidades inverniais. Ainda que os adultos suportem temperaturas até 10° C ou mesmo 20° C negativos, o seu desenvolvimento embrionário exige temperaturas elevadas com um óptimo em torno dos 30° C. Como se reproduz durante o Verão, e a incubação dura cerca de 2,5 meses, necessita, entre Junho e Agosto/Setembro, temperaturas que não se afastem muito do referido óptimo. Foi devido, por certo, à não verificação desta condição que a espécie se extinguiu, no território português, antes do final da última glaciação, da mesma forma que fica explicada, por outro lado, a sua distribuição actual.

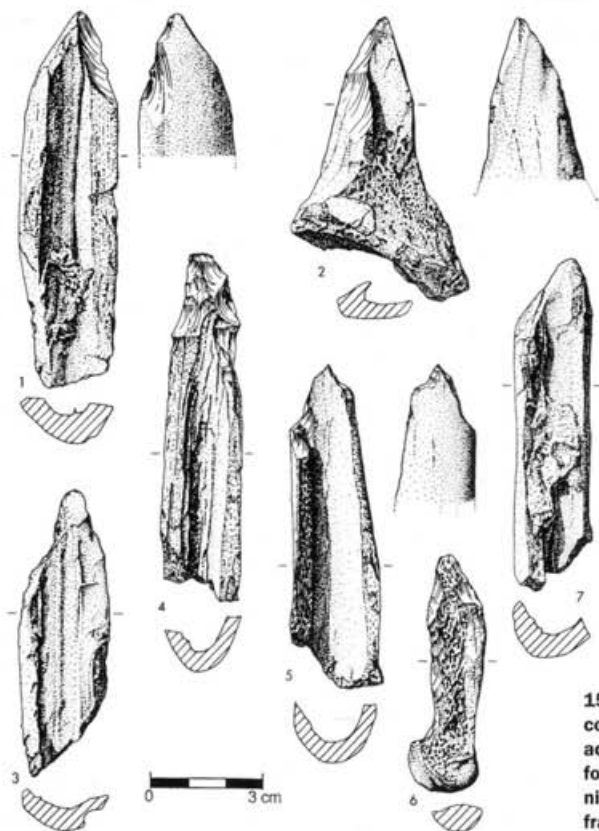
Em conclusão, a abundância de restos de tartaruga na C. 8 mostra que, na altura, o clima da região caracterizar-se-ia por verões quentes, embora os invernos pudessem ser frios. Esta mesma conclusão já havia sido indicada por O. da Veiga Ferreira, ao assinalar a presença de restos de cortiça carbonizados (FERREIRA, 1984, p. 368, nota 8). É provável que a degradação climática a que se fez referência esteja denunciada na granulometria dos depósitos do próprio enchimento da gruta; com efeito, até à C. 7, dominavam sedimentos arenosos, correspondentes à incidência da presença humana. Acima da referida camada, a situação altera-se: a importante brecha calcária, com grandes blocos, que constitui a C. 6, poderá corresponder a episódio frio, ulterior a cerca de 26 000 BP. Esta degradação climática seria também observável no enchimento de outras grutas do Maciço Calcário Estremenho. Assim, na região da gruta do Caldeirão (Tomar), as condições climáticas prevaletentes entre cerca de 20 000 e 27 600 BP seriam relativamente frias e húmidas, com progressivo agravamento para o

fim (CARDOSO, 1993, p. 537). Na Camada Fa, nota-se a máxima presença da camurça (*Rupicapra rupicapra*) correspondendo-lhe cronologia compatível com o episódio máximo de frio (dispõe-se de três datas para esta camada, das quais duas com maior precisão: $20\ 400 \pm 270$ BP e $15\ 170 \pm 740$ BP, cf. ZILHÃO, 1990, Tabl. I). Porém, a degradação climática vinha-se esboçando anteriormente: na Camada I, datada de $22\ 900 \pm 380$ BP, notou-se já a presença de camurça e de cabra, compatível com aumento do frio. A presença de camurça só se encontra datada noutra gruta da região: trata-se da gruta das Salemas (Loures); a respectiva camada, que remonta a $24\ 820 \pm 550$ BP, parece confirmar que a vaga de frio observada na Estremadura e denunciada pela presença desta espécie, pode encontrar-se correlacionada com a C. 6 de Gruta Nova. A camurça correlacionar-se-ia, deste modo, com vagas de frio mais intenso, de curta duração, observadas depois de $26\ 000$ BP e provavelmente cada vez mais frequentes, até o máximo glaciário. Prova de que tais episódios mais rigorosos alternariam com fases mais quentes e húmidas é a existência, logo acima da C. 6, de um leito limonítico, de 2 a 3 cm de espessura (trata-se da C. 5 da sequência estratigráfica geral).

Restos humanos e ossos modificados pelo Homem

A Gruta Nova constituiu, durante muito tempo, a única estação mustierense portuguesa que forneceu um resto humano indubitavelmente pertencente a um néandertal. Com efeito, o segundo molar decidua inferior recolhido no nível mustierense da gruta das Salemas (Loures) não revelou características susceptíveis de o diferenciar seguramente do Homem moderno (FEREMBACH, 1962). Esta autora, que procedeu ao estudo das características morfológicas nele patenteadas, concluiu o seguinte (FEREMBACH, 1964/65, p. 189): “Rencontrés isolément chacun de ces détails ne permettrait pas de caractériser cette dent. Mais leur présence simultanée incite à penser que nous sommes vraisemblablement en présence d'un fossile moustérien” – conclusão que não é de estranhar, visto a autora, seguindo por certo as informações obtidas dos escavadores da gruta, declarar, logo no início do trabalho, que a indústria lítica da estação era exclusivamente mustierense. Contudo, a atribuição do exemplar a um néandertaliano afigurava-se à autora mais delicada, visto apenas lhe

apontar uma “afinidade néandertalienne” (*idem, ibidem*). Tais dúvidas vieram a ser dissipadas ulteriormente: em colóquio havido na Academia das Ciências de Lisboa organizado por M. Telles Antunes (Lisboa, Janeiro de 1999), foi apresentado estudo conclusivo sobre a atribuição deste dente a um *H. neanderthalensis*, o qual actualmente se encontra no prelo.



15 | Conjunto de ossos com evidência de possível acção humana, sob a forma de acções mecânicas de talhe ou meras fracturas definidoras de pontas aguçadas. Proveniência: camada 6: 7; camada 6a: 5; camada 7: 1, 3, 4; camada 8: 2, 6.

Outros restos osteológicos merecem menção: trata-se de materiais cujo padrão de fracturação, além de não ser accidental, possuem transformações sugerindo a sua utilização como verdadeiros artefactos ósseos. É sabida a dificuldade de separar, em materiais ósseos anteriores ao Paleolítico Superior, fracturas e traços accidentais de outros, cuja origem intencional seja indubitável. Porém, nas peças representadas na Fig. 15, alguns daqueles traços sugerem não só intenciona-



16 | Pormenores fotográficos das pontas das peça n° 3 (à esquerda) e 4 (à direita), da fig. 15.

2000) é mais um argumento a favor da hipótese de, também na Gruta Nova, se encontrarem representados tais tipos de instrumentos. Num dos casos (furador sobre extremidade articular proximal de omoplata de veado, Fig. 15, n°. 2), evidencia-se boleamento dos bordos laterais, em resultado de acções mecânicas a que a peça foi submetida (Fig. 16). Trata-se, todavia, de matéria que importa desenvolver e confirmar futuramente, através do estudo detalhado deste tipo de peças.

lidade, mas também o fim deliberado de produzirem instrumentos com diversas finalidades, mormente a de furar e de cortar, mediante a obtenção de pontas ou de gumes terminais biselados: nesta perspectiva, poderão ser globalmente classificados como furadores e buris. Casos há, em que não é possível justificar de outro modo as fracturas ou levantamentos produzidos. Por outro lado, o reconhecimento da existência de artefactos ósseos mustierenses, na gruta da Figueira Brava (ANTUNES,



17 | Peça n° 6, da fig. 15: fotografia geral e pormenor da ponta.

| Datações absolutas

A intervenção de 1971 permitiu a recolha de amostras para datação. Assim, foram realizadas duas análises pelo método do radiocarbono, sobre materiais carbonosos recolhidos na parte inferior da sequência estratigráfica, correspondentes aos níveis 20 e 16 da sequência estratigráfica então definida. Os resultados obtidos foram os seguintes:

Gif 2703 (nv. 16)	26 400 ± 750 BP
-------------------	-----------------

Gif 2704 (nv. 20)	28 900 ± 950 BP
-------------------	-----------------

Lidas, como se impõe, tendo em conta as respectivas margens de erro a um ou dois desvios-padrão, estas determinações apontam para os seguintes intervalos (sempre em anos convencionais de radiocarbono):

(nv. 16, ou seja, camada 7 dos escavadores iniciais da gruta)

25650 a 27150 BP (um desvio-padrão)

24900 a 27900 BP (dois desvios-padrão)

(nv. 20, ou seja, camada 8 dos escavadores iniciais da gruta)

27950 a 29850 BP (um desvio-padrão)

27000 a 30800 BP (dois desvios-padrão)

Ou seja, podem ser defensáveis leituras que atribuam a ocupação mustierense da Gruta Nova da Columbeira a períodos que se situem entre 31 a 30 mil anos, como máximo, e 28 a 25 mil anos, como mínimo.

Estes resultados, considerados até época recente pouco credíveis, possuem, ao contrário, uma coerência interna que contraria aquela convicção, estritamente de carácter apriorístico, baseada na impossibilidade de sobrevivência do mustierense até época tão tardia. Assim, buscaram-se explicações para resultados, tão distantes dos esperáveis, na pouca fiabilidade das amostras, quando eram os próprios valores obtidos, em estrita consonância com os elementos estratigráficos, que aconselhavam à sua validação.

A existência de outra data, obtida no laboratório de Hannover pelo Prof. Schwabedissen, por intermédio de H. Schubart, foi citada por O. da Veiga Ferreira FERREIRA (1984, p. 368, nota 4). Apontaria para cerca de 25 000 anos (antes de Cristo), mas desconhecendo nós quaisquer outros detalhes da mesma (camada de origem, amostra utilizada, resultado laboratorial), apenas nos permitimos considerar que ela pode ser concordante com as anteriores, confirmando-as. Outras datas obtidas mais recentemente por um de nós (L. R.), com recurso ao método das séries de urânio (v. ponto 5.1) afiguraram-se inconclusivas, devido às grandes margens de erro registadas resultantes da natureza das amostras utilizadas.

No Capítulo 5, far-se-á a discussão e valorização das datas citadas, no quadro do povoamento néandertaliano da Península Ibérica e da Europa Ocidental.

Aspectos gerais

	4		5		6		camadas		8		9		div.		1971			
	nº	%	nº	%	nº	%	6a	7	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%		
Esquírolas	13	12,1	17	32,7	166	37,3	56	24,1	508	27	601	24,7	78	35,6	121	25,9	8	20,5
Lascas	71	66,4	29	55,8	205	46,1	126	54,3	1051	55,9	1406	57,8	88	40,2	302	64,7	22	56,4
Utensílios (a)	18	16,8	2	3,8	40	9,0	41	17,7	267	14,2	331	13,6	40	18,3	37	7,9	5	12,8
Núcleos	5	4,7	3	5,8	30	6,7	9	3,9	43	2,3	88	3,6	10	4,6	7	1,5	4	10,3
Outros (b)	0	0	1	1,9	4	0,9	0	0	11	0,6	7	0,3	3	1,4	0	0	0	0
Total	107	100	52	100	445	100	232	100	1880	100	2433	100	219	100	467	100	39	100

(a) seg. contagem essencial (sistema Bordes)

(b) Blocos testados, fragmentos inclassificáveis, manuports, etc.

**Quadro 1 | Indústria lítica da Gruta Nova da Columbeira:
grandes categorias tecno-tipológicas. Repartição pela sequência estratigráfica.**

Como se disse anteriormente, a quase totalidade da indústria lítica recolhida na Gruta Nova da Columbeira, num total de quase seis milhares de artefactos líticos, é proveniente dos trabalhos iniciais de escavação, realizados em 1962. As posteriores operações de limpeza de perfis estratigráficos, realizadas em 1971, apenas permitiram detectar mais algumas dezenas de artefactos líticos (v. quadro 1). Tendo em conta estes dados e as dificuldades de articulação entre as notações das diferentes intervenções na gruta, optámos no presente estudo por ter apenas em consideração a indústria lítica proveniente das escavações de 1962 com elementos suficientes de atribuição estratigráfica (5368 artefactos líticos, que representam mais de 90% do total dos artefactos recolhidos nessa campanha).

Em termos globais, a indústria lítica da Gruta Nova da Columbeira documenta uma ocupação importante da cavidade por parte das populações que a frequentaram. Sem pretendermos realizar qualquer tipo de cálculo quanto a preten-

sas taxas de ocupação da gruta (relacionando, por exemplo, os artefactos líticos com a dimensão do espaço disponível, a potência sedimentar das camadas onde surgem e a faixa de tempo a que respeitam), exercícios que em grande medida consideramos artificiosos, devemos em todo o caso reconhecer que a ocorrência de um total de quase seis milhares de artefactos líticos numa cavidade relativamente pequena (menos de 100 m² de superfície útil), ao longo de uma potência estratigráfica inferior a 2 metros, correspondente talvez a uma lapso de tempo de poucos milhares de anos, traduz necessariamente uma situação em que o local foi repetidamente procurado, e/ou ocupado longamente.

Estas observações ficam ainda reforçadas ao decompor os valores acima indicados. Com efeito, a esmagadora maioria da indústria lítica (mais de quatro milhares e meio de artefactos) provém das duas camadas inferiores (Camadas 7 a 9), cuja potência estratigráfica conjunta é de cerca de meio metro. Inversamente, as camadas superiores com vestígios de ocupação humana (Camadas 4 a 6a), cuja potência sedimentar é três vezes superior (cerca de um metro e meio), apenas contém menos de um milhão de artefactos líticos. A comparação directa entre as camadas 8 e 6 (as que melhor representam os respectivos blocos sedimentares) é particularmente elucidativa: quase dois milhares e meio de artefactos na camada 8, com cerca de 30 cm de potência, para somente menos de meia centena na camada 6, com quase um metro de potência.

A estes dados importa acrescentar algumas das observações realizadas anteriormente, no Capítulo 3. Sirvam de exemplo quer a análise das associações faunísticas, com o domínio de carnívoros sobre os herbívoros na camada 6, sendo inversa a situação na camada 8; quer as acumulações de restos carbonosos em ambas estas camadas: raros na camada 6, abundantíssimos na camada 8 (v., por exemplo, a descrição dada em FERREIRA, 1984, p. 366). Assim, tendo em conta todas as evidências antes enunciadas, podemos concluir que existiram nesta gruta níveis de ocupação humana intensa, mesmo verdadeiros horizontes residenciais de base (Camadas 7 e 8), a que se sucederam outros níveis de ocupação fugaz (Camadas 4 a 6a), correspondentes pelo menos num caso (camada 6) a curtos períodos de permanência durante fases em que a cavidade era sobretudo ocupada por carnívoros, entre os quais cumpre salientar a hiena das cavernas, de que se recolheram, para além dos restos ósseos, abundantes coprólitos.

É possível desenvolver estas conclusões através da análise mais circunstanciada na indústria lítica de cada camada (quadro 1). Verifica-se a este nível o seguinte, da base para o topo da sequência:

Camada 9

corresponde a um horizonte estalagmítico espesso, desenvolvendo-se sob a forma de níveis lenticulares ou bolsas, de potência não determinada. Nestes termos, compreende-se a escassez do conjunto lítico recolhido (219 artefactos). Ressalvadas as limitações impostas pela dimensão quantitativa da indústria, verifica-se uma extraordinária representação dos utensílios retocados (18,3 %), num quadro em que os núcleos se encontram representados moderadamente, inclusive por formas apenas esboçadas, as esquirolas são abundantes e as lascas relativamente escassas. Daqui resulta a ideia de que os primeiros grupos humanos que frequentaram esta cavidade realizaram uma gestão muito económica dos suportes disponíveis: eventualmente introduzidos na gruta sob a forma de lascas pré-formatadas no exterior, mas sobretudo sob a forma de massas nucleares em diferentes estádios de formatação, tais suportes deram origem a utensílios retocados, que foram por sua vez objecto de rejuvenescimento sucessivo das arestas, produzindo esquirolas residuais. Um tal quadro é consistente com a interpretação destas primeiras ocupações como frequentações ocasionais da cavidade, guiadas por padrões de eficiência económica elevados, mas desligadas de um sistema regular de fluxo das matérias-primas do exterior para o interior, que apenas seria economicamente vantajoso *quando* e se a cavidade funcionasse como base residencial mais estável;

Camada 8

depósito mais extenso e com cerca de 30 cm de espessura, corresponde, como já dissemos, ao principal episódio de ocupação humana da cavidade, muito rico em restos carbonosos, ou mesmo, segundo a interpretação dos escavadores, em estruturas de combustão. A importância numérica da indústria lítica aqui recolhida (2433 artefactos) garante a validade dos resultados obtidos. Ao nível a que nos situamos, regista-se uma relativa escassez de núcleos e blocos brutos (*manuportes*) ou testados, assim como, inversamente, uma significativa ocorrência de utensílios. As lascas correspondem a pouco mais de metade do conjunto, situando-se por isso a níveis importantes, mas indicadores de que parte das actividades de talhe foram praticadas noutra local. As esquirolas, em percentagem significativa, mas relativamente baixa, sugerem que se executaram dentro da gruta algumas acções de talhe de finalização e de retoque dos gumes. Assim, a principal diferença entre a indústria desta camada e da camada subjacente, não atribuível unicamente a variações aleatórias, reside na representação de utensílios e esquirolas residuais. A sua mais baixa ocorrência neste caso,

pode indicar um menor empenho na conservação dos utensílios, traduzido tanto no seu uso expeditivo e abandono fortuito mais frequente fora da base residencial, como em taxas mais baixas de rejuvenescimento dos seus gumes úteis - diferenças que fazem todo sentido se tivermos em conta a provável fugacidade da ocupação inicial (Camada 9) e a óbvia intensidade da ocupação subsequente (Camada 8), traduzível porventura num conceito de acampamento residencial de base, mais perdulário por natureza;

Camada 7

trata-se de uma camada de espessura menor e de extensão superficial inferior à precedente. Também nela não se encontram as acumulações de restos carbonosos da anterior. No entanto, ao nível a que nos situamos, verifica-se que as características da indústria desta camada são idênticas às da Camada 8. Até a sua expressão numérica (1880 artefactos) é proporcionalmente a mesma, tendo em conta as diferenças de espessuras observadas entre ambas. Pode, pois, partir-se de pressupostos interpretativos idênticos, constituindo ambas estas camadas os principais horizontes de frequência humana da gruta e os únicos em que é possível admitir a hipótese da ocorrência de ocupações consistentes, de carácter residencial continuado;

Camada 6a

em rigor, do ponto de vista da dinâmica sedimentar, esta camada poderá ser entendida como a base da camada seguinte. Dada, porém, a sua individualização pelos escavadores da gruta e a verificação de que a respectiva indústria lítica apresenta diferenças marcadas em relação à da Camada 6, optámos por manter a sua separação, na eventualidade de poder corresponder a um episódio ocupacional diverso. Em termos quantitativos globais, o conjunto lítico recolhido é manifestamente escasso. Sendo certo que se trata de camada de fraca espessura (cerca de 10 a 20 cm), ela seria contudo suficiente para, a ter havido uma ocupação humana importante, reunir conjunto bastante mais numeroso. Pode, pois, concluir-se que os 232 artefactos aqui recolhidos dão testemunho efectivo de uma ocupação humana discreta. Se a isto adicionarmos, por um lado, a escassa representação de núcleos, assim como a representação moderada de lascas, e, por outro lado, a fortíssima presença de utensílios, podemos concluir por um padrão algo semelhante ao da Camada 9, em que grande parte dos suportes utilizados (núcleos e lascas para serem transformadas em utensílios) foram introduzidos na gruta já formatados. Os utensílios, empregues em grande medida de modo

expedito, seriam igualmente, em certos casos, objecto de rejuvenescimento dos gumes úteis, conducente à produção de esquirolas, cuja presença, não sendo importante, é contudo assinalável;

Camada 6

como já indicámos, esta camada constitui um dos horizontes sedimentares mais importantes nesta gruta. Muito extenso e espesso (quase 1 metro), encontrava-se brechificado em diversas áreas e especialmente na zona da entrada. Correspondendo, pois, ao palimpsesto sedimentar de maiores proporções, numa fase em que a cavidade era frequentemente habitada pelas feras, esta camada coloca visivelmente o problema da eventual mistura de episódios ocupacionais diferentes. Aparentemente, trata-se do momento em que se introduziram na gruta maiores quantidades relativas de massas nucleares e em que, correlativamente, se obtiveram menores quantidades de lascas e utensílios. Todavia, tendo em conta as dificuldades da escavação aqui sentidas não podemos excluir a hipótese de parte dos elementos de menores dimensões (lascas e utensílios, neste caso) não terem sido isolados, assim distorcendo os resultados finais obtidos. Em todo o caso, pela análise das notas de campo da escavação e da observação das amostras de brecha conservadas até ao presente, julgamos que, no essencial, o conjunto lítico recolhido é representativo da unidade sedimentar correlativa e que a sua escassez global (445 artefactos) corresponde a um padrão real, cuja interpretação já sugerimos anteriormente. No plano analítico a que nos situamos, verifica-se a ocorrência de uma percentagem significativa de esquirolas de talhe, assim como uma representação considerável de núcleos (dos quais vários em fases iniciais da sua exploração) e a presença, ainda que residual, de blocos testados e *manuportes*. Em face destas ocorrências e da baixa percentagem de utensílios e lascas simples, pode concluir-se que nesta fase se processaram no interior da gruta actividades de talhe, documentando-se em alguns casos a quase totalidade das respectivas cadeias operatórias e havendo inclusive sinais do transporte de subprodutos (lascas e utensílios) para o exterior. Por outro lado, verifica-se que se procurou uma considerável rentabilização dos utensílios, pelo rejuvenescimento dos seus gumes;

Camada 5

trata-se da camada em que a indústria recolhida é mais diminuta: somente 52 artefactos. Como neste caso estamos perante um fino leito siltoso (cerca de 2 a 3 cm), torna-se impossível sugerir qualquer significado

histórico para a escassez artefactual. A sua própria grandeza é de molde a desaconselhar toda a tentativa de diagnose. Será, portanto, ignorada na decomposição analítica a que procedemos, não sendo figurada em gráficos e apenas apresentada em quadros, unicamente para efeitos de registo de dados;

Camada 4

assinala-se uma grande escassez de artefactos líticos, a qual não pode ser explicada nem por truncagens devidas aos métodos de escavação (sedimentos argilo-arenosos, não compactados e, por isso, de escavação fácil), nem pela natureza da camada (não se trata de uma bolsa ou leito fino, mas de um horizonte extensivo, com cerca de 30 cm de potência). Estamos, pois, em presença de factores que podem conferir real significado à fraca presença humana correlativa. A escassez da indústria lítica é tal que prejudica fortemente o significado estatístico da sua diagnose. Em todo o caso, reconhece-se uma grande carência de esquirolas de talhe, uma ausência completa de blocos brutos ou testados, e uma subrepresentação de núcleos, aliás todos eles em adiantado estado de exploração; inversamente, os utensílios atingem um valor percentualmente muito elevado (16,8 %). Nestes termos, fica sugerida para esta camada uma ocupação humana discreta, baseada na introdução na gruta quer de utensílios já elaborados no exterior, quer de suportes nucleares já inteiramente formatados. Por todos estes aspectos parece tratar-se de ocupações algo semelhantes às das Camadas 6a e 9. Porém, contrariamente a elas, especialmente à Camada 9, o número importante de utensílios associado à escassez de esquirolas sugere não uma opção de rejuvenescimento sistemático dos gumes, mas sim do seu sucessivo fabrico e utilização expediente.

Da análise acabada de efectuar, podem desde já salientar-se as seguintes observações:

- em nenhum período da ocupação humana da cavidade se documentou a ocorrência significativa de actividades de talhe da pedra; pelo contrário, os suportes foram quase sempre introduzidos sob modalidades pré-formatadas: principalmente lascas, mas também núcleos, já em adiantado estado de configuração. Algumas flutuações menores neste domínio foram, todavia, detectadas, sendo de salientar a este propósito a Camada 6, que representa o exemplo de maior acarreio de massas nucleares para a gruta e de actividade de talhe dentro dela;

- os índices de transformação dos suportes potenciais em utensílios são sempre consideráveis (excepto no grupo da debitage Levallois: daí o “carácter levalloisense” a que nos referiremos adiante). Situando-se sistematicamente acima dos 10% da totalidade dos respectivos conjuntos líticos (com a única excepção da Camada 6, em que se situam no valor de 9 %), os utensílios atingem em alguns casos valores bastante elevados, entre 15 e 18 %. Sendo certo que em grutas a percentagem de utensílios retocados é normalmente superior à dos sítios de ar livre, mais próximos das jazidas de matéria-prima, nem por isso deixam de ser menos assinaláveis os valores aqui registados. E isto, mesmo se admitirmos algum inflacionamento, decorrente das escavações, o qual, a ter existido, se nos afigura irrelevante, uma vez que os conjuntos recolhidos não sugerem nenhum tipo de selecção intencional e os procedimentos de crivagem sistemática dos sedimentos, praticada nas escavações de 1962, constituem garantia bastante de representatividade dos conjuntos reunidos;
- existem camadas em que diversos factores (natureza sedimentar, associações faunísticas, restos carbonosos e indústrias líticas, neste caso na dupla perspectiva das suas expressões numéricas globais e das suas decomposições ao nível das grandes categorias tecno-tipológicas estabelecidas) apontam para a ocorrência de frequentações de fugacidade marcada (Camadas 9, 6a, 4). Todas elas documentam índices especialmente elevados de aproveitamento dos suportes, traduzidos em utensílios; porém, revelam-se algumas diferenças quanto às modalidades pelas quais se atinge tal eficácia: pelo recurso ao fabrico de novos utensílios, destinados a ter vida curta e uso expeditivo (Camada 4); ou ainda pelo rejuvenescimento dos gumes activos de utensílios já existentes, conservando-os por mais tempo (Camada 9);
- inversamente, existem duas camadas (8 e 7) que, pela aplicação dos mesmos critérios, testemunham a ocorrência de verdadeiros horizontes de ocupação regular da cavidade, configurando um modelo de acampamento residencial de base. Apresentam indústrias líticas numerosas e bastante semelhantes ao nível da sua composição tecno-tipológica elementar, a saber: parte importante das acções de talhe, especialmente as relativas ao início das sequências operatórias, praticadas no exterior; transporte para o interior de lascas sob a forma de suportes pré-formatados e de núcleos em fases de configuração volumétrica adiantada; excepcionalmente, introdução de blocos testados; e uso predominantemente expeditivo dos utensílios com graus de rejuvenescimento de gumes úteis relativamente baixos.

Gestão das matérias-primas

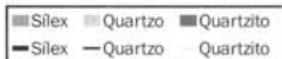
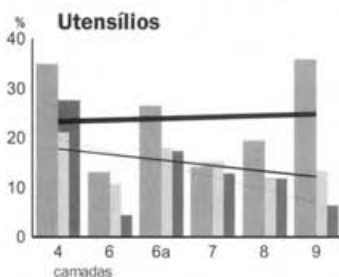
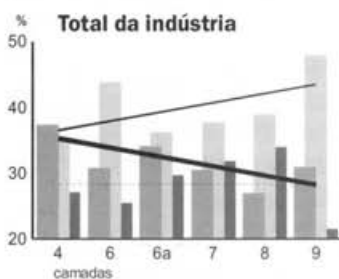
As considerações feitas anteriormente com base na avaliação da expressão quantitativa global dos conjuntos líticos de cada camada e na sua decomposição em grandes categorias tecno-tipológicas, se por um lado são de molde a obter uma primeira leitura acerca da natureza das presenças humanas detectadas, revelam-se por outro lado manifestamente incapazes de lhes atribuir uma qualquer cronologia. Com base nos dados até aqui manipulados, poder-se-iam desenvolver argumentos idênticos a propósito de uma qualquer indústria lítica, de uma qualquer época. Importa, pois, conduzir agora a nossa análise no sentido da caracterização cultural dos conjuntos líticos em estudo.

	camadas												div			
	4		5		6		6a		7		8		9		ut	tot
	ut	tot	ut	tot	ut	tot	ut	tot	ut	tot	ut	tot				
Sílex	35	37,4	5,3	36,5	13,1	30,8	26,6	34,1	14,2	30,4	19,5	26,9	35,8	30,6	8,8	29,3
Quartzo	21,1	35,5	0	36,5	10,8	43,8	17,9	36,2	15,3	37,7	11,6	39	13,3	47,9	10,3	43,7
Quartzito	27,6	27,1	0	26,9	4,4	25,4	17,4	29,7	12,9	31,8	11,8	34	6,4	21,5	3,2	27
Outras *	0	0	0	0	0	0	0	0	50	0,1	0	0,1	0	0	0	0

* Rochas ígneas, líditos, grauvaques, etc.

ut: utensílios; tot: total da indústria

(totais em percentagens, por camadas; utensílios: percentagem em relação ao total dentro de cada matéria-prima)

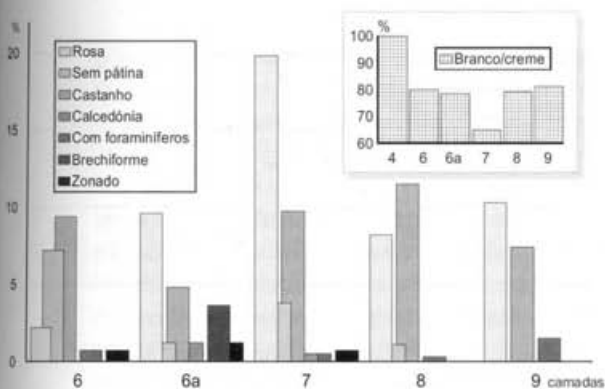


Quadro 2 | Indústria lítica da Gruta Nova da Columbeira: principais categorias petrográficas. Repartição pela sequência estratigráfica.

Uma primeira observação respeita às opções quanto à selecção e eventual utilização diferencial das matérias-primas obtidas (quadro 2 e figs. 18 e 19).

Torna-se evidente neste domínio a não existência, em nenhum momento da ocupação da gruta, de estratégias baseadas na procura intensiva de uma só rocha. Sílex, quartzo e quartzito constituem os grupos dominantes, distribuídos quase equilibradamente. Por outro lado, dentro de cada um destes grupos petrográficos maiores, seria igualmente possível estabelecer subdivisões, que reforçariam notavelmente a ideia de diversidade assinalada.

18 | Distribuição percentual (barras) e tendências evolutivas (linhas) das principais categorias petrográficas da indústria lítica da Gruta Nova da Columbeira, ao longo da respectiva sequência estratigráfica.



19 | Distribuição percentual dos diferentes tipos de rochas silíceas da indústria lítica da Gruta Nova da Columbeira, ao longo da respectiva sequência estratigráfica.

O grupo "sílex" é especialmente significativo a este respeito. Observado macroscopicamente e tendo em conta quer a pátina quer a própria estrutura petrográfica, ele compreende pelo menos oito variedades, a saber: branco/creme, rosa, sem pátina (calcarífero), castanho, calcedónia, com foraminíferos, brechiforme e zonado.

Sendo dominante em todas as camadas o sílex branco/creme (Fig. 19, gráfico pequeno), existe em todo o caso uma representação significativa das restantes variedades, que genericamente se situam ao nível dos 20% do total do grupo (Fig. 19, gráfico maior). Duas camadas apresentam em todo o caso comportamentos especiais, que merecem referência. Assim, na Camada 4, o sílex branco/creme representa a totalidade dos exemplares registados. Esta ocorrência pode, porém, não ser especialmente significativa, se atendermos à reduzida expressão numérica do conjunto oriundo desta camada. Já a situação observada na Camada 7, se afigura muito mais interessante, dada a amostragem ser muito maior e, por conseguinte, mais representativa: o sílex branco/creme corresponde apenas a cerca de 2/3 da totalidade do grupo, havendo um importante acréscimo relativo da variedade rosa. Trata-se de uma característica peculiar para a qual se poderia tentar encontrar explicações tanto ao nível das necessidades decorrentes do fabrico de tipos particulares de utensílios, como ao nível dos comportamentos relacionados com o aprovisionamento de recursos líticos, decorrentes designadamente da configuração dos respectivos territórios habituais de movimentação (o que nos parece muito mais razoável). Também é de referir a ocorrência exclusiva na Camada 6a de sílex brechiforme - facto que pode mais uma vez explicar-se por qualquer das hipóteses acima indicadas - ou pela "mera" (mas importante, se demonstrável) curiosidade suscitada por este tipo tão especial de rocha.

Verifica-se, pois, uma marcada diversidade de matérias-primas ao longo de toda a sequência da ocupação humana da gruta. Deve todavia matizar-se este dado face a uma tendência evolutiva que a Fig. 18 bem documenta: o aumento da utilização do sílex ao longo da sequência, com a correlativa diminuição do quartzo e a manutenção sensivelmente estável do quartzito. Podemos, pois, concluir

que os sucessivos frequentadores desta gruta dão conta de uma evolução em que uma crescente procura de sílex, e menor utilização do quartzo, se inscrevem no interior de um comportamento tecnológico globalmente estável, assente num marcado oportunismo de aprovisionamento em recursos líticos.

Seria legítimo admitir que as características indicadas, tanto na sua componente estrutural invariante, como na sua evolução temporal, se ficassem a dever apenas a aspectos relacionados com a maior ou menor acessibilidade às fontes de matéria-prima. Esta hipótese é, como acima indicámos, plenamente válida para a explicação das flutuações menores ocorridas dentro de cada grande grupo petrográfico. Existem, porém, dificuldades para que tal explicação possa dar por inteiro conta da variabilidade observada, sobretudo no plano diacrónico. Neste sentido, deve referir-se que os suportes utilizados revelam, pela observação das superfícies corticais remanescentes, um mesmo padrão de colecta, ao longo de toda a sequência: o sílex surge principalmente sob a forma de nódulos e seixos mal rolados, recolhidos no maciço calcário envolvente e respectiva rede hidrográfica secundária; o quartzo e o quartzito ocorrem sob a forma de seixos bem rolados (os de quartzo em média menores do que os de quartzito), muito abundantes nas terras baixas que se desenvolvem em frente do Vale Rôto, onde a gruta se insere.

Daqui decorre que a mera frequentação de territórios diferentes ao longo do período de ocupação humana da cavidade seria insuficiente para explicar as tendências evolutivas globais observadas. Ou seja: não transparecem, em relação a uma qualquer matéria-prima, dificuldades de obtenção maiores do que em relação às restantes; e nada indica que ao longo da frequentação humana da gruta tivesse havido alterações neste domínio. Assim, pode concluir-se que tanto a não utilização sistemática de uma só rocha, como o ligeiro aumento da procura do sílex ao longo dos tempos correspondem a efectivas opções tecno-culturais e não somente ao mero jogo de factores condicionantes, decorrentes da maior ou menor disponibilidade regional dos recursos geológicos em causa.

Importaria ainda verificar em que medida os comportamentos assinalados têm tradução naquilo que poderá ter constituído a razão de ser última dos procedimentos tecnológicos adoptados: a transformação dos suportes disponíveis em utensílios. Seria neste aspecto tentador, por exemplo, admitir que à crescente procura do sílex acima indicada correspondesse idêntico aumento das taxas de transformação em utensílios. Se um tal cenário se verificasse e fosse igualmente acompanhado pela introdução de novas tecnologias de talhe e novos tipos de utensílios, encontraríamos aberta a possibilidade de reclamar a existência neste local de uma evolução cultural mais vasta (porventura testemunhos de uma passagem, autónoma, ou por aculturação, para as indústrias de tipo Paleolítico

Superior). Porém, nada disto se passa. Ao longo da sequência (cf. Fig. 18), verifica-se que não existe aumento, mas ligeira diminuição relativa, das taxas de transformação dos suportes de sílex em utensílios finais. Inversamente, aumenta consideravelmente o grau de eficiência do aproveitamento do quartzo e, sobretudo, do quartzito. Por outras palavras: a maior procura de sílex, não prejudica, e antes estimula, o uso e rentabilização das restantes matérias-primas. Veremos adiante que os procedimentos técnicos adoptados e a panóplia de utensílios disponíveis se mantêm sensivelmente constantes em todas as camadas. Assim, a interpretação que melhor serve os traços enunciados não é a de uma crescente aproximação aos padrões comportamentais de tipo Paleolítico Superior, mas, pelo contrário, a de um reforço assinalável dos padrões de tipo Paleolítico Médio.

Características técnicas

Núcleos

Como se indicou anteriormente, a ocorrência de núcleos em cada uma das camadas da sequência estratigráfica da Gruta Nova da Columbeira situa-se sempre a níveis relativamente baixos, embora normais para indústrias líticas em grutas. Documentando a existência dentro da cavidade de uma actividade visando a obtenção de suportes para utensílios, eles evidenciam igualmente a ocorrência de acções de talhe no exterior.

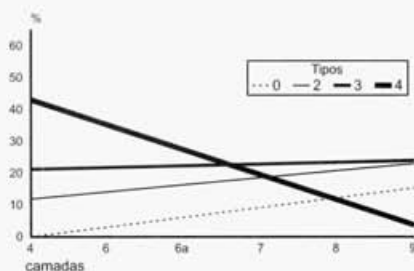
	camadas								div. nº %
	4 nº %	5 nº %	6 nº %	6a nº %	7 nº %	8 nº %	9 nº %		
tipo 0	0 0	1 25	3 9,1	0 0	5 10,4	3 3,3	3 23,1	0 0	
tipo 1	0 0	0 0	3 9,1	1 11,1	0 0	3 3,3	0 0	0 0	
tipo 2	0 0	0 0	7 21,2	3 33,3	5 10,4	15 16,5	3 23,1	3 42,9	
tipo 3	1 20	0 0	8 24,2	2 22,2	9 18,8	26 28,6	3 23,1	1 14,3	
tipo 4	3 60	1 25	4 12,1	3 33,3	5 10,4	14 15,4	1 7,7	2 28,6	
tipo 5	0 0	0 0	0 0	0 0	0 0	4 4,4	0 0	0 0	
tipo 6	1 20	2 50	8 24,2	0 0	24 50	26 28,6	3 23,1	1 14,3	

Quadro 3 | Tipologia dos núcleos da indústria da Gruta Nova da Columbeira. Repartição pela sequência estratigráfica.

Podemos agora aprofundar estas observações, pela decomposição deste grupo de artefactos em algumas categorias elementares (quadro 3): esboços (tipo 0); núcleos de levantamentos dispersos, não organizados (tipo 1); núcleos globulosos (tipo 2); núcleos discóides (tipo 3); núcleos Levallois (tipo 4); núcleos de tipo Paleolítico Superior (tipo 5); e, por último, fragmentos e restos inclassificáveis (tipo 6). A escassa representação dos esboços (assim como dos blocos brutos ou testados, cf. quadro 1) torna patente que grande parte das operações de formatação inicial dos blocos seleccionados foi executada no exterior da gruta. A importante representação dos fragmentos e restos indicia a ocorrência de elevados graus de exploração das massas nucleares, conduzidas até resíduos inclassificáveis - ideia que aliás é confirmada pela observação do acentuado grau de exaustão da maior parte dos núcleos.

No plano da classificação tipológica verifica-se que, globalmente, os conjuntos de todas as camadas apresentam uma estrutura de base relativamente estável: o grupo dos núcleos tendencialmente reduzidos a duas faces opostas (tipos 3 e 4) é sempre dominante relativamente ao grupo dos núcleos menos organizados (tipos 1 e 2), sendo praticamente inexistentes os núcleos de concepção volumétrica verdadeira-deiramente tridimensional (tipo 5). Trata-se, portanto, de uma configuração própria de uma indústria do Paleolítico Médio, aliás acentuada na sua evolução diacrónica (Fig. 20): em conjunto, diminuição relativa dos tipos 1 e 2 (muito comuns em indústrias de tradição acheulense) e aumentos dos tipos 3 e 4; separadamente, diminuição acentuada dos tipos mais simples, estabilidade dos núcleos discóides e aumento significativo dos núcleos Levallois.

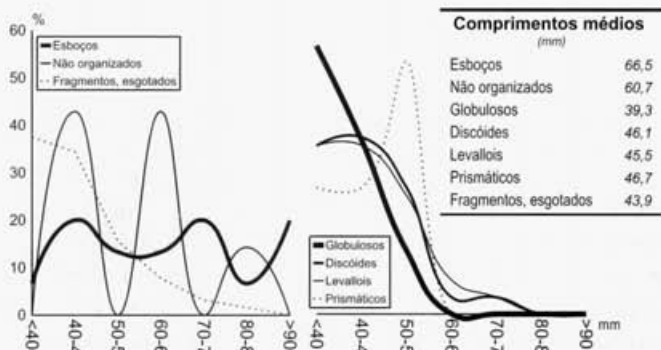
É certo que deve ser ressalvada a pouca representatividade numérica dos conjuntos líticos das camadas que mais contribuem para construir esta tendência de importante aumento dos núcleos Levallois (60% na camada 4, mas para um total de somente 5 exemplares; 33, % na camada 6a, para um total de apenas 9 exemplares). Pode, pois, considerar-se que a sugestão de um desenvolvimento tão importante dos núcleos Levallois, que ultrapassariam largamente em número os núcleos discóides (conforme sugere a Fig. 20), seja excessiva. Mas este dado não altera, nem prejudica, a ideia de fundo: os núcleos dos conjuntos líticos das diferentes camadas desta gruta testemunham um contexto técnico tipicamente atribuível ao Paleolítico Médio, cujos indícios diagnósticos não se esbatem, e antes se reforçam, ao longo da sequência sedimentar.



20 | Tendências evolutivas decorrentes da distribuição percentual dos diferentes tipos de núcleos da indústria lítica da Gruta Nova da Columbeira, ao longo da respectiva sequência estratigráfica.

No plano da análise métrica, baseada na medição dos comprimentos maiores morfológicos (Fig. 21), merecem referência os seguintes aspectos:

- >Os núcleos tipologicamente melhor definidos (Fig. 21, gráfico da direita), isto é, correspondendo a modelos morfotécnicos mais padronizados (tipos 2 a 5), apresentam amplitudes totais de distribuição métrica mais reduzidas, definindo curvas de tendência claramente unimodal. Confirmam, por conseguinte, a sua inclusão em modelos ("desideratos mentais", para utilizar a expressão de James Deetz) intencionalmente procurados pelo arte-são pré-histórico. Inversamente, os núcleos tipologicamente pior definidos (tipos 0, 1 e 6; Fig. 21, gráfico da esquerda) apresentam amplitudes de distribuição métrica muito mais amplas e aleatórias, dependendo muito mais da grandeza das amostragens disponíveis do que da existência de modelos de conformação intencional;
- >Os suportes presumivelmente correspondentes a fases iniciais de redução das massas nucleares (tipos 0 e 1) apresentam dimensões médias claramente superiores a todos os restantes tipos (v. Fig. 21, quadro à direita). Inversamente, os núcleos globulosos apresentam dimensões médias claramente inferiores a todos os restantes grupos tipológicos. Em posição intermédia, e muito idêntica, encontram-se as restantes formas (tipos 3, 4 e 5). A diferença de dimensão média assinalada (cerca de 64 mm para esboços e não organizados; cerca de 39 mm para globulosos; cerca de 46 mm para discóides, Levallois e prismáticos) é muito significativa, dando conta da: (a) ocorrência de processos de redução nuclear dentro da cavidade; (b) possível passagem de um tipo ao outro, no decurso de tal processo, seja pela transformação, mais expectável, de esboços e não organizados



21 | Análise métrica (distribuição percentual dos comprimentos maiores por classes de 10 mm; e comprimentos médios) dos diferentes tipos de núcleos da Gruta Nova da Columbeira.

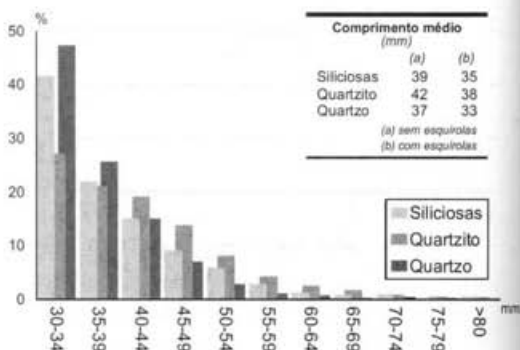
em qualquer das formas seguintes, seja pela consideração, porventura menos previsível, dos núcleos globulosos como suportes esgotados, resultantes da transformação dos núcleos discóides, Levallois e prismáticos.

- Os núcleos discóides e Levallois apresentam curvas de distribuição métrica praticamente idênticas, muito padronizadas, e possuem além disso dimensões médias muito próximas. A este nível, nada permite reparti-los em dois tipos diferenciados. Já os núcleos prismáticos apresentam uma distribuição métrica algo diferenciada e uma dimensão média um pouco maior, podendo sugerir-se a possibilidade de constituírem estádios de conformação inicial, anterior à definição de massas nucleares organizadas em torno de duas faces secantes opostas. Ou seja: poderíamos nesta óptica incluir todos estes núcleos dentro de uma mesma cadeia operatória, que passaria sucessivamente pelas formas prismáticas (e já antes pelos esboços e não organizados), pelas formas discóides e Levallois, acabando nas formas globulosas.

Características técnicas

Debitagem

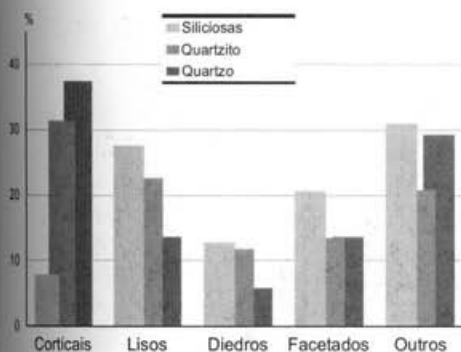
Depois de observados os núcleos, importa referir os principais aspectos técnicos detectados no conjunto da debitagem, utilizando este termo em sentido amplo, ou seja, dele excluindo as “esquírolas” (restos de talhe com <30mm), mas englobando a totalidade dos artefactos incluídos nas rubricas “lascas” e “utensílios” do quadro 1. Para o efeito, seguiremos basicamente o chamado “método Bordas”, completado com a análise de algumas variáveis decorrentes da análise métrica.



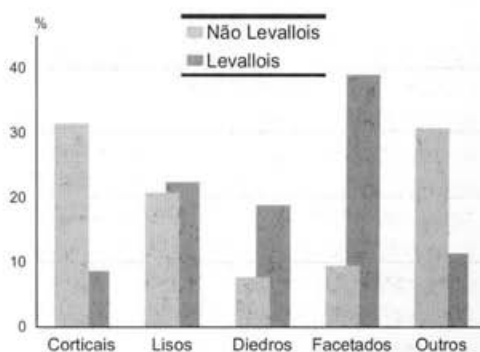
22 | Análise métrica (distribuição percentual dos comprimentos maiores por classes de 5 mm; e comprimentos médios) do conjunto da debitagem da indústria da Gruta Nova da Columbeira, repartida pelas principais categorias petrográficas.

Uma primeira plataforma de observação será a da gestão das diferentes matérias-primas. Já nos referimos anteriormente quer à diversidade destas, quer aos aspectos de invariância e variância que, a seu respeito, se verificam ao longo da sequência estratigráfica. Tomemos agora conjuntamente a totalidade da debitação, proveniente das várias camadas, para verificarmos qual o seu comportamento dimensional, baseado na medição do eixo maior morfológico (Fig. 22). Tornam-se visíveis as seguintes conclusões:

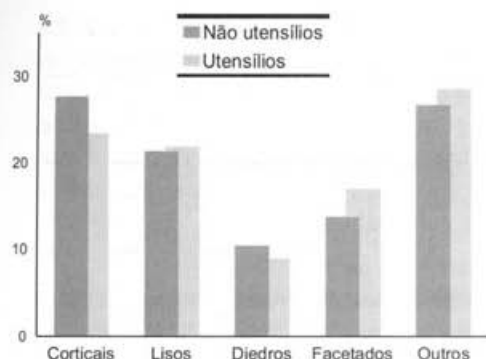
- todos os grandes grupos petrográficos considerados (sílex, quartzito e quartzo) apresentam curvas de distribuição unimodais, fortemente desviadas à esquerda, ou seja, no sentido das dimensões menores. Isto significa que: (a) não se pode, através desta variável, determinar comportamentos diferenciados quanto à forma de introdução das matérias-primas na gruta; (b) todas elas sofreram subsequentemente processos de talhe e retoque basicamente idênticos e intensos, com a obtenção de sucessivos subprodutos, conduzidos maioritariamente até dimensões muito pequenas, meramente residuais;
- a ideia de uniformidade no tratamento dado às diferentes matérias-primas acentua-se na observação das dimensões médias (Fig. 22, quadro) dos subconjuntos “debitagem (com esquirolas)” e “debitagem (sem esquirolas)”. A diferença dimensional observada em todos os grupos petrográficos, de apenas 3 mm, mostra que não se procedeu a nenhuma acção de talhe e retoque mais intensa num grupo, relativamente aos outros;



23 | Distribuição percentual dos diferentes tipos de constituição dos talões do conjunto da debitação da indústria da Gruta Nova da Colúbeira, repartida pelas principais categorias petrográficas.



24 | Distribuição percentual dos diferentes tipos de constituição dos talões do conjunto da debitação da indústria da Gruta Nova da Colúbeira, repartida pelas categorias “Levallois” e “não Levallois”.



25 | Distribuição percentual dos diferentes tipos de constituição dos talões do conjunto da debitação da indústria da Gruta Nova da Columbeira, repartida pelas categorias "utensílios" e "não utensílios".

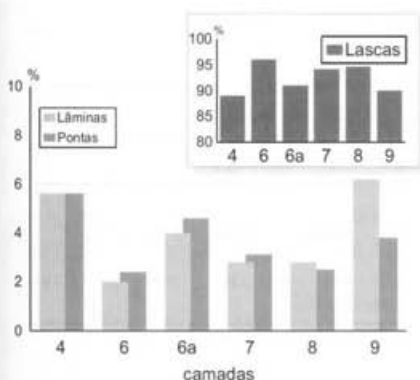
sob a forma de suportes de dimensões mais pequenas (seixos mal rolados), mais quebradiço e dando por isso origem a subprodutos de talhe mais pequenos.

Os dados anteriores, especialmente no que respeita às diferenças acabadas de referir, são reforçados pela análise dos talões, a que procedemos tendo sucessivamente em conta os três grandes grupos petrográficos considerados (Fig. 23), a distinção entre talhe Levallois e talhe não-Levallois (Fig. 24) e entre utensílios (suportes retocados) e não utensílios (Fig. 25). Nestes planos verifica-se que:

>no quartzo e no quartzito os talões corticais predominam largamente sobre o mesmo tipo de talões no sílex. Esta proporção inverte-se à medida que se caminha para talões mais elaborados, culminando nos talões facetados (Fig. 23). Trata-se de uma ocorrência normal, que decorre certamente do mesmo tipo de factores acima enunciados. É frequente observar-se em indústrias líticas paleolíticas que os suportes siliciosos são objecto de cadeias operatórias mais extensas, tanto na fase inicial de conformação das massas iniciais nucleares, como nas fases de preparação e retoque dos suportes, como ainda nas de rejuvenescimento recorrente dos utensílios, dando até origem à sua eventual transformação tipológica. Não admira, pois, que as respectivas lascas-suporte apresentem talões denotando maior número de gestos técnicos;

>situação similar ocorre em relação à repartição entre talhe Levallois e

>não obstante os traços comuns indicados, assinalam-se também algumas diferenças interessantes: o grupo quartzito apresenta nitidamente dimensões médias superiores aos restantes, evidenciando quer a natureza dos blocos-suportes desta rocha introduzidos na cavidade (basicamente seixos rolados), quer as suas características mecânicas, quer as próprias modalidades de talhe retoque que lhes foram aplicadas, dando origem a subprodutos de dimensões algo maiores. Em posição inversa, encontra-se, como seria de esperar, o quartzo, introduzido na gruta



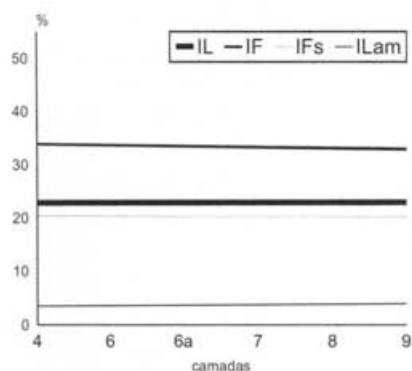
26 | Distribuição percentual da ocorrência de lascas (em sentido restrito), lâminas e pontas, dentro do conjunto da debitage da indústria da gruta Nova da Columbeira, ao longo da respectiva sequência estratigráfica.

cerca de 10 % entre as lascas não-Levallois. No caso dos talões corticais a relação é inversa: apenas cerca de 8% das lascas Levallois, contra mais de 30% das lascas não-Levallois. Trata-se de dados absolutamente normais, que confirmam nesta indústria o carácter “mais elaborado” do talhe Levallois, conduzindo à obtenção de suportes pré-determinados, embora nem sempre transformados, pelo retoque, em utensílios a priori, e antes talvez utilizados em bruto;

- a repartição entre utensílios e não-utensílios (Fig. 25) oferece resultados menos claros do que os anteriores, mas ainda assim situados na mesma linha: os utensílios apresentam uma ligeira predominância de talões facetados sobre os não utensílios, e inversamente quanto aos talões corticais.

Finalmente, antes de realizar a análise dos índices técnicos que decorrem dos dados de base até aqui apresentados, procedemos também à repartição do conjunto da debitage pelas três grandes categorias morfológicas em que tradicionalmente ele pode ser dividido, a saber: lascas (em sentido restrito), lâminas e pontas (Fig. 26). Verifica-se neste aspecto uma esmagadora predominância das lascas (acima dos 90%) em toda a sequência estratigráfica da gruta. Lâminas e pontas, sempre residuais, equivalem-se geralmente (excepto na base da sequência, Camada 9, onde as lâminas predominam sobre as pontas). Esta relação percentual é curiosa, tanto pelo que evidencia quanto à não procura do suporte laminar, como pelo que inversamente transmite quanto à representação significativa das pontas, que veremos adiante serem em muitos casos constituídas por tipos verdadeiramente procurados e não por meros

talhe não-Levallois. Neste último, predominam amplamente os talões facetados. Importa sublinhar que tivemos especial cuidado, na nossa classificação dos suportes, em evitar o erro tecnológico (e consequente vício circular) de assimilar “Levallois” a “talões preparados”, retendo apenas as características morfológicas das lascas e a configuração diacrítica das respectivas faces externas. Assim, os valores percentuais registados na Fig. 24 são bastante significativos: cerca de 40% das lascas Levallois apresentam talões facetados, contra somente



27 | Tendências evolutivas dos principais índices técnicos (segundo o chamado "método Bordes") da indústria lítica da Gruta Nova da Columbeira, ao longo da respectiva sequência estratigráfica.

	camadas						
	4	5	6	6a	7	8	9
IL	28,2	13,8	20,2	22,6	17,1	20,9	29
IF	29,1	26,1	35	39,8	31,9	37,2	28,1
IF *	31,3	100	72,1	68,6	66,3	64,3	41,4
IFs	16,4	4,3	21	26	20,1	22	16,9
IFs *	31,3	25	46,5	54,3	45,9	45,5	24,1
ILam	5,7	0	1,8	3,4	2,9	2,9	5,9
ILam *	15,8	0	4,5	10,3	6,3	5,6	12,5

(* índices da debitage Levallois)

Quadro 4 | Principais índices técnicos da indústria da Gruta Nova da Columbeira (segundo o chamado "método Bordes"). Repartição pela sequência estratigráfica.

resíduos, frequentemente associados aos modos de exploração centrípetos recorrentes.

Passemos agora à observação dos tradicionais índices técnicos, tal como definidos pelo chamado "método Bordes" (Quadro 4, Fig. 27). No que respeita ao índice Levallois técnico (IL), é visível que, de alto a baixo da sequência, estamos em face de indústrias, embora não fortemente, Levallois (apenas a Camada 7 se situa próximo do limite inferior desta definição, já que aos valores encontrados para a Camada 5 falta, como já sublinhámos, a necessária consistência estatística). Relativamente aos índices de facetagem dos talões (IF e IFs), observa-se a ocorrência de valores aparentemente muito baixos para indústrias do Paleolítico Médio, em grutas. Deve todavia salientar-se que esses mesmos valores atingem grandezas normais dentro do grupo de debitage Levallois. Uma avaliação mais precisa destas ocorrências deveria ter em conta as características comuns observadas nas indústrias do Paleolítico Médio português, frequentemente sobre seixos rolados, reveladoras de índices de facetagem muito baixos. Entretanto, fica neste local sugerida a ocorrência de cadeias operatórias diversas, ou de diferentes estádios dentro de uma mesma cadeia operatória, de tal modo que em fases iniciais do talhe das massas nucleares disponíveis predominam as lascas de talões corticais e lisos, enquanto nas fases mais elaboradas, designadamente na extracção de suportes pré-formatados, se tornam comuns os talões facetados. Quanto à representação dos suportes laminares (ILam), sempre muito baixa, quase residual, verifica-se a existência de grandezas ligeiramente mais elevadas no grupo da debitage Levallois, especialmente nas camadas 6a e 4 (esta última com um valor de 15,8, quase no limite inferior

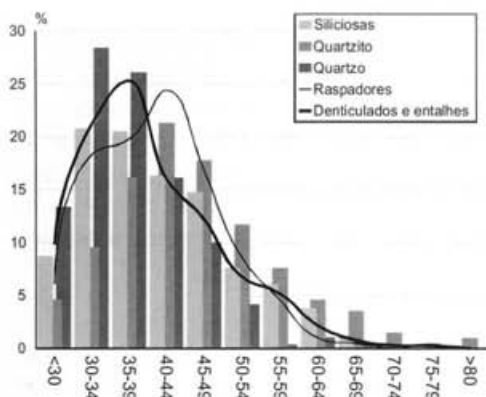
daquilo poderia ser classificado como uma indústria de tendência laminar). A fazer fé neste dado, ele representaria o primeiro (e único, como veremos) indício de uma qualquer aproximação a modelos tecno-tipológicos tradicionalmente assimilados às indústrias de tipo Paleolítico Superior. Julgamos, porém, que não se justifica tal conclusão, tanto pela sua falta de correspondência em todos os restantes indicadores compulsáveis, como porque a grandeza numérica do conjunto lítico em que se baseia (89 elementos de debitage) não autoriza a representatividade estatística dos resultados obtidos.

A confirmação de que não deve ser dado especial significado ao referido valor, encontra-se expressivamente patenteada nas tendências evolutivas apresentadas pelos índices acima citados (Fig. 27). É notória a sua profunda estabilidade: os frequentadores desta gruta mantiveram quase invariante uma mesma tradição técnica desde a base ao topo da sequência sedimentar em que a sua presença surge documentada, o que aliás confirma a afirmação já expendida por O. da Veiga Ferreira. Na representação gráfica, todos os índices constituem linhas praticamente horizontais.

| Características tipológicas

A exemplo do que fizemos no ponto anterior, iniciamos o estudo tipológico dos utensílios pela observação das suas características dimensionais, tomando por base a medida dos comprimentos maiores morfológicos (Fig. 28). Neste âmbito, são de apontar os seguintes aspectos:

- >no plano da gestão das diferentes matérias-primas, a comparação entre os valores registados (Fig. 28) e os que se indicaram para o conjunto da debitage (Fig. 22), indica que em relação aos grupos sílex e quartzito existe alguma escolha de suportes de dimensões um pouco maiores, para a execução de utensílios retocados. O diferencial das respectivas dimensões médias, na ordem dos 3 mm, seria aliás aumentado se na Fig. 22 tivéssemos apenas utilizado as lascas não transformadas em utensílios. Já quanto ao quartzito, não parece existir qualquer escolha particular de suporte, tendo em conta as suas dimensões;



28 | Análise métrica (distribuição percentual dos comprimentos maiores por classes de 5 mm; e comprimentos médios) do conjunto da debitagem da indústria da Gruta Nova da Columbeira, repartida pelas principais categorias petrográficas e grupos tipológicos (denticulados e entalhes; raspadores).

>no plano tipológico, verifica-se que os grupos dos denticulados e entalhes, por um lado, e dos raspadores, por outro, apresentam características algo diversas, sendo os primeiros de dimensões médias inferiores aos segundos. As modas de uns e outros ocorrem respectivamente nas classes dimensionais de 35-39 mm e 40-44 mm. Mais uma vez, trata-se de algo normal, podendo relacionar-se com a natureza mais expeditiva do grupo dos denticulados e o carácter mais elaborado e padronizado do grupo dos raspadores.

As características acabadas de indicar têm por base a indústria lítica da Gruta Nova da Columbeira na globalidade, independentemente da sua distribuição por camadas. Constituem por isso somente uma primeira e muito elementar abordagem da sua variabilidade. Passamos, pois, à apresentação resumida das principais características dos conjuntos recolhidos em cada camada, para depois realizar a sua diagnose cultural conjunta, através do recurso aos índices e repartições estabelecidas pelo chamado “método Bordas”.

Camada 9

Inclui um total de 40 utensílios, em contagem essencial (ou 38, se tivermos em atenção as pertinentes opiniões de alguns autores quanto à conveniência da exclusão nesta contagem dos nº 5 e 38 da lista-tipo, por manifestamente não integrarem o conceito de “utensílio *a priori*”). Vimos já que este conjunto atinge um valor percentual muito elevado no conjunto lítico desta camada (18,3 %; ou 17,8% na modalidade restrita supracitada), o que em todo caso não obsta a que se tenha de considerar sob reserva a validade estatística dos índices calculados, dada a escassez da amostragem. Os denticulados e entalhes constituem o bloco principal de utensílios. O respectivo grupo tipológico atinge o quantitativo mais elevado em toda a sequência (Grupo IV: 45,9). Inversamente, o grupo dos raspadores apresenta valores bastante baixos (IR: 12,5). De salientar, a predominância dos raspadores “de tipo arcaico”, isto é, comuns nas

indústrias acheulenses (raspadores transversais, sobre face plana, de retoque abrupto, bifacial, alterno, etc.), sobre os raspadores “de tipo evoluído”, isto é, comuns nas indústrias mustierenses (raspadores simples, duplos, convergentes, etc.). No plano do talhe Levallois, relativamente pouco transformado em utensílios (ILty: 40), regista-se a importância relativa das formas pouco elaboradas (eixos de debitação desviados, contornos irregulares, presença de placas corticais importantes, etc.), ditas “atípicas” (cerca de 40 % da soma atípicas+típicas);

Camada 8

Inclui um total de 331 utensílios em contagem essencial (ou 304, nos termos restritivos acima indicados). Trata-se por isso de um conjunto de grande representatividade estatística. Os denticulados continuam a ser dominantes, atingindo um valor quase idêntico ao da camada subjacente (Grupo IV: 43,2), valor que aliás se torna ainda maior se aqui incluirmos também os entalhes (Grupo IVa: 60,7). Não obstante, regista-se algum crescimento relativo no grupo dos raspadores, embora ainda situados em valores relativamente baixos (IR: 21,5) e dominados pelos mesmos “tipos arcaicos” acima referidos. Este carácter pouco elaborado é reforçado pela ocorrência de facas de dorso, peças com retoque sumário das arestas e alguns seixos talhados. O grupo das pontas atinge certa representatividade (pontas Levallois + Levallois retocadas: 3,6 %, em contagem essencial), especialmente se nele incluirmos as pontas pseudo-Levallois (10,3 %), as quais estão, como se sabe, muito ligadas ao talhe de núcleos discóides, amplamente dominantes nesta camada. Por fim, no plano do talhe Levallois, com um índice tipológico igualmente elevado (ILty: 42,3), observa-se algum decréscimo relativo dos suportes “atípicos” (cerca de 30% da soma atípicos+típicos);

Camada 7

Inclui um total de 267 utensílios em contagem essencial (ou 235, nos termos restritivos acima indicados). Trata-se igualmente de um conjunto de boa representatividade estatística. Os denticulados continuam a ser dominantes, mas em menor percentagem (Grupo IV: 34,1; Grupo IVa: 44,6). A evolução mais notável ocorre no chamado “grupo mustierense” (Grupo II) e especialmente nos raspadores, que atingem um valor ainda mediano, mas já expressivo (IR: 32,6), sobretudo à custa do aumento relativo dos tipos de características mustierenses. Um dado especialmente curioso é o do desenvolvimento do grupo das pontas até valores muito significativos: 5,2 % (pontas Levallois + Levallois retocadas), 13,5% (idem + pontas pseudo-Levallois), 17,2% (idem + pontas de Tayac). De toda a

evidência, verifica-se nesta camada uma intenção de fabrico de pontas, sendo por exemplo claro que diversos exemplares de "pontas pseudo-Levallois" constituem verdadeiros utensílios potenciais (e não meros subprodutos característicos do talhe centrípeto); identicamente, torna-se óbvia a intencionalidade da maior parte da pontas de Tayac, que não podem neste caso ser simplisticamente assimiladas a meros denticulados convergentes. Quanto ao talhe Levallois, verifica-se um ligeiro decréscimo do respectivo índice tipológico (ILty: 36,5), voltando a aumentar os suportes ditos atípicos (cerca de 50% da soma atípicos+típicos);

Camada 6a

Inclui um total de 41 utensílios em contagem essencial (ou 40, nos termos restritivos acima indicados). Oferece, portanto, poucas garantias de representatividade estatística. Ainda assim, tratando-se de um camada pouco espessa e havendo um bom enquadramento na dinâmica patenteada ao longo das sequência sedimentar inferior, parece aceitável ter em conta os seguintes traços essenciais: a relação entre o grupo dos denticulados e dos raspadores mantém-se sensivelmente a mesma, com novo ligeiro acréscimo dos segundos; deixa de fazer-se notar o grupo das pontas; mantém-se um valor de ILty (33,3) ainda dentro dos parâmetros que definem um "fácies levalloisense"; restabelece-se uma relação entre talhe Levallois atípico e típico idêntica à das camadas basais;

Camada 6

Inclui um total de 40 utensílios em contagem essencial (ou 37, nos termos restritivos acima indicados), quantitativo manifestamente insuficiente para qualquer diagnose precisa, especialmente se tivermos em conta a espessura desta camada. Como quer que seja, salvo a ocorrência de um valor ILty tipológico mais elevado (48,2), embora normal em indústrias de fácies Levallois, todas os indicadores deste conjunto mantêm as características e as tendências evolutivas dos anteriores;

Camada 4

A última camada com vestígios de ocupação humana inclui somente um total de 18 utensílios em contagem essencial (ou 17, nos termos restritivos acima indicados), valores que apenas permitem sugerir um ou outro comentário genérico, tendo em conta o contexto fornecido pelos conjuntos líticos das restantes camadas. Será este o caso da observação da inexistência de nenhum indicador anómalo relativamente à estrutura dos

conjuntos subjacentes; e sobretudo o da completa ausência de utensílios denunciadores de uma qualquer aproximação dos modelos tipológicos das indústrias do Paleolítico Superior.

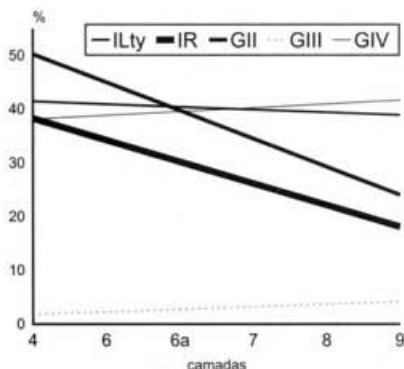
Da breve caracterização acabada de realizar, podem finalmente extrair-se as seguintes ideias de conjunto (v. Quadros 5 e 6; Figs. 29 a 31):

	camadas															
	4		5		6		6a		7		8		9		div.	
	real	ess	real	ess	real	ess	real	ess	real	ess	real	ess	real	ess	real	ess
ILty	40,6	0	50	0	48,2	2,5	33,3	0	36,5	1,5	42,3	0,6	40	0	40	0
IR	18,6	33,3	0	0	15,3	32,5	21,7	36,6	19,5	32,6	11,3	21,5	8,2	12,5	23,1	40,5
IAu	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,6	1,2	0	0	0	0
IB	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
IQ	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Grupo I	40,6	0	50	0	48,2	2,5	33,3	0	36,5	1,5	42,3	0,6	40	0	40	0
Grupo II	28,1	50,0	25	50	17,6	37,5	26,1	43,9	25,7	43,1	16,3	30,8	11,5	17,5	23,1	40,5
Grupo III	0	0	0	0	0	0	5,8	9,8	0,9	1,5	2,1	3,9	0,2	2,7	1,5	2,7
Grupo IV	25	44,4	25	50	17,6	37,5	20,3	34,1	20,4	34,1	22,8	43,2	28,2	45,9	28,2	45,9
Grupo IV (a)	25	44,4	25	50	27,1	57,5	23,2	39	26,6	44,6	32,1	60,7	30,8	54,1	30,8	54,1

(a) Grupo IVa: inclui denticulados e entalhes

Quadro 5 | Principais índices e grupos tipológicos da indústria da Gruta Nova da Columbeira (segundo o chamado "método Bordes"). Repartição pela sequência estratigráfica.

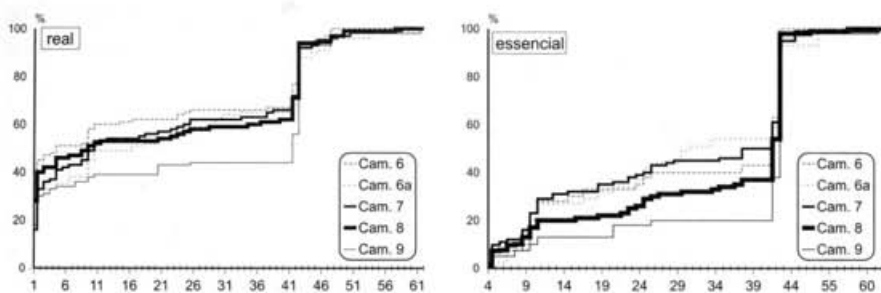
>da base ao topo, sem revelar qualquer tendência evolutiva, as indústrias líticas desta gruta preenchem não apenas a definição técnica Levallois (IL: > c.15), conforme assinalámos noutra parte deste texto, como, verificámo-lo agora, integram plenamente o chamado "fácies levalloisense" (ILty: >30);



29 | Tendências evolutivas dos principais índices tipológicos (segundo o chamado "método Bordes") da indústria lítica da Gruta Nova da Columbeira, ao longo da respectiva sequência estratigráfica.

>o grupo dos denticulados (Grupo IV) é quase sempre dominante. Todavia, ele revela uma tendência de ligeiro decréscimo relativo;

>o chamado "grupo mustierense" (grupo II) e, dentro dele, o grupo dos raspadores revelam uma tendência de crescimento assinalável. Partindo de valores bastante baixos (e sendo dominados por utensílios tipologicamente pouco elaborados, comuns nas indústrias do Paleolítico Inferior), atingem percentagens de ocorrência significativas, embora nunca elevadas (sendo já dominados pelo tipo de utensílios mais característicos das indústrias do Paleolítico Médio);



30 | Polígonos de frequência acumulada dos utensílios das diferentes camadas da Gruta Nova da Columbeira, segundo o chamado "método Bordes", em contagem real e em contagem essencial.

I: Pontas

II: Raspadores simples e duplos

III: Raspadores tipo Quina

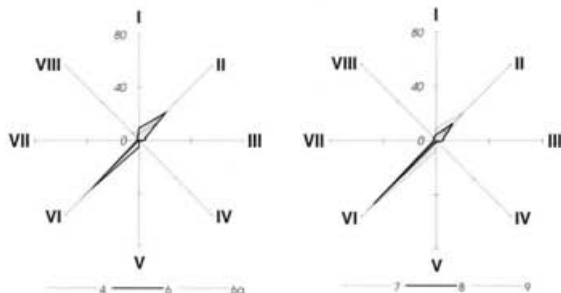
IV: Tipos Must. de Tradição Acheulense

V: Tipos Must. Ferrassie

VI: Denticulados e entalhes

VII: Miscelânea

VIII: Tipos Paleo. Superior



31 | Polígonos de frequência estelares dos principais grupos tipológicos nas diferentes camadas da Gruta Nova da Columbeira, segundo o chamado "método Turq".

>a chamada utensilagem sobre bloco encontra-se praticamente ausente (os seixos talhados apenas se encontram vestigialmente representados nas camadas 7 e 8; os utensílios bifaciais estão pura e simplesmente ausentes);

>do mesmo modo, a utensilagem de tipo Paleolítico Superior é escassíssima, dando origem a valores do grupo III verdadeiramente insignificantes e em tendência de ligeiro decréscimo ao longo da sequência sedimentar;

>em geral, as operações de retoque das arestas, visando o fabrico de utensílios, são muito limitadas; constata-se uma ausência completa de retoques elaborados, designadamente de tipo Quina ou semi-Quina.

Quadro 6 |
Inventário dos
utensílios da
Indústria lítica
da Gruta Nova
da Columbeira
(segundo lista-tipo
de F. Bordes).
Repartição pela
sequência
estratigráfica.

	camadas															
	4		5		6		6a		7		8		9		div.	
	(1)	(2)	(1)	(2)	(1)	(2)	(1)	(2)	(1)	(2)	(1)	(2)	(1)	(2)	(1)	(2)
1	9	9	1	1	25	25	16	16	71	71	177	177	11	11	9	9
2	3	3	1	1	13	13	6	6	78	78	76	76	7	7	15	15
3	1	1	0	0	2	2	1	1	10	10	10	10	1	1	2	2
4	0	0	0	0	1	1	0	0	4	4	2	2	1	1	0	0
5	1	1	1	1	2	2	1	1	22	22	22	22	1	1	0	0
6	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	1	0	0	0	0
7	0	0	0	0	0	0	2	2	4	4	7	7	0	0	0	0
8	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0
9	0	0	0	0	1	1	0	0	3	11	1	9	0	0	0	0
10	4	4	0	0	2	5	1	5	2	18	5	15	1	1	1	6
11	1	1	0	0	2	2	1	3	16	1	8	1	1	1	1	1
12	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0
13	0	0	0	0	0	0	0	0	2	4	0	0	0	0	0	0
14	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15	0	0	0	0	1	1	0	0	1	2	1	1	0	0	0	0
16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1
17	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0
18	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
19	0	0	0	0	0	0	1	2	7	2	2	0	0	0	0	0
20	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21	1	1	0	0	1	0	1	1	3	2	2	2	2	0	0	0
22	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	4	1	0	1	0	1
23	0	0	0	0	0	0	0	1	6	1	6	0	0	0	0	0
24	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	4	0	0	0	0	0
25	0	0	0	0	1	2	4	2	4	2	9	0	0	0	2	2
26	0	0	0	0	1	1	1	9	4	1	1	1	1	2	4	4
27	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0
28	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0
29	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	3	0	0	0	0	0
30	0	0	0	0	0	0	1	2	0	0	1	0	0	0	0	0
31	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1
32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
33	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
34	0	0	0	0	0	0	1	1	2	0	0	0	0	0	0	0
35	0	0	0	0	0	0	0	0	2	4	0	0	0	0	0	0
36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
37	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0
38	0	0	0	0	1	1	0	1	10	5	0	0	0	0	0	0
39	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0
41	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
42	0	0	0	0	2	8	1	2	2	28	14	58	3	7	2	3
43	5	8	1	3	15	4	14	14	91	32	143	10	23	3	17	17
44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
45	1	1	0	0	1	1	1	3	3	3	0	0	0	0	0	0
46	0	0	0	0	0	0	1	5	5	5	0	0	0	0	0	0
47	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0
48	0	0	0	0	3	1	3	1	8	7	15	1	2	2	2	2
49	0	0	0	0	0	0	0	1	4	1	1	0	0	0	0	0
50	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8	0	0	0	0	0
51	1	1	0	0	0	0	0	2	10	4	2	1	1	1	1	1
52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0
53	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
54	0	0	0	0	0	0	1	2	0	1	0	0	0	0	0	0
55	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
57	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
58	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
59	0	0	0	0	0	0	0	0	2	5	0	0	0	0	0	0
60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
61	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
62	0	0	0	0	0	0	1	2	0	0	1	0	1	0	0	0
Totais	25	32	2	4	50	85	34	69	198	447	344	626	37	61	35	65
	(12)	(18)	(0)	(2)	(10)	(40)	(10)	(41)	(37)	(267)	(73)	(331)	(17)	(40)	(9)	(37)

(1) suportes Levallois; (2) total dos suportes
(os totais entre parêntesis referem-se a contagens essenciais)

| Síntese

Como vimos nos pontos anteriores a ocupação da Gruta Nova da Columbeira traduziu-se na acumulação de uma abundante indústria lítica no interior da cavidade (quase 6 milhares de artefactos), especialmente concentrada nas camadas inferiores (9 a 7), mas com extensão até às camadas intermédias (6 a 4). O segmento superior da sequência sedimentar (camadas 3 a 1) não revela quaisquer indícios de frequência humana.

Alguns indícios sugerem a existência de diferentes tipos de presenças humanas na gruta: frequentações episódicas, inclusive durante períodos em que as associações faunísticas são dominadas pelos carnívoros; e ocupações intensas, configurando mesmo o modelo de acampamento residencial de base. No primeiro caso, encontram-se as camadas 9, 6a, 6 e 4; no segundo, as camadas 8 e 7. Dir-se-ia, em termos muito simplificados, que, depois da ocupação inicial (Camada 9), por parte de grupos humanos que seguiam padrões de exploração muito económica dos suportes disponíveis (introdução na gruta de suportes em adiantado estado de pré-formatação e rejuvenescimento sucessivo dos gumes activos dos utensílios), a cavidade foi logo de seguida convertida em local de ocupação regular intensa (Camadas 8 e 7), para depois passar a ser apenas um ponto de frequência meramente ocasional (Camadas 6a a 4). Esta evolução encontra, aliás, correspondência perfeita na composição das associações faunísticas: nas camadas da base, elas chegam a ser quantitativamente dominadas pelos herbívoros; nas camadas intermédias, os carnívoros instalam-se em maior número; e nas camadas superiores, já sem a presença humana dentro da gruta, quando a abertura para o exterior deveria ser diminuta, os grandes mamíferos quase desaparecem e, correlativamente, aumentam as aves, inclusive as rapaces, com todo o cortejo de presas que usualmente lhes estão associadas.

Não obstante este carácter diferenciado das ocupações humanas, a ideia de fundo que resulta da análise dos conjuntos líticos é a da sua grande estabilidade estrutural ao longo de toda a sequência estratigráfica. No plano da gestão das matérias-primas, o sílex, o quartzo e o quartzito surgem como rochas dominantes, sem haver a procura sistemática de nenhuma delas. Foram observadas algumas diferenças entre elas, devidas tanto às condições da sua introdução da gruta (tendo em conta designadamente a natureza e dimensão das respectivas massas iniciais), como às suas características isotrópicas e mecânicas, ou ainda às próprias opções do artesanato pré-histórico, na selecção e uso que lhe deu. Mas trata-se em todo o caso de diferenças subtis, que não alteram a unidade global antes referida.

Esta uniformidade é especialmente evidente na observação dos índices técnicos do chamado "método Bordas" (IL, ILam, IF). As tendências evolutivas que eles documentam expressam-se graficamente (Fig. 27) por linhas rectas.

No plano tipológico, verifica-se uma predominância esmagadora do grupos dos denticulados e entalhes e dos raspadores sobre todos os outros. Não obstante diferenças menores (os denticulados e entalhes sugerem um carácter mais expeditivo do que os raspadores), ambos estes grupos, aliás com alguma margem de sobreposição (raspadores de gumes denticulados, por exemplo), formam um bloco que constitui a quase totalidade dos utensílios, sendo de notar a ausência completa de peças bifaciais e a presença apenas residual de peças de tipo Paleolítico Superior.

Em termos bordianos tradicionais, poder-se-ia, em jeito de balanço, afirmar que os conjuntos líticos da Gruta Nova da Colmeira documentam com exactidão aquilo que poderia ser designado por *Mustierense de denticulados, rico em raspadores, de debitage Levallois e fácies levalloisense*.

A estabilidade estrutural indicada não é, porém, incompatível com a identificação de algumas tendências evolutivas menores, porém significativas. No plano da gestão das matérias-primas, verifica-se uma crescente procura do sílex, com o decréscimo do quartzo. No plano técnico, o grupo dos núcleos discóides e Levallois ganha progressivo ascendente sobre as formas mais primitivas. No plano tipológico, os raspadores revelam um crescendo contínuo. Registam-se por outro lado algumas particulares como a da ocorrência não fortuita de pontas (entre as quais um conjunto muito característico de pontas de Tayac) na Camada 7.

Quando se avaliam estas tendências evolutivas, torna-se patente a inexistência, como se referiu anteriormente, de qualquer aproximação a padrões industriais de tipo Paleolítico Superior. Bem pelo contrário: da base para o topo, as indústrias da Gruta Nova da Colmeira parecem testemunhar aquilo que, utilizando uma formulação muito em voga, se poderia designar por "processo de mustierização", expresso em indicadores como os do aumento das taxas de rentabilização (transformação em utensílios) das matérias-primas não siliciosas, importância crescente dos núcleos volumetricamente concebidos em termos de duas faces opostas, e dentro destes, dos núcleos Levallois, crescimento do grupo dos raspadores (e do chamado "grupo mustierense" em geral), com diminuição relativa das formas comuns nas indústrias acheulenses e o desenvolvimento das formas comuns em indústrias mustierenses.

**O Mustierense
da Gruta Nova da Columbeira
no contexto peninsular**

A caracterização tecno-tipológica realizada anteriormente sugere todo um outro conjunto de comentários relacionados com a problemática da inclusão destas indústrias em contextos culturais mais amplos, que passamos agora a expor.

A um primeiro nível, afigura-se importante comentar os elementos de datação existentes. Trata-se de uma questão crucial, da qual depende em larga medida a importância a atribuir a este sítio arqueológico, em contextos que extravasam o território português. Pela sua importância, convém dedicar-lhe alguma atenção. Excluída, pelo estudo tecno-tipológico que fizemos, a hipótese da ocorrência de horizontes culturais atribuíveis ao Paleolítico Superior, mas reconhecida igualmente a dificuldade em lhes atribuir datações precisas, suportadas em quadros de referência bioestratigráficos, a problemática da cronologia destes níveis do Paleolítico Médio tem necessariamente de partir da análise dos elementos da datação absoluta disponíveis.

Neste âmbito são conhecidas duas datações radiocarbónicas, obtidas por Jean Roche no início dos anos 70. Trata-se de datações nunca divulgadas pelo seu promotor, mas devidamente assinaladas nas competentes listagens de resultados obtidos pelo laboratório de origem (Gyf-sur-Yvette) e dadas também a conhecer em alguma da bibliografia já citada aquando do resumo histórico dos trabalhos efectuados nesta gruta. São elas as seguintes:

Gif-2703	26400 ±750	(cam. 7)
Gif-2704	28900 ±950	(cam. 8)

Ao analisá-las, compreendem-se bem as reservas de Roche em aceitá-las, a tal ponto que nunca as publicou: no quadro dos conhecimentos dos anos 60 e 70 não poderia deixar de considerar-se tais datações “demasiado recentes” para um Mustierense cujo limite superior se colocava em cerca de 34-35 milhares de anos. Foi assim que o laboratório que as processou se lhes referiu, sem no entanto invocar para o efeito quaisquer razões

relacionadas com a pouca fiabilidade intrínseca das amostras submetidas a datação.

Convém agora reconsiderar criticamente uma tal avaliação.

Deve começar por reconhecer-se que todas, ou quase todas, as datações absolutas são susceptíveis de discussão e negação, em face de poderosos argumentos contextuais adversos – e este parecia ser o caso. No pressuposto que o Mustierense nunca poderia ser datado de época tão recente, autores houve que procuraram dois possíveis tipos de explicações para a suposta anomalia das datas em questão: ou a diagnose das indústrias seria errónea (tratar-se-ia de indústrias do Paleolítico Superior Inicial); ou as amostras utilizadas para datação (“restos carbonosos”) estariam contaminadas, logo rejuvenescidas, por elementos provenientes das camadas sobrejacentes.

No que respeita à eventualidade da ocorrência de indústrias do Paleolítico Superior, trata-se de suposição que surgiu inicialmente na sequência da publicação por Farinha dos Santos (1972: 16) de um perfil estratigráfico elaborado por Jean Roche no decurso dos seus trabalhos de 1971, acompanhado de anotações que se presumia corresponderem a uma transcrição, e não interpretação sumária, das observações do próprio Roche. Ora, a verdade é que, como pudemos confirmar pela consulta directa de cópia do original de Jean Roche e respectivas anotações (segundo documentação arquivada no Museu Municipal do Bombarral), nunca este autor se referiu à hipótese da ocorrência nesta gruta de indústrias do Paleolítico Superior. Apenas se limita a indicar que os horizontes superiores (estéreis do ponto de vista da ocupação humana) poderiam ser de cronologia correspondente ao Paleolítico Superior. Aliás, os escavadores iniciais da gruta sempre enfatizaram que nela apenas existiam indústrias mustierenses “puras”, “da base ao topo”. A interpretação, pretensamente em sentido contrário, que João Zilhão (1997, vol. 1: 35) faz de uma passagem de um texto de Veiga Ferreira (1984: 366) é ilegítima. Com efeito, referindo-se “ao mais importante nível de ocupação do caçador néandertal” daquela gruta, situado praticamente na base da sequência estratigráfica do local (cam. 8), aquele autor afirma (e Zilhão cita-o): “é evidente que outros níveis de ocupação humana mais modernos e pouco intensos se revelaram nos trabalhos de estratigrafia ali feitos”. E assim é, de facto. Como na mesma página afirma o autor citado, a estratigrafia da gruta “consta de 9 níveis arqueológicos com indústrias levallo-mustierenses e fauna do Würm”. Ou seja, acima do nível 9 existem outros mais recentes, com indústrias líticas reduzidas e provavelmente em posição secundária, é certo... mas igualmente atribuíveis ao Paleolítico Médio – como, de resto, o nosso presente estudo confirma, de forma evidente.

Ou seja e em conclusão: nunca ninguém salvo Farinha dos Santos na interpretação que deu às anotações de Jean Roche, e João Zilhão na leitura que fez de Veiga Ferreira, se referiu à existência de indústrias do Paleolítico Superior na Gruta Nova da Columbeira. A hipótese cronológica levantada por Jean Roche derivava unicamente de uma interpretação geocronoclimática da sequência estratigráfica da gruta: tendo em conta as datações muito tardias acima referidas, obtidas na base da sequência sedimentar, os crescentes sinais de crioclastia documentados no sector superior da mesma (sem ocupação humana, insistimos, na sequência superior à camada 4), deveriam atribuir-se a uma fase pleniglaciária, que só poderia ser o Würm recente, ou seja, a uma cronologia contemporânea do Paleolítico Superior.

Quanto à possibilidade de contaminação das amostras datadas, que é recorrentemente apontada por João Zilhão, trata-se de hipótese essencialmente resultante da ideia pré-concebida da impossibilidade de existirem indústrias mustierenses em época tão tardia. Com efeito, as reservas do laboratório que as realizou – as únicas que no contexto da discussão da validade intrínseca dos resultados obtidos têm importância – referem-se apenas a resultados “demasiado jovens”. De facto e ao contrário do que afirma Zilhão nos textos em que refere a publicação daquelas datações, por Georgette Delibrias e colaboradores, sem explicitamente os citar (“as datas são obviamente demasiado jovens; devem ser consideradas como limites inferiores de idades”, DELIBRIAS *et al.*, 1986: 23), tais observações não decorriam de qualquer objecção apriorística relativamente à fiabilidade das amostras, mas tão-só, como veremos adiante, do quadro da referência da época em matéria dos limites cronológicos admissíveis para o Mustierense. Não se aduzem ali quaisquer argumentos relacionados com a natureza das amostras (“terra carbonosa de lareiras nos níveis mustierenses”, *id. Ibid.*: 22), sendo certo que repetidamente na mesma publicação os autores se referem à pouca fiabilidade intrínseca das datações obtidas, quando tal lhes parece ser o caso (cf., por exemplo, o comentário a propósito da longa série de datações do abrigo de La Ferrassie, onde explicitamente assinalam casos de “datas demasiado jovens por causa de contaminação recente de ossos *in situ*”, o que leva a afirmar que estas “datas podem ser suspeitas”, *id., ibid.*: 18). Ora, tendo as amostras da Columbeira sido recolhidas em camadas situadas no sector inferior do preenchimento da cavidade, sobrepondo-se-lhes uma espessa sequência sedimentar, aliás fortemente brechificada e ainda com vestígios mustierenses, seria caso para perguntar de onde poderiam ter origem as hipotéticas infiltrações, que ainda mais hipoteticamente as contaminassem, rejuvenescendo-as.

Reconhecendo talvez a justificação desta argumentação, que já expusemos noutros lugares, João Zilhão retomou mais recentemente a sua cruzada (que quase se diria obsessiva) em defesa do descrédito das datações em referência, recorrendo agora a considerações de ordem estratigráfica. Segundo estas, a existência de 1,5 m de depósitos com indústrias do Paleolítico Médio, situados acima das camadas que foram datadas, invalidaria necessariamente estas datações, uma vez que obrigaria a considerar para tais depósitos cronologias ainda mais recentes, e de todo insustentáveis (ZILHÃO, 2000: 111). Ainda aqui trata-se de objecção improcedente, como medianamente se poderia deduzir das características que indicámos serem as do processo de sedimentação da cavidade. Com efeito, deve ter-se presente que as camadas situadas acima das que foram datadas (ou seja, camadas 6 a 4) são basicamente constituídas por um espesso horizonte crioclástico, que permite antecipar, só por si, a ocorrência de sedimentação relativamente rápida. Acresce que, dada a geometria da cavidade (forte inclinação ascendente das camadas, na direcção da primitiva entrada, ainda por escavar), se torna admissível, para não dizer provável, que os clastos (incluindo artefactos líticos) integrantes destas camadas não se encontrem em posição primária, pelo menos em parte, mas tenham sido remobilizados, por acção gravitacional, a partir de áreas situadas na zona vestibular da gruta. Se a tudo isto adicionarmos a diminuta expressão numérica dos conjuntos líticos detectados nesta sequência, especialmente residuais nas duas camadas sobrejacentes ao espesso horizonte brechificado (52 peças na camada 5; 107 peças na camada 4), em tudo oposta à dimensão das indústrias das camadas subjacentes, temos obviamente aberta a via que permite admitir estarmos em presença de vestígios derivados, talvez significativamente anteriores ao processo de efectiva sedimentação destas camadas, atribuível já à instalação da degradação climática que dará passagem ao pleniglacial wurmiano superior. Ou seja: tanto a provável rapidez do processo de sedimentação das camadas 6 a 4, como o carácter eventualmente derivado dos raros artefactos líticos encontrados nas mesmas, são factores bastantes para que não seja justificado duvidar das datações obtidas nas camadas subjacentes.

Claro que tudo isto serve apenas para insistir em que, no estado actual das metodologias utilizáveis no estudo do Paleolítico Médio e da construção epistemológica das unidades espaço-temporais aplicáveis à intelecção deste período, os elementos de datação reunidos na Gruta Nova da Columbeira são suficientemente fiáveis e dignos de crédito. A insistência em apreciações de sinal contrário deriva mais da obstinação pessoal do que da argumentação científica. Mas reconhecemos também, pelo nosso lado, que seria obviamente desejável (como sempre o é, em qualquer sítio arqueológico) possuir um quadro

de datações absolutas e relativas mais completo, recorrendo se possível ao cruzamento de métodos diferentes. Neste sentido, um de nós (L.R.) promoveu a datação de quatro amostras faunísticas (dentes), pelo método das séries de Urânio (Th/U), tendo obtido os seguintes resultados:

SMU-23851	54365	-27525	+22249	(cam. 7)
SMU-235E1	35876	-35583	+27299	(cam. 7)
SMU-236E1	101487	-55919	+38406	(cam. 8)
SMU-236E1	60927	-35522	+27405	(cam. 8)

Outras tentativas de datação por C14-AMS e por TL/OSL, por nós promovidas, foram igualmente feitas, mas sem sucesso em ambos os casos.

Assim, tirando partido dos dados existentes, resta-nos concluir por agora a este nível que:

- a> dificilmente se pode esperar obter resultados pela aplicação do método TL/OSL à datação dos sedimentos da gruta, uma vez que os mesmos revelam uma excessiva carência de exposição à luz, depois de depositados;
- b> os valores Th/U obtidos por um de nós são inutilizáveis pelas suas enormes margens de erro, aliás compatíveis com as datações 14C existentes;
- c> estas datações 14C parecem ter sido três no total, duas realizadas em França (Gyf-sur-Yvette) e uma na Alemanha (Hannover). Todavia, desta última apenas conseguimos obter a indicação dada por O. da Veiga Ferreira (cerca de 25 mil anos), a qual sendo embora concordante com pelo menos a mais recente das duas outras, é demasiado vaga (não sabemos os dados laboratoriais, as margens de erro, etc.) para a podermos considerar, com o rigor que seria requerido;
- d> restam, pois, as duas datas 14C de Gyf-sur-Yvette como as únicas a que pode ser conferido real significado. Como em qualquer outro sítio ou contexto arqueológico, elas poderão obviamente vir um dia a ser questionadas por outras datações ou por argumentos racionalmente credíveis. Como nem umas nem outros existem por agora, elas podem e devem ser validamente aceites. Assim e tal como afirmámos anteriormente

nesta monografia (v. ponto 3.4), na base destas datações e tendo em conta as suas margens de erro, *podem ser defensáveis leituras que atribuam a ocupação mustierense da Gruta Nova da Columbeira a períodos que se situem entre 31 a 30 mil anos, como máximo, e 28 a 25 mil anos, como mínimo.*

Não havendo quaisquer dificuldades geo- ou bioestratigráficas que desaconselhem a validade das duas datas radiocarbónicas citadas, resta "apenas" o argumento cultural: aceitá-las significa reconhecer a extensão das indústrias mustierenses pelo menos até cerca de 28 mil anos. Mais importante ainda: significa que também as populações Néandertais ali tenham subsistido até à mesma época, conclusão que circunstancialmente se encontra documentada pelo dente daquele tipo encontrado na gruta, mas é sobretudo suportada pelo facto de no território ibérico haver uma assimilação completa entre as indústrias mustierenses e as populações néandertalenses.

Será esta situação insustentável, pouco credível, ou sequer improvável, no estado actual dos nossos conhecimentos ? Entramos aqui em domínio que constitui tema de pesquisa desenvolvido noutras ocasiões por um de nós (L.R.), pelo que nos limitaremos neste momento à apresentação dos elementos de enquadramentos mínimos, imprescindíveis à correcta avaliação das indústrias da gruta a que o presente texto se refere.

Nos anos 70 nada faria supor que tal tipo de sobrevivências pudesse ter ocorrido. Mas já a investigação das duas últimas décadas a tem sugerido, com uma acumulação de provas crescente e, em nossa opinião, irrefutável.

Começemos por observar, nesta óptica, os dados do território português, assinalando sucessivamente algumas das grutas e dos sítios de ar livre onde se detectaram ocupações humanas mustierenses, datadas de há menos de 35 mil anos, em certos casos até há cerca de 28 ou 27 mil anos.

Salienta-se em primeiro lugar a gruta, outrora abrigo sob rocha, da Figueira Brava, situado sobre a actual arriba litoral da Serra da Arrábida, ao Sul de Lisboa, local cujo interesse arqueológico e paleontológico foi referido nos anos 80 (SILVA e SOARES, 1986), mas que só foi objecto de investigação no final dessa década e inícios dos anos 90 (ANTUNES, 1990-91; CARDOSO, 1993). O conjunto dos elementos reunidos neste local confere-lhe uma especial importância. Antes do mais, deve salientar-se a notável associação faunística registada, porventura a mais completa de todos os locais do Paleolítico Médio da Península Ibérica. Nela se incluem moluscos e outros invertebrados, peixes (escassos), répteis, aves (muito variadas: 32 espécies) e mamíferos. Estes últimos estão repre-

sentados por 18 espécies de grandes mamíferos (incluindo o homem) e por 19 espécies de pequenos mamíferos. A ocorrência de algumas espécies adaptadas a condições marinhas especialmente frias (tais como o pequena foca ártica, o pinguim gigante e os patos marinhos nórdicos) aponta para a ocorrência de um episódio würmiano regressivo. Não é todavia possível, apenas na base de argumentos bioestratigráficos, determinar com maior precisão qual a cronologia desta fauna e, conseqüentemente, qual a datação da ocupação humana associada. Para este efeito, recorreu-se à datação de algumas amostras pelos métodos do radiocarbono (conchas de *Patella*) e das Séries de Urânio (esmalte dentário de veado), com resultados muito satisfatórios, no primeiro caso (v. quadro 7), situados entre 30/31 mil anos.

A ocupação paleolítica da Figueira Brava é directamente testemunhada pelo registo de restos humanos atribuídos ao *Homo neanderthalensis* e por uma abundante indústria lítica. Foram também referidos sinais de actividade humana em alguns ossos animais. No âmbito de uma monografia sobre o local, actualmente no prelo, realizou-se recentemente o estudo da indústria lítica (RAPOSO e CARDOSO, 1999).

Trata-se de quase de quatro milhares de artefactos, ou cerca dois milhares e meio, se excluirmos a esquirolas de talhe (esquirolas: 36%; debitage: 46 %; núcleos: 9%; utensílios: 9%). No seu conjunto, a indústria lítica apresenta um carácter expeditivo, sem artefactos de grande recorte tipológico, principalmente devido à má qualidade das matérias-primas disponíveis localmente. Predominam amplamente as massas iniciais em quartzo, sob a forma de pequenos seixos rolados, a maior parte talhados *in situ* e recolhidos directamente em horizontes conglomeráticos do Jurássico Superior da Serra da Arrábida, ou em depósitos detríticos terciários, ambos na imediata vizinhança da cavidade. O talhe discóide é largamente dominante (30 % do total das bases negativas de primeira geração são núcleos discóides). Entre os utensílios retocados, predominam os raspadores (IR: 57), seguidos pelos denticulados (GIV: 17) e entalhes (GIVa: 22,6). De acordo com os critérios de diagnose bordiana tradicional, aplicados aos conjuntos líticos do Paleolítico Médio, é possível afirmar que a indústria da Figueira Brava corresponde a um *Mustierense Típico, rico em denticulados, com debitage não-Levallois e fácies não-Levalloisense*, sendo meramente residuais os utensílios "de tipo Paleolítico Superior".

A gruta do Caldeirão, situada cerca de 140 km a Nordeste de Lisboa, próximo da cidade de Tomar, seria um segundo local a reter – mas coloca problemas especiais de diagnose. Identificada em 1979 no âmbito de um projecto de prospecção da zona, orientado para a detecção de sítios paleolíticos, esta gruta foi desde aí e

até 1988 objecto de campanhas sucessivas de escavações dirigidas por João Zilhão (v., por exemplo, ZILHÃO, 1997, vol. 2: 109 e segs.). Constitui uma cavidade relativamente pequena (um corredor estreito de 20m de comprimento dá acesso a uma sala de c. 14 m²), mas com um importante e complexo preenchimento sedimentar (c. 6m), compreendendo ocupações que vão desde épocas históricas até ao Paleolítico Médio. A sequência inferior é constituída por dois blocos sedimentares (da base para o topo: camadas Q a L e camadas K a Fa), separados por uma descontinuidade erosiva muito marcada (assimilada ao interestádio de Denekamp, por adequação ao enquadramento cronológico obtido por datações absolutas). No bloco inferior são abundantes os restos de carnívoros (especialmente a hiena) e raros os artefactos líticos (48 artefactos no total das camadas), atribuídos ao Mustierense. No bloco superior, a primeira camada (K) apresenta também um reduzido número de artefactos líticos (98 no total, sem núcleos e com somente 7 utensílios: raspadores, denticulados e lascas de retoque parcial). As camadas seguintes (Jb e Ja) apresentam uma indústria mais numerosa (176 artefactos no total) e sobretudo com alguns núcleos e utensílios tipologicamente mais característicos (na camada Jb, por exemplo, salienta-se a ocorrência algumas lamelas retocadas). João Zilhão atribui ao Mustierense a indústria da camada K, embora afirme existirem no topo da mesma “os primeiros artefactos claramente atribuíveis ao Paleolítico Superior: uma lâmina retocada de sílex e duas conchas marinhas perfuradas”. As camadas seguintes são atribuídas ao Gravetense (Jb: Gravetense inicial; Ja: Gravetense superior).

Na nossa opinião, a escassez numérica e o carácter não diagnóstico dos conjuntos líticos do bloco inferior e da camada K não permite atribuí-los com segurança ao Mustierense. No caso crucial da camada K acresce a dificuldade adicional de uma nebulosa separação com os utensílios do Paleolítico Superior encontrados no seu topo, precisamente na zona cuja datação radiométrica (27600 ±600 BP) foi considerada aceitável, dado que duas outras datações para a base da mesma camada se revelam incongruentes com a estratigráfica geral sítio. Importa sublinhar que a mera coerência estratigráfica não é suficiente para conferir maior credibilidade à data considerada, sendo além disso certo que ela poderá datar um conjunto gravetense, com o qual aliás seria compatível. Daqui pode concluir-se que, sendo embora verosímeis, nem a datação, nem a atribuição ao Mustierense das indústrias da base da sequência da gruta do Caldeirão se encontram plenamente demonstradas, constituindo todavia hipóteses de trabalho aceitáveis, susceptíveis de serem verificadas no futuro.

Algumas outras cavidades poderiam ainda ser referidas neste contexto. Para além de descobertas recentes, mas não publicadas, por vezes de grande importância (como é o caso da já citada gruta da Oliveira-Almonda, onde se

recolheram restos humanos néandertalenses datados de há c. de 38/40 mil anos e se registou a ocorrências horizontes atribuídos ao Mustierense até datas na ordem dos 31 mil anos), estamos aqui perante locais menos relevantes, seja pelas dúvidas quanto à sua datação, seja pela escassez dos seus conjuntos líticos, seja pela inexistência de revisões modernas dos seus materiais. Mas são em todo o caso locais que "fazem sentido" no quadro geral de referência que os sítios mais importantes permitem construir e adquirem por isso algum valor informativo.

Citemos três, situados muito próximos uns dos outros, nos arredores de Lisboa (concelho de Loures): gruta de Salemas, pedreira de Salemas e gruta do Pêgo do Diabo.

As duas primeiras foram descobertas e escavadas no final dos anos 50. A pedreira de Salemas corresponde ao preenchimento de uma rede de fissuras cársicas abertas verticalmente para o exterior. Numa delas verificou-se a existência de um nível de base (niv. 2) com algumas indústrias atípicas, atribuíveis ao Paleolítico Médio (nunca publicadas extensivamente). Este nível foi satisfatoriamente datado em c. 29 mil anos BP. Sucede-lhe um nível estéril (niv. 3) e um outro (niv. 2) com indústrias, também raras e não descritas modernamente, atribuídas ao Paleolítico Superior.

A gruta de Salemas é na realidade uma diaclase, constituída por um corredor muito longo (30m) e estreito (c. 1m). A sequência sedimentar descrita é bastante complexa, contendo ocupações de diferentes períodos da Pré-História. Indústrias atípicas, atribuíveis ao Paleolítico Médio (nunca publicadas extensivamente) encontram-se referidas na camada da base (niv. 4 ou 8, segundo as duas diferentes notações estratigráficas existentes para este local), descontinua e descrita como *terra rossa* preenchendo as fissuras cársicas. Trata-se de um conjunto composto por várias dezenas de artefactos (lascas, utensílios e núcleos) de aspecto tecno-tipológico claramente mustierense. Este nível é sobreposto por outro (niv. 3), com indústrias do Paleolítico Superior inicial. As datações existentes para ambas as camadas referidas (camada 4: 24820 ±500 BP; camada 3: 20250 ±320 BP) poderão corresponder a uma integração das idades reais dos diversos elementos faunísticos entrados em sucessivos períodos na gruta, oriundos do exterior e para aquela transportados por acarreios hídricos.

As reservas de datação (não tanto de caracterização cultural) da sequências de passagem do Paleolítico Médio ao Paleolítico Superior na gruta de Salemas, podem ser parcialmente colmatadas pela sua correlação com a gruta do Pêgo do Diabo, situada nas proximidades (ZILHÃO, 1997). Nesta, revela-se a existência de uma camada inferior (niv. 3, similar ao nível 4/8 de Salemas) com raros artefactos líticos atribuídos ao Paleolítico Médio, todos com a mesma pátina

características do conjunto mustierense da gruta de Salemas. Sobrepõe-se-lhe igualmente um outro nível (niv. 2), com indústrias do Paleolítico Superior inicial. Se não tivermos em conta a única datação existente para o nível 3 (18630 ± 640 BP), o enquadramento cronológico desta sequência pode então ser dado pelas duas datações obtidas para o nível 2 (na base: $28120 - 780 + 860$ BP; no topo: 23080 ± 490 BP) (ZILHÃO, 1997).

Torna-se patente dos parágrafos anteriores que o conjunto de dados tipológicos e cronométricos reunidos nas três cavidades citadas, embora interessantes, não se encontram inteiramente ao abrigo de contradição, seja no plano da atribuição cultural dos respectivos horizontes atribuídos ao Paleolítico Médio (caso mais notório na gruta do Pêgo do Diabo), seja quanto à sua datação precisa. O mesmo se passaria noutros locais portugueses em cavidades: em alguns deles existem elementos de datação aceitáveis, mas indústrias líticas diminutas (tal é o caso da Lapa dos Furos, com duas datações de c. 30 e c. 34 mil anos, mas somente sete artefactos; Zilhão 1997, vol. 1: 32); noutros, existem indústrias mustierenses porventura melhor definidas, mas faltam por agora elementos de datação cronométrica, como é o caso da Buraca Escura, com ocupações do Paleolítico Médio, incluindo uma lareira, subjacentes a níveis do Gravetense (AUBRY e MOURA, 1994).

Não obstante as limitações acabadas de assinalar, a ocorrência no território português de horizontes mustierenses em cavidades, datados de há cerca de 30 mil anos, ou até menos, até há cerca de 28 mil anos, parece-nos hoje inquestionável, tanto pela ocorrência de pelo menos três locais mais sólidos nesse sentido (Columbeira, Figueira Brava e Oliveira-Almonda), como pelo próprio significado que resulta da acumulação de locais que apontam no mesmo sentido. Este quadro é, aliás, extraordinariamente reforçado – diríamos definitivamente confirmado – pela inclusão na nossa análise de alguns locais de ar livre, de cronologia e caracterização cultural idênticas, com especial saliência para os sítios da Foz do Enxarrique e da Conceição.

O sítio da Foz do Enxarrique foi descoberto em 1982 (RAPOSO *et al.*, 1985) e objecto de sucessivas campanhas de escavações, que continuam no presente. Situa-se na região de Ródão, junto às margens do rio Tejo, no interior de Portugal, a cerca de uma dezena de quilómetros da fronteira espanhola. O horizonte do Paleolítico Médio detectado (único horizonte de ocupação humana pré-histórica existente no local) encontra-se próximo da base de uma espessa cobertura silto-argilosa de cerca de 6 m de potência. Visível em perfis estratigráficos e escavado até agora numa área de cerca de 150 m^2 , este horizonte (com c. de 20cm de espessura máxima) constitui uma antiga margem

fluvial, fisicamente materializada através de lenticulas de concreções de carbonato de cálcio (proveniente da precipitação do calcário em suspensão nas águas do rio), com uma ligeira inclinação, até assentar directamente na cascalheira que preenche as concavidades do substrato rochoso. Em estrita associação estratigráfica e espacial foram encontrados neste sítio abundantes restos faunísticos e uma numerosa indústria lítica (mais de 10 mil artefactos).

O conjunto faunístico encontra-se em estudo por parte de J.-P. Brugal, a quem se devem as observações que passamos a apresentar (BRUGAL e RAPOSO, 1999). De um total de 808 restos ósseos cerca de metade puderam ser taxinomicamente identificados, observando-se uma presença maioritária do veado (27% do número total de restos; MNI: 3) e o cavalo (1,8%; MNI: 3). O auroque também está presente, ainda que em menor percentagem (1,2%; MNI: 2). Residualmente, reconhece-se a presença do coelho, de um proboscídeo indeterminado (provavelmente o elefante antigo) e do rinoceronte. Os carnívoros estão representados por raros fragmentos de raposa, hiena e lince. Esta associação denota um clima temperado, com a presença de espaços abertos e manchas localizadas de bosque.

A indústria lítica não foi ainda objecto de estudo detalhado. Todavia, é possível afirmar que se trata de um conjunto talhado em grande parte no próprio local. Para além de alguns pequenos seixos em sílex ou calcedónia, transportados pelo rio Tejo e detectáveis nas imediações do sítio, utilizam-se sobretudo os abundantes seixos de quartzito da cascalheira de base, seleccionando nela os elementos que apresentam melhores características mecânicas (homogeneidade isotrópica, dureza, etc.) e morfológicas (superfícies exteriores mal roladas, prefigurando plataformas susceptíveis de servirem a configuração das massas nucleares desejadas). Esta judiciosa escolha encontra-se directamente ligada à aplicação dominante do método Levallois, seja sob a modalidade recorrente (centrípeta, com maior frequência, mas também uni e bipolar), seja sob a modalidade de levantamento preferencial (lasca ou ponta). Sendo muito abundantes os núcleos e a debitagem deles resultante (com a aparente representação de toda a sua cadeia operatória), parece haver alguma subrepresentação de produtos Levallois e sobretudo de utensílios retocados. É possível que uns e outros tenham sido transportados para fora deste local, que poderia constituir um "work camp", embora esta definição seja demasiado reducionista (como geralmente são as classificações funcionalísticas dos locais em todo o Paleolítico Inferior e Médio). Também parece evidente que numerosos produtos de debitagem foram utilizados enquanto tais ("utensílios a posteriori", na expressão de François Bordes), sem retoque secundário das arestas, mas com microdenticulações e desgastes de uso. Esta opção pode dever-se a qualquer das seguintes causas (ou talvez a todas): qualidade da matéria-prima disponível,

perfeição dos métodos e técnicas de talhe utilizados, economia de procedimentos ou carácter expediente dos utensílios pretendidos.

No estado actual dos nossos conhecimentos, o sítio da Foz do Enxarrique constitui o mais importante local do seu tipo (ar livre) e cronologia (Paleolítico Médio Final) em toda a Península Ibérica. O enquadramento cronológico encontra-se nele particularmente bem determinado, pela aplicação do método das Séries de Urânio ao esmalte dentário de três espécimes (dois dentes de cavalo e um de auroque), com resultados muito fiáveis e uma datação média ponderada de 33600 ± 500 (data que, em datas convencionais de radiocarbono, deve situar-se próximo dos 30 milhares de anos).

O segundo local a citar é o da Conceição, situado também no vale do Tejo, mas próximo do estuário, ao Sul de Lisboa. Foi descoberto em 1996 e imediatamente depois objecto de uma intervenção de emergência, antes de ser ocultado pela estruturas de acesso à ponte Vasco da Gama. Em estudo preliminar, seguido de monografia, que fizemos (RAPOSO e CARDOSO, 1997b, 1998b), demos adequada divulgação dos resultados obtidos. Sondagens geológicas profundas permitiram reconhecer a sobreposição de dois ciclos transgressivos de sedimentação, correspondentes respectivamente ao Riss/Würm e ao interpleniglacial würmiano. O horizonte arqueológico estudado situa-se na superfície de uma cascalheira, correspondente ao segundo momento assinalado, sendo envolvido por uma fina camada de cobertura, de origem flúvio-eólica. As datações absolutas obtidas para uma camada de areias situada abaixo da cascalheira ($64,5 + 11,6 - 10,4$ milhares de anos) e para a camada de cobertura indicada ($27,2 \pm 2,5$ milhares de anos) confirmam a interpretação geocronoclimática antes efectuada. A datação desta última camada estabelece, pois, um limite *post-quem* para a ocupação humana nela incluída, podendo ser validamente utilizada como indicador aproximado da sua efectiva datação.

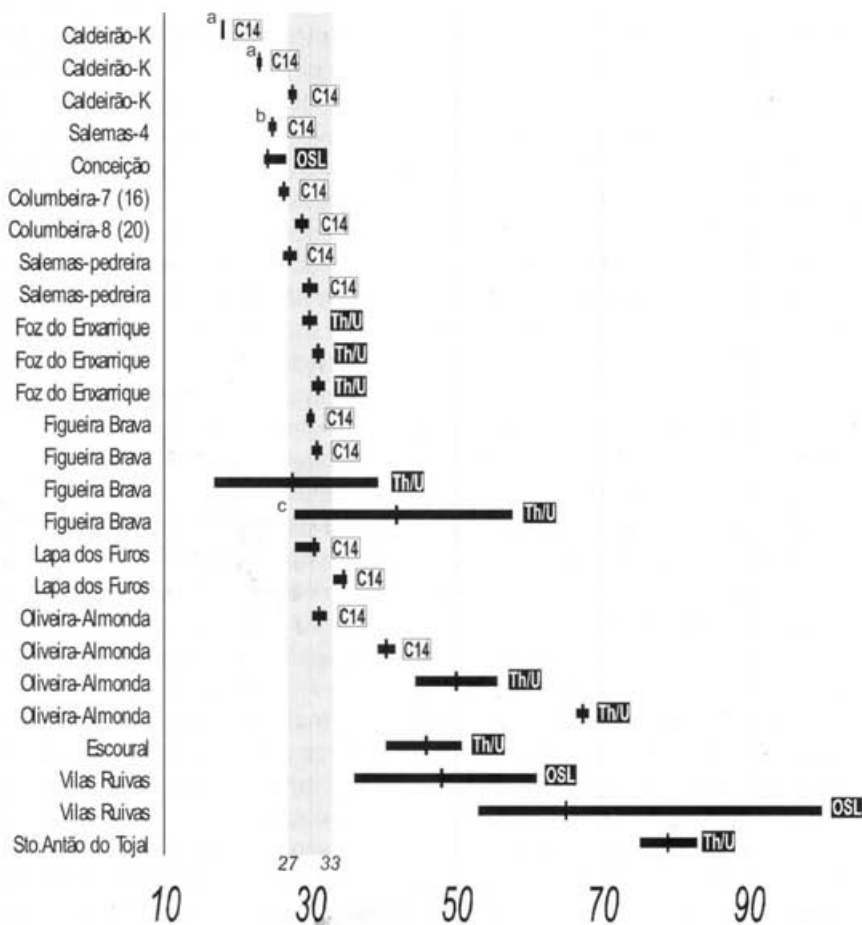
Na mesma área onde se localiza este sítio, são conhecidos outros similares. Em cada um deles o aspecto mais saliente é o da vastíssima expressão quantitativa das respectivas indústrias líticas: dezenas de milhares de artefactos, por vezes dispersos ao longo de superfícies extensíssimas. De toda a evidência, trata-se de palimpsestos correspondentes a acumulações de milhares de ocupações sucessivas, impossíveis de individualizar. O principal factor que poderá explicar este padrão é o da abundância local de seixos rolados de quartzito e de quartzo, matéria-prima que escasseia à medida que nos afastamos do vale do rio Tejo. Sendo impossível balizar cronologicamente estas ocupações, não deixa em todo o caso de ser interessante reflectir sobre o seu eventual significado histórico, no quadro de um processo de intensificação

dos sistemas económicos das comunidades néandertalenses, no período final da sua existência.

No sítio de Conceição, no pouco tempo de que se dispôs para o seu estudo, foi possível recolher cerca de 8500 artefactos líticos, dos quais cerca de 1200 na escavação de uma pequena superfície de 5 m². O estudo detalhado das colecções recolhidas através dos diferentes métodos de trabalho adoptados (prospecção sistemática de superfície numa área seleccionada, sondagens mecânicas e escavação em pequena superfície) permitiu determinar o efeito dessas metodologias nas amostragens obtidas. Mas confirmou também a identidade global do conjunto, acentuando o carácter de "work camp" do local. Sendo raros os utensílios retocados (c. de 250 exemplares, ou seja, c. de 3% do total da indústria), recolheram-se no total, para além da debitação, quase dois milhares de objectos nucleares (esboços de núcleos: c. 500 exemplares; fragmentos nucleares: c. 900; núcleos organizados: c. 520). Encontram-se perfeitamente documentadas todas as fases de conformação dos núcleos, desde os blocos testados, até às formas residuais, esgotadas ou partidas. São largamente dominantes as modalidades de exploração lítica baseadas em concepções de redução volumétrica das massas nucleares a duas faces opostas (núcleos discóides e núcleos Levallois). São raros os núcleos de levantamentos não organizados e os núcleos globulosos, assim como os núcleos de concepção volumétrica plenamente tridimensional, como os chamados núcleos prismáticos. Quanto às modalidades de gestão dos suportes é também amplamente maioritária a concepção recorrente, principalmente sob a forma de organização centrípeta, embora ocorram igualmente núcleos com outros tipos de configuração na face de exploração (uni, bipolares e cruzados). De um modo geral, salienta-se a grande standardização dos procedimentos técnicos, baseados no desenvolvimento dos mais elaborados padrões de economia dos gestos; a este propósito, refira-se por exemplo a importância dos chamados "núcleos discóides sobre calote de seixo", caso limite de simplificação, em que se aproveita a morfologia do suporte natural para dele extrair as lascas predeterminadas pretendidas, sem o recurso a acções de formatação e de preparação dos planos de percussão, traduzíveis em levantamentos a partir do reverso do núcleo. A extraordinária quantidade dos núcleos deste sítio, e a sua homogeneidade, constituem uma excelente base para estudos tecnológicos mais aprofundados, designadamente para testar a distinção entre "discóide" e "Levallois", que neste caso não parece suficientemente estabelecida, a partir das variáveis usualmente propostas. Tendo presente estas características tecnológicas e não obstante a escassez já assinalada de utensílios retocados (principalmente denticulados e entalhes), não existe qualquer dúvida em atribuir esta indústria ao complexo mustierense, sem contudo poder ser mais preciso na sua classificação adentro do sistema bordiano tradicional.

Como se verifica, existem actualmente em Portugal diversos locais onde se documentou, de forma por vezes muito concludente, a ocorrência de horizontes mustierenses (e das populações neandertais) até datas muito tardias, mais recentes mesmo do que 30 mil anos. Cronologias mínimas na ordem dos 28 ou até 27 mil anos podem ser admissíveis, tanto pelo mosaico de datações absolutas

32 | Datações absolutas do Paleolítico Médio português. Sallenta-se a faixa cronológica da datações compreendidas entre 33 e 27 mil anos.



Para efeitos comparativos todas as datas não radiocarbónicas foram subtraídas de 3 mil anos.

Das não aceites por causa

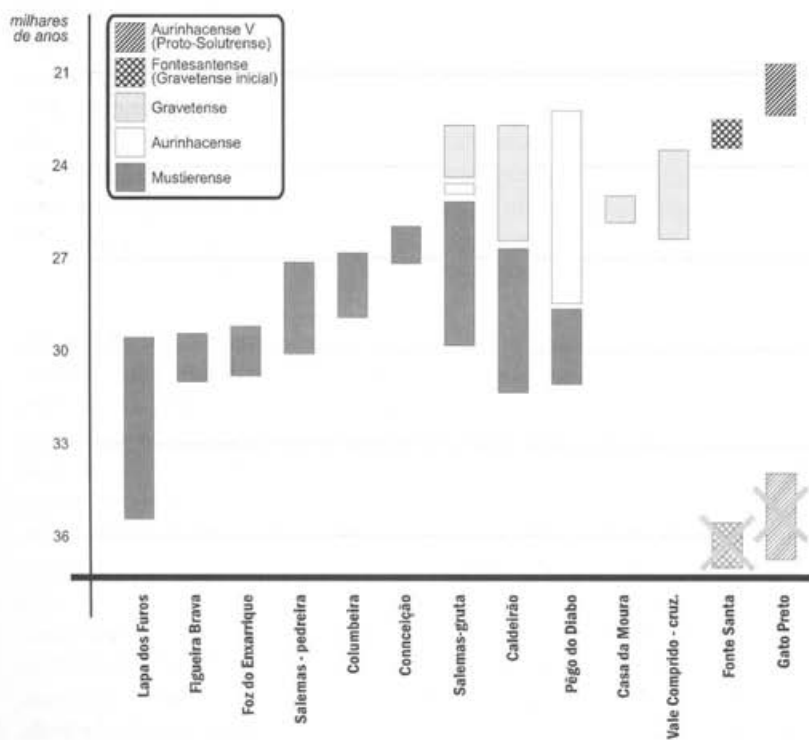
- incongruências com a sequência estratigráfica do sítio.
- insuficiente controlo estratigráfico das amostras.
- pouca fiabilidade devida a insuficiências do material a datar

existente e acima resumido, como pela sua boa articulação com as datações dos mais antigos horizontes do Paleolítico Superior Inicial das regiões consideradas, que se situam em volta dos 28 mil anos. Subsiste apenas a dúvida de saber se poderão ainda ser aceitáveis datações mais recentes, até cerca de 25 mil anos, como uma das datas obtidas na Gruta Nova da Columbeira permite admitir, sem todavia impor. No estado actual dos nossos conhecimentos, julgamos impossível sustentar esta hipótese, que entraria, aparentemente, em conflito com a articulação entre estes locais e os do Paleolítico Superior Inicial. Sublinhamos, porém, que se trata de contradição apenas aparente, porque desconhecemos de todo as redes de povoamento (densidades populacionais, mobilidade territorial, comportamentos económicos, adaptação ecológica, etc.) das populações em presença (néandertalenses e *sapiens* modernos), sendo certo que a sua co-existência numa mesma região durante três a quatro mil anos não seria de todo inverosímil, ou extraordinária, dadas as escala espaço-temporais a que podemos aceder. Não obstante as devidas distâncias, que importa sublinhar, não deixa de ser sugestivo recordar que a mesma situação de aparente co-existência parece estar amplamente documenta no Próximo-Oriente, durante um período de tempo incomparavelmente superior. A eventualidade de uma co-existência durante alguns milénios entre os últimos néandertais e os primeiros *sapiens* modernos na Estremadura portuguesa abriria aliás a via para uma mais credível aceitação de processos de miscigenação, sempre localizados é certo (e situados sobretudo ao nível dos indivíduos e não tanto das populações), mas porventura estatisticamente "mais visíveis" no registo antropológico da época.

Aos locais até aqui citados em abono da argumentação cronológica que temos vindo a expender, seria possível acrescentar diversos outros, mais problemáticos, mas igualmente indicativos da mesma realidade. A mera observação do conjunto de datações absolutas existentes para os sítios do Paleolítico Médio português (v. Fig. 32) é em si própria sugestiva das potencialidades e das lacunas dos dados existentes. A maior parte dos elementos disponíveis referem-se à fase final do período, sendo raras (e pouco precisas) as datações relativas a momentos mais antigos. A caracterização tecno-tipológica das indústrias líticas também reforça este padrão: os conjuntos estudados, numericamente mais representativos na fase recente do Paleolítico Médio, apresentam além disso rupturas marcadas com os do Paleolítico Superior Inicial; os conjuntos da fase antiga do Paleolítico Médio, geralmente constituídos por amostragens reduzidas, revelam maiores continuidades com os do Paleolítico Inferior final. Existem, aliás, indícios suficientes para admitir a extensão das indústrias acheulenses até muito tarde, especialmente no vale do Tejo, sob a forma do chamado "Micoquense", que na região de Alpiarça pode ter subsistido até há menos de 100 mil anos (v. RAPOSO *et al.*, 1996).

A descontinuidade assinalada entre o Paleolítico Médio final e do Paleolítico Superior inicial não se limita à mera observação das respectivas indústrias líticas – e mesmo esta é diversificada, incluindo aspectos tais como a captação e gestão de matérias-primas, os procedimentos técnicos adoptados e o repertório tipológico executado. Um outro significativo elemento de ruptura entre ambos os períodos pode ser encontrado ao nível do território e dos próprios sítios habitados.

São poucos os sítios portugueses onde se verifica uma continuidade ocupacional entre os níveis do Paleolítico Médio final e os níveis do Paleolítico Superior inicial. Na Fig. 33 apresentam-se os locais de ambos os períodos para os quais existem elementos de datação suficientemente credíveis. Em cerca de metade (Lapa dos Furos, Figueira Brava, Foz do Enxarrique, Pedreira de Salemas, Columbeira e



33 | Principais locais do Paleolítico Médio Final e do Paleolítico Superior Inicial portugueses, com suficientes elementos de datação absoluta, assinalando-se as respectivas sequências culturais. As barras com cruzes referem-se a dois locais cujas datações absolutas são consideradas por J. Zilhão incompatíveis com a caracterização tipológica das respectivas indústrias líticas, assinalando-se neste caso as datações que, nesta base, lhes são propostas.

Conceição) apenas se registam ocupações do Paleolítico Médio final; em quatro (Casa da Moura, Vale Comprido-cruzamento, Fonte Santa e Gato Preto), apenas ocorrem horizontes do Paleolítico Superior inicial; somente os três restantes (grutas de Salemas, Caldeirão e Pêgo do Diabo) apresentam sequências com continuidades entre ambos os períodos.

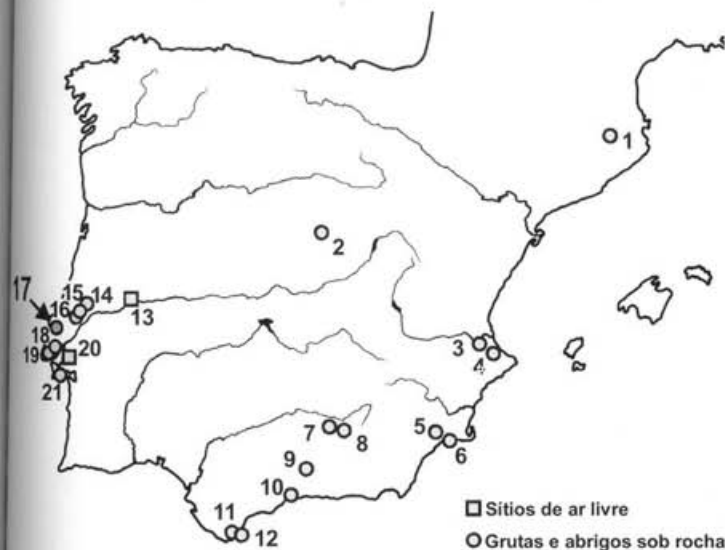
Como se vê, a ideia da ruptura é a que melhor corresponde à avaliação dos dados na passagem do Paleolítico Médio para o Paleolítico Superior, em Portugal.

Ruptura tão marcada, que facilmente pode ser atribuída a comportamentos culturais muito distintos por parte de duas populações também elas distintas: as comunidades neandertalenses, pré-existentes no território, e as comunidades de *sapiens* modernos, acabadas de chegar.

Seria, porém, incompreensível o caso português se ele não pudesse ser inscrito num outro mais amplo, ibérico e europeu.

Vejamos em primeiro lugar os dados que emergem dos conhecimentos existentes sobre a matéria no quadro peninsular.

A lista dos locais ibéricos em que foram registados horizontes culturalmente atribuídos ao Paleolítico Médio (em vários casos com restos físicos de neandertais), datados de há menos de 35 mil anos (Fig. 34 e Quadro 7) é já hoje demasiado extensa para que possa ser ignorada. Sendo certo que as datações propostas para alguns deles podem ser objecto de discussão, outros existem em que as atribuições cronológicas, realizadas a partir de critérios diferentes, por vezes cruzados, são bastante sólidas. Sirvam de exemplos as grutas da Carigüela, Horá, Zafarraya e Gorham's, em Gibraltar. Confirmam-se, pois, agora com



34 | Localização dos principais sítios do Paleolítico Médio Final (dados de menos de 35 mil anos) na Península Ibérica (os números referem-se ao inventário patente no quadro 7). A Gruta Nova da Columbeira

elementos de datação absoluta credíveis, as hipóteses que alguns autores já há anos vinham sugerindo, a partir de fundamentos geo- e bioestratigráficos (v., por exemplo, VEGA TOSCANO, 1990 e 1993).

Está ainda por fazer o estudo comparativo das indústrias líticas dos sítios portugueses e espanhóis referidos nos parágrafos anteriores. Aparentemente, elas revelam grande variabilidade, porém com um notável traço comum: em

Nº	Sítio	Região	Estratig.	Datagens	Método	Obs.
1	Ermítos	Girona	cam. IV	33190 +660	C14AMS	(C14 convencional: 36430 ±1800)
2	Jarama VI	Guadalajara	niv. 2	29599 +2700	C14	
3	Cova Negra	Valência	cam. 5	<30000		estratigrafia
4	Beneito	Alicante	X (D1)	30160 +680	C14	(C14 AMS: 38800 ±1900)
5	Pernas	Murcia	A-B	c. 29/30000		estratigrafia
6	Palomarico	Murcia	niv. médio	c. 29/30000		estratigrafia
7	Carihuela	Granada	cam. IV	c. 25000		estratigrafia e microfaua
			cam. V	c. 30000		estratigrafia e microfaua
			?	c. 28000	TL	
			?	c. 32000	TL	
			?	c. 31-35000	TL	
8	Horá	Granada	niv. II-VI	<30000		estratigrafia
9	Zafarraya	Granada	cam. I-3/7	25100 +1300	Th/U	
			id	26900 +2700	Th/U	
			id	28900 +4200	Th/U	
			id	29800 +600	C14	
			cam. I-8	31700 +3600	Th/U	
			id	31800 +550	C14	
			cam. D	33400 +200	Th/U	cam. com achados neandertais
10	Bajondillo	Torremolinos	niv. base	25300/26500+10/15%	ESR	dataç. travertino (parede abrigo)
				27300 +1700	Th/U	idem
11	Devil's Tower	Gibraltar	cam. 3	>30000	C14	
			cam. 4	c. 29000	C14	dataç. criança neandertal
12	Gorham Cave	Gibraltar	cam. G	47700; 49200	C14	datas discutíveis
			cam. G	<30000		estratigrafia
			?	c. 32000	C14	(trab. recentes; não publicados)
13	Foz Enxarrique	Ródão	cam. C	32938 +1055	Th/U	horizonte paleolítico único
				34088 +800	Th/U	
				34093 +920	Th/U	
14	Caldeirão	Tomar	niv. K	27600 +600	C14	ou P. Superior inicial
15	Lapa dos Furos	Tomar	cam. 4	30570 +760	C14	sobre brecha - interest. Wurm
			cam. 4	34580 +1160 -1010	C14	idem
16	Almonda	T. Novas	cam. 9	31200 +900	C14	(trab. recentes; não publicados)
17	Columbeira	Bombarral	niv. 16	26400 +750	C14	
			niv. 20	28900 +950	C14	
18	Salemas (algar)	Loures	niv. inferior	27170 +1000 -900	C14	
			id	>29200	C14	
			id	29890 +1130 -980	C14	
19	Pêgo do Diabo	Loures	niv. 2-base	28120 +860	C14	base de nível do P. Superior
20	Conceição	Alcochete	cam. C-topo	27200 +2500	TL	
21	Figueira Brava	Setúbal	niv. inferior	30050 +550	C14	
			niv. indet.	30930 +700	C14	

Quadro 7 | Inventário dos principais sítios do Paleolítico Médio Final (datados de menos de 35 mil anos) da Península Ibérica.

nenhum local foi detectado qualquer tipo de “indústria de transição” para o Paleolítico Superior (com a eventual excepção do conjunto lítico da gruta de Zafarraya, que em todo o caso carece de estudo e publicação extensiva). Ao contrário: tal como na Gruta Nova da Columbeira, as indústrias mustierenses finais do Sul e Ocidente ibéricos testemunham por vezes uma acentuação dos padrões mustierenses (uma “mustierização”), embora quase sempre dentro de estratégias de aprovisionamento em matérias-primas, gestão de suportes e fabrico de utensílios marcadamente expeditivos.

O Mustierense Final ibérico no contexto europeu

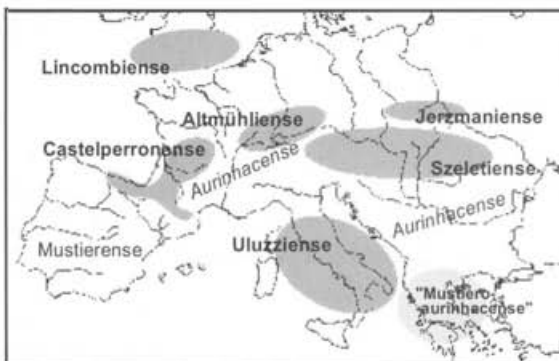
A correcta avaliação da realidade ibérica não pode, por seu lado, dispensar um enquadramento geográfico e histórico mais amplo. Assim, observando os mapas da Europa em três momentos cronológicos sucessivos, verifica-se o seguinte panorama:

>há cerca de 40 mil anos, ou mesmo antes (fig. 35.1), as primeiras indústrias do Paleolítico Superior (Aurinhacense) parecem ocupar uma faixa latitudinal relativamente estreita, constituindo uma “frente” que, com origem a Leste (Bacho-Kiro cam 11), ocupa a Europa Central ao longo do vale do Danúbio e do arco alpino (Abri de Fumane), estendendo-se eventualmente (aceitando as respectivas datações, o que não é totalmente pacífico) até às regiões catalã (Arbreda BE111) e cantábrica (Castillo 18C); periféricamente, não se registam “indústrias de transição” significativas (indústrias de tipo foliáceo ou laminar, respectivamente na Alemanha ou no Norte de França/Bélgica, não podem ser assimiladas a este conceito, já porque, se ainda existentes, como no primeiro caso, constituíam o desenvolvimento de antigas tradições autóctones, já porque, como no segundo caso, apenas se encontram documentadas muitas dezenas de milénios antes, não podendo por isso ser invocadas neste contexto);

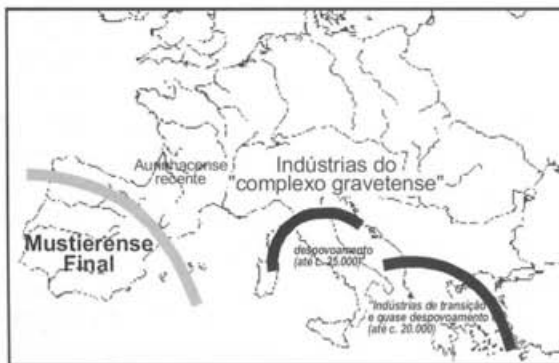
>há cerca de 35 mil anos (Fig. 35.2), multiplicam-se as ditas “indústrias de transição”, especialmente em zonas marginais da anterior faixa latitudinal aurinhacense. Sem aqui pretendermos discutir o significado



1 | AURINHACENSE ARCAICO (c. 40.000)



2 | INDÚSTRIAS "DE TRANSIÇÃO" (c. 35.000)



3 | MUSTIERENSE FINAL (c. 30.000)

35 | A Europa em três momentos sucessivos da sua história (40, 35 e 30 mil anos), na passagem do Paleolítico Médio para o Paleolítico Superior.

histórico de tais indústrias, e recusando em especial o simplismo de as interpretar todas por igual, não deixamos de salientar a forte presunção da ocorrência, em algumas, de efeitos de aculturação. Dificilmente se compreenderia como de outro modo e sem imediatas raízes locais, tivessem populações geograficamente tão diversas convergido, quase "de repente", para os padrões tecno-tipológicos definidores do Paleolítico Superior. Importa, porém, sublinhar que "aculturação" não significa "difusionismo" generalizado, nem muito menos "inferioridade" biológica ou cultural. Significa apenas a forma mais econômica de interpretação dos dados existentes, fazendo uso do mais universal mecanismo através do qual as inovações se disseminam, principalmente no plano tecnológico. De notar ainda, nesta faixa cronológica, a situação existente nas zonas mediterrânicas: desenvolvimento de "indústrias de transição" nas penínsulas balcânica (embora mal documentadas e sin-

creticamente reunidas num conceito vago de conjuntos "mustiero-aurinhacenses") e itálica (Uluzziense); manutenção do Mustierense na Ibéria, ao Sul do sistema Ebro/Montes Cantábricos;

>**há cerca de 30 mil anos e mesmo depois** (fig. 35.3), as indústrias do Paleolítico Superior ocupam extensivamente a Europa, tendo praticamente desaparecido as ditas "indústrias de transição". Apenas as três penínsulas meridionais revelam um comportamento peculiar: as duas orientais, sugerem um quase despovoamento do território, não justificável nem por falta de pesquisa arqueológica, nem por qualquer tipo de adversidade ambiental (v. a propósito as importantes comunicações sobre o tema, apresentadas por Margherita Mussi e Catherine Perlès na "workshop" de Dolni Vestonice, promovida pela "European Science Foundation", actualmente no prelo: MUSSI e ROEBROEKS, 1996); a ocidental, revela uma permanência importante das indústrias mustierenses.

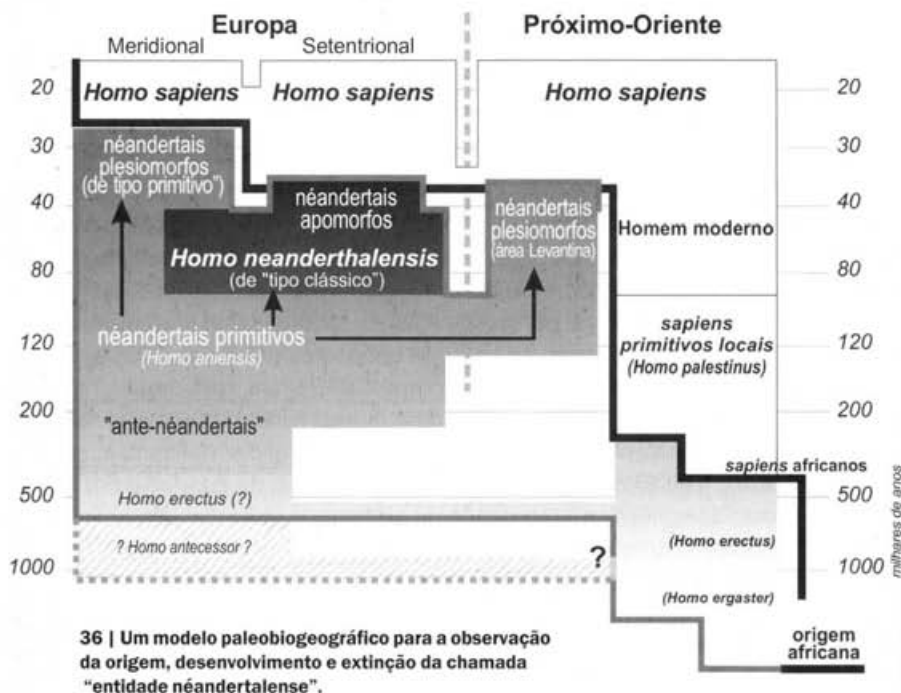
A confirmação da permanência até muito tarde (30 a 28 mil anos, pelo menos) de populações néandertalenses e indústrias mustierenses em grande parte da Península Ibérica não oferece hoje, pois, grande contestação. Aquilo que agora importa seria desenvolver os modelos que a pudessem explicar - o que, segundo cremos, só pode ser feito na perspectiva pan-europeia acima sumariada.

Segundo as concepções apresentadas por um de nós (RAPOSO, 2000), a plena compreensão dos dados ibéricos requer uma abordagem mais ampla, baseada numa interpretação paleobiogeográfica da entidade néandertalense (v. HUBLIN, 1990), na sua origem, no seu desenvolvimento regional diversificado e... na sua extinção (v. fig. 19). Encontramo-nos aqui num terreno de pesquisa em que se torna necessário verificar a diversidade de ambientes paisagísticos e climáticos da Europa no período que vai desde o final da penúltima glaciação até ao início da "degradação climática" anunciadora do último máximo glacial; um campo de estudos em que, tendo em conta esse tipo de factores mesológicos e a própria configuração geográfica do continente, importa proceder a uma avaliação das condições para o desenvolvimento de endemismos na Europa, e nas suas diferentes regiões, especialmente das penínsulas meridionais.

Com base nestes dados e numa mais rigorosa datação de alguns achados antropológicos-chave, seria talvez possível verificar a ocorrência de uma insuspeitada variedade biológica, e potencialidade adaptativa, naquilo que sincreticamente se tem designado por "neandertais". Seria talvez possível, por exemplo, reconstruir a antiga ideia de Sergio Sergi acerca da existência de uma variedade néandertalense mediterrânica, mais indiferenciada e grácil do que a variedade dita clássica, ideia a que outros autores têm sucessivamente re-

gressado, porém com grandes hesitações por falta do adequado suporte cronológico.

Em 1982, Anne-Marie Tillier terminava o seu estudo sobre as crianças néandertalenses de Devil's Tower sugerindo que os traços plesiomorfos nelas detectados poderiam dever-se apenas à sua eventual antiguidade pré-würmiana (explicação igualmente utilizada para a interpretação de traços idênticos em alguns fósseis italianos e europeus orientais), mas admitia já que "se pelo contrário os fósseis de Gibraltar são mais recentes (última glaciação) como supunha Garrod, eles constituiriam os únicos representantes na Europa de uma variedade néandertalense isolada geograficamente" (TILLIER, 1982: 147).



Em 1991, Silvana Condemi, ao avaliar as características plesiomorfas do crânio de Circeo 1, semelhantes às dos fósseis de Saccopastore (datados do último período interglaciário) e bastante diversas das populações néandertalenses clássicas (dominadas por caracteres autapomorfos), concluía também que, admitindo a datação recente de Circeo 1 (würmiana), "seria tentador interpretar esta diferença nos termos de uma continuidade local particular a cada uma dessas duas regiões geográficas" (CONDEMI 1991: 353).

Anos mais tarde, Giorgio Manzi e colaboradores, procedendo à análise de novos restos néandertalenses do Monte Circeo (desta vez provenientes da Grotta Breuil), afirmam que os sinais de gracilidade neles detectados "são melhor considerados como a expressão de variação geográfica (e adaptativa)" (MANZI e PASSARELLO, 1995: 359).

E ultimamente, também Anne Hambücken veio confirmar as sugestões anteriores baseada no estudo de alguns caracteres do esqueleto pós-craniano néandertalense, especialmente na morfologia da extremidade distal do úmero. Esta autora é positiva na consideração de uma "variedade mediterrânica" dos neandertais, com similitudes com a variedade do Próximo-Oriente. Trabalhando com datações radiométricas mais conclusivas, ele afirma claramente: "A hipótese de uma variabilidade devida à disparidade cronológica dos fósseis pode ser afastada quando se considera a idade que lhes é atribuída" (HAMBÜCKEN, 1997: 116). A explicação para a existência de tais variedades poderia ser procurada em ambientes climáticos diferentes, expressos em características funcionais e comportamentais diferentes. Ao nível local, baixas densidades e mobilidades populacionais poderiam também ter algum impacto: "é possível que uma fraca mobilidade dos neandertais, e portanto de fluxos genéticos reduzidos sejam um elemento de explicação a reter para compreender a variabilidade observada ao nível local" (*idem, ibidem*: 117).

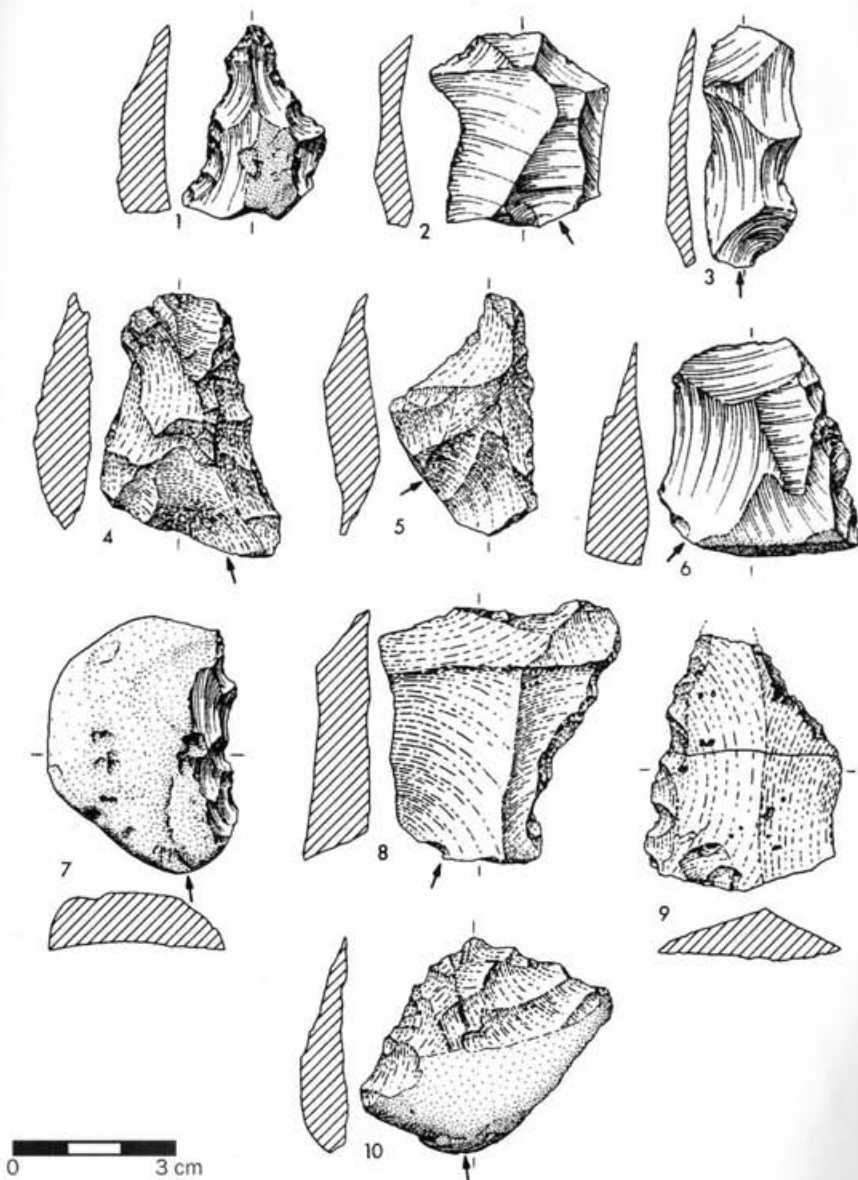
Os elementos de diagnóstico utilizados por Anne Hambücker são ainda muito fragmentários. Muitos outros espécimes deveriam ser tidos em consideração. Por exemplo, os de Itália, nomeadamente os da supracitada Grotta Breuil. Mas também os de Ibéria. Os fósseis de Devil's Tower, em Gibraltar, se realmente datados de um período recente, como parecem indicar os dados mais recentes disponíveis, e os achados excepcionais de Zafarraya poderiam adquirir uma importância crucial neste contexto. Como escrevemos noutra local (RAPOSO, 2000), "eles poderiam confirmar definitivamente a ocorrência de uma variedade néandertal mediterrânica, mais indiferenciada e potencialmente mais progressiva do que a designada 'variedade clássica'", permitindo eventualmente a construção de um modelo próximo do que apresentamos na Fig. 36.

Finalmente, se a todo o cenário indicado acrescentarmos as condições de isolamento e a dimensão geográfica de cada uma das três penínsulas meridionais europeias, temos porventura aberta a via para a explicação da sobrevivência das populações néandertalenses na Ibéria, à volta e depois de 30 mil anos; assim como a do aparente quase despovoamento da Itália e Grécia desde a mesma altura, até há cerca de 25 mil anos.

A não ocupação precoce do Centro, Sul e Ocidente da Península Ibérica por parte das primeiras populações biologicamente modernas, há cerca de 40 mil anos, e a frequentação fugaz que delas se assinala nas penínsulas itálica e balcânica, dever-se-ão à acção conjugada de dois factores: a eventual dificuldade de adaptação aos respectivos ambientes naturais e, sobretudo, a circunstância desses ambientes serem ocupados por populações biologicamente progressivas (não no sentido de uma aproximação à entidade *sapiens sapiens*, mas no sentido estritamente biológico e dentro de um quadro de referência néandertalense), embora porventura tecnológica e culturalmente menos evoluídas. Nestes termos, seria de esperar que a dimensão dos territórios respectivos jogasse um papel decisivo: territórios mais pequenos e geograficamente acessíveis poderiam originar todo o tipo de fenómenos de aculturação e/ou o rápido decréscimo populacional e extinção da população menos equipada; territórios maiores e geograficamente mais inacessíveis, suscitariam a manutenção de traços culturais próprios e a sobrevivência até mais tarde das populações antigas, que disporiam de espaços reprodutivos suficiente vastos. Tal terá sido o que aconteceu respectivamente a Oriente (Grécia e Itália) e a Ocidente (Portugal e Espanha mediterrânica). As próprias associações faunísticas, especialmente no caso ibérico, onde se documenta a sobrevivência de uma antiga mega-fauna relíquia até períodos muito recentes (de notar, por exemplo, a ocorrência de *Elephas antiquus* próximo dos 30 mil anos, no sítio da Foz do Enxarrique. RAPOSO *et alii.*, 1985), depois radicalmente substituída por uma fauna banal, de tipo moderno, são prova desses endemismos, constituindo a população néandertalense apenas mais um elemento de uma história cuja explicação plena requer a sua inclusão neste amplo quadro geográfico e natural.

Nos parágrafos anteriores encontra-se sumariamente exposta a problematização que confere à Gruta Nova da Columbeira uma importância tal que a coloca entre os principais sítios do final do Paleolítico Médio em toda a Europa. E também num daqueles em que terão permanecido “os últimos neandertais”. Não escondemos que seria desejável obter nela um maior número de datações radiométricas. Mas mesmo se, no futuro, tais datações “envelhecerem” de algum modo o Mustierense deste local, nem por isso fica minimamente prejudicada a argumentação global acerca do Mustierense Final ibérico e da sua explicação histórico-antropológica, que aqui esboçámos. Com ironia, diríamos haver apenas que subtrair um ponto ao mapa dos sítios daquela faixa cronológica e passar a encarar o “processo de mustierização” da Gruta Nova da Columbeira como um desenvolvimento de longa duração, imune a pressupostos historicistas, de que aliás prescindimos (por serem incompatíveis com as escalas de resolução espaço-temporal ao nosso alcance), mas que uma sequência rápida como a que descrevemos torna atractivos e inevitavelmente se instalam nos nossos espíritos.

Desenhos
Bibliografia

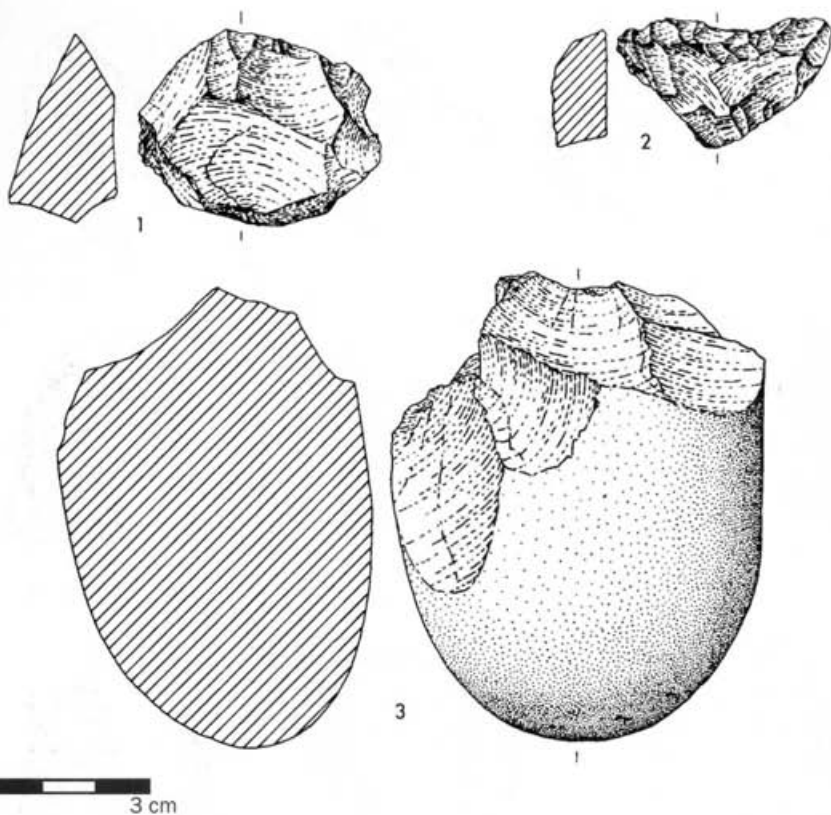


37 | Conjunto de artefactos líticos da camada 4

Nº 1: 86 | nº 2: 93 | nº 3: 105 | nº 4: 100 | nº 5: 1 | nº 6: 28 | nº 7: 75 | nº 8: 87 | nº 9: 2 | nº 10: 98.

Nº 1 a 3, 6, 9: sílex | nº 4, 7, 10: quartzo | nº 5, 8: quartzito.

Nº 1: ponta de Tayac | nº 2 e 3: lascas Levallois | nº 4: raspador simples côncavo | nº 5: raspador desviado | nº 6 a 10: denticulados.

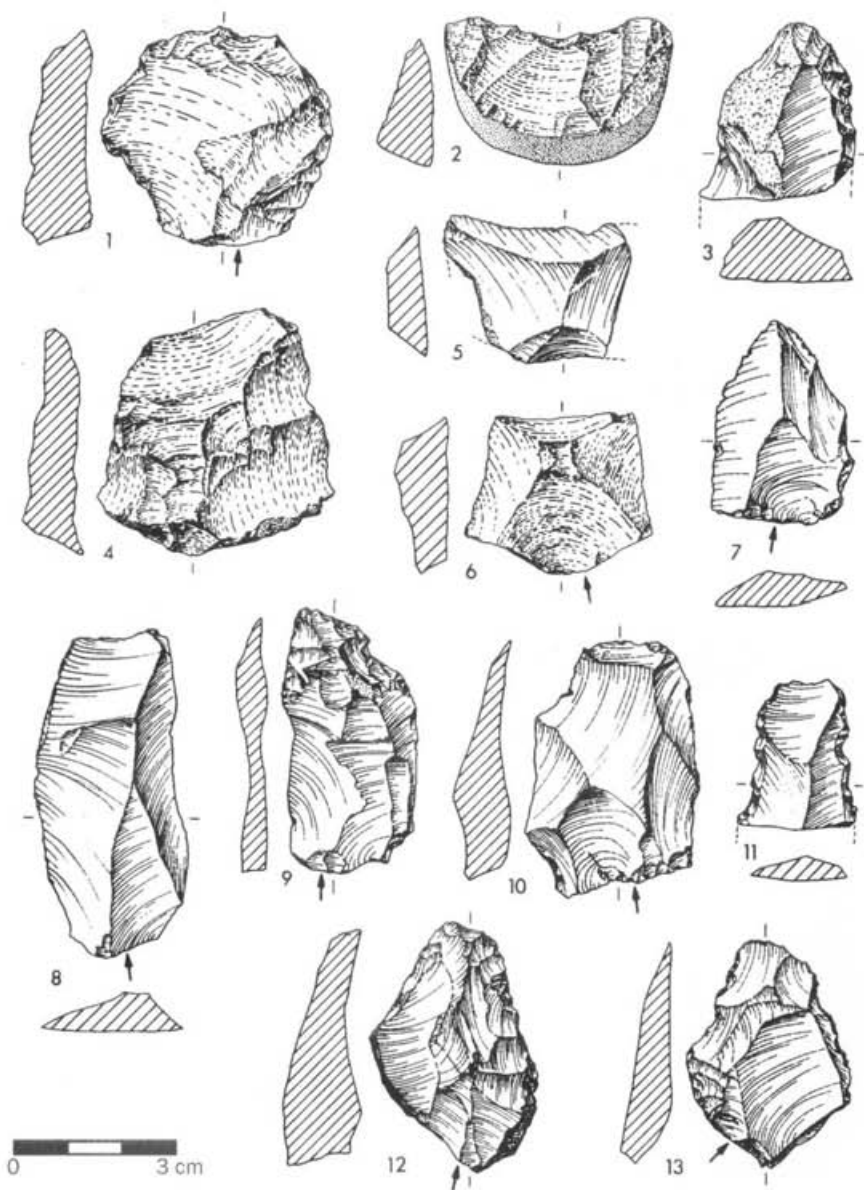


38 | Conjunto de artefactos líticos da camada 5

Nº 1: 3-12 | nº 2: 7-79 nº 3. 10-1.

Nº 1 e 3: quartzito | nº 2: quartzo.

Nº 1: núcleo Levallois | nº 2: raspador de retoque abrupto | nº 3: seixo bifacial ou esboço de núcleo.

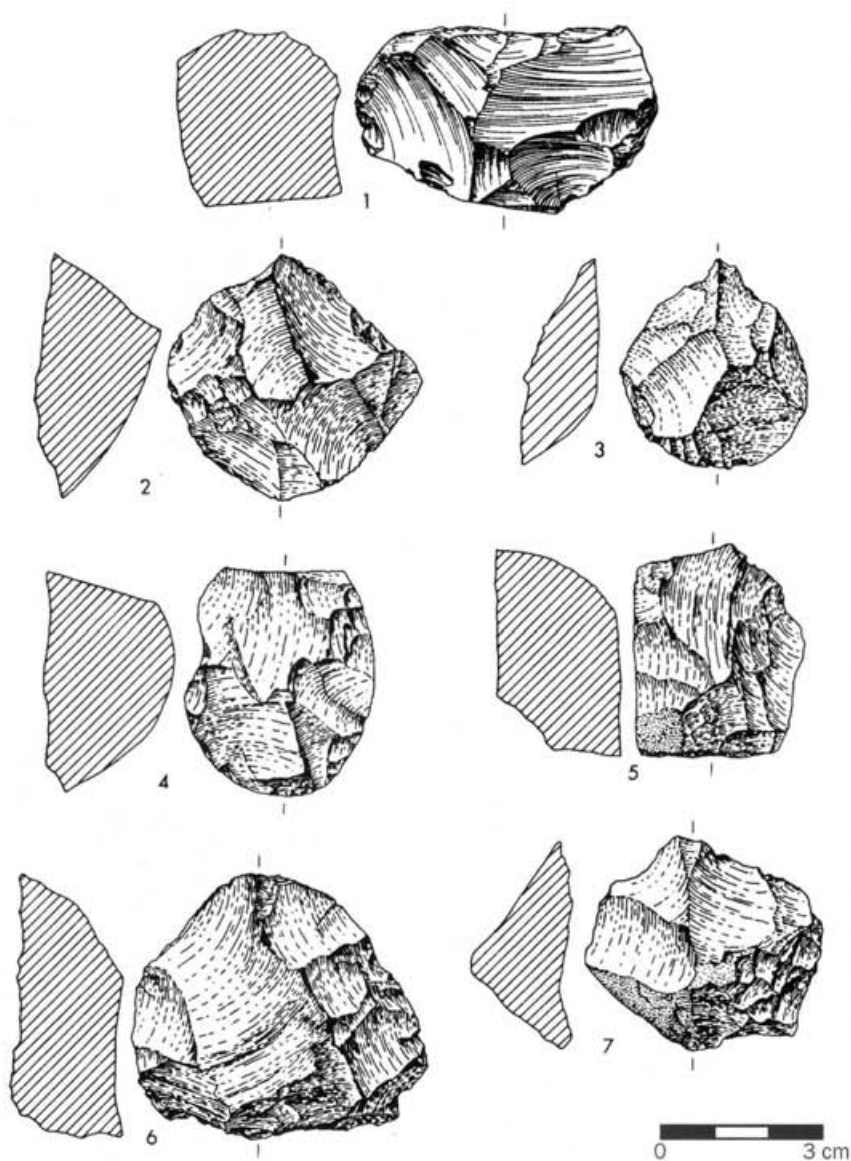


39 | Conjunto de artefactos líticos da camada 6.

Nº 1: 57 | nº 2: s/ref.2 | nº 3: s/ref.2 | nº 4: 5-1 | nº 5: 6 | nº 6: 5-4 | nº 7: 3-13 | nº 8: 5-3 | nº 9: 3-89
 | nº 10: 7-50 | nº 11: 5-36 | nº 12: 7-62 | nº 13: 7-72.

Nº 1, 4: quartzo | nº 2, 6: quartzito | nº 3, 5, 7 a 13: sílex.

Nº 1, 3: raspadores simples convexos | nº 2: raspador simples côncavo | nº 4 a 6, 10: lascas Levallois |
 | nº 7: ponta Levallois | nº 8: lâmina Levallois | nº 9: ponta Levallois retocada | nº 11 a 13: denticulados.

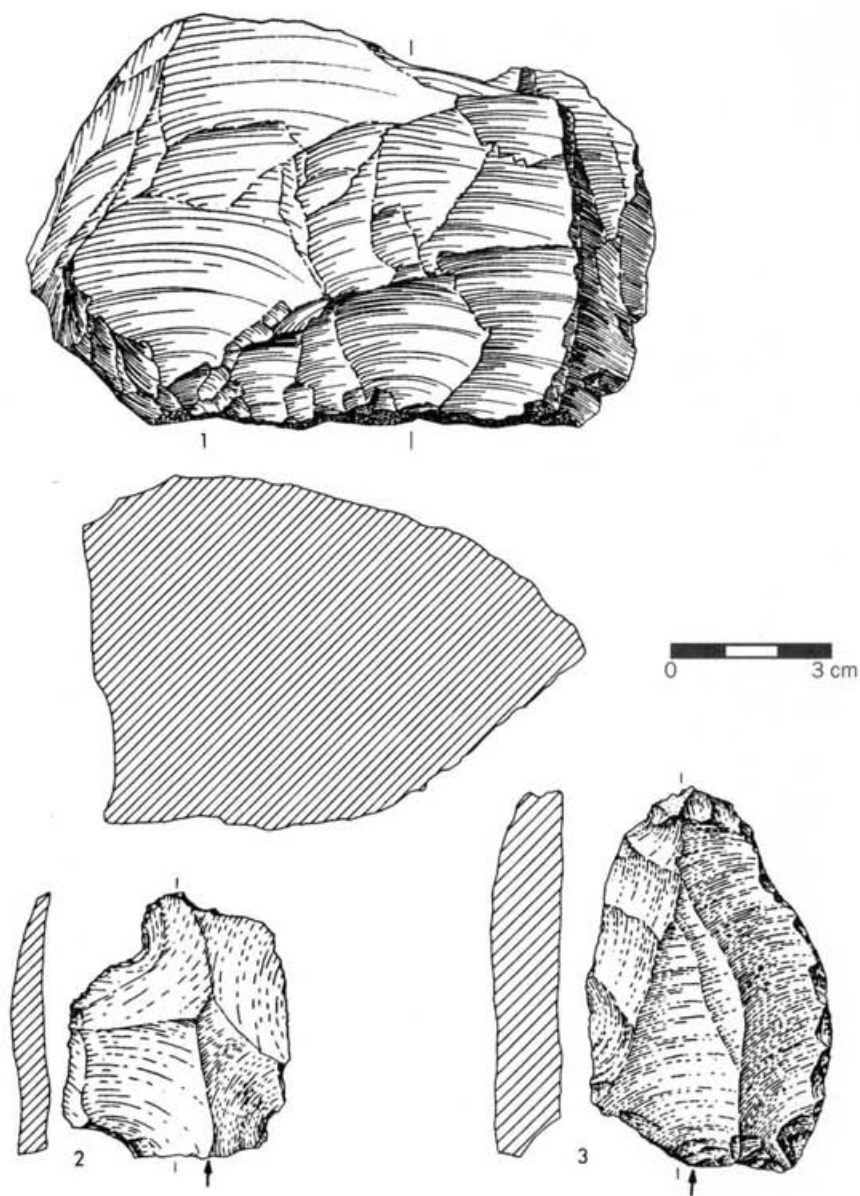


40 | Conjunto de artefactos líticos da camada 6

Nº 1: 1 | nº 2: 3-125 | nº 3: 7-11 | nº 4: 4-29 | nº 5: 7-26 | nº 6: 7-49 | nº 7: 7-48.

Nº 1: sílex | nº 2, 5, 7: quartzo | nº 3 e 4, 6: quartzito.

Nº 1, 5: núcleos globulosos | nº 2 a 4, 6: núcleos discóides | nº 7: núcleo Levallois.

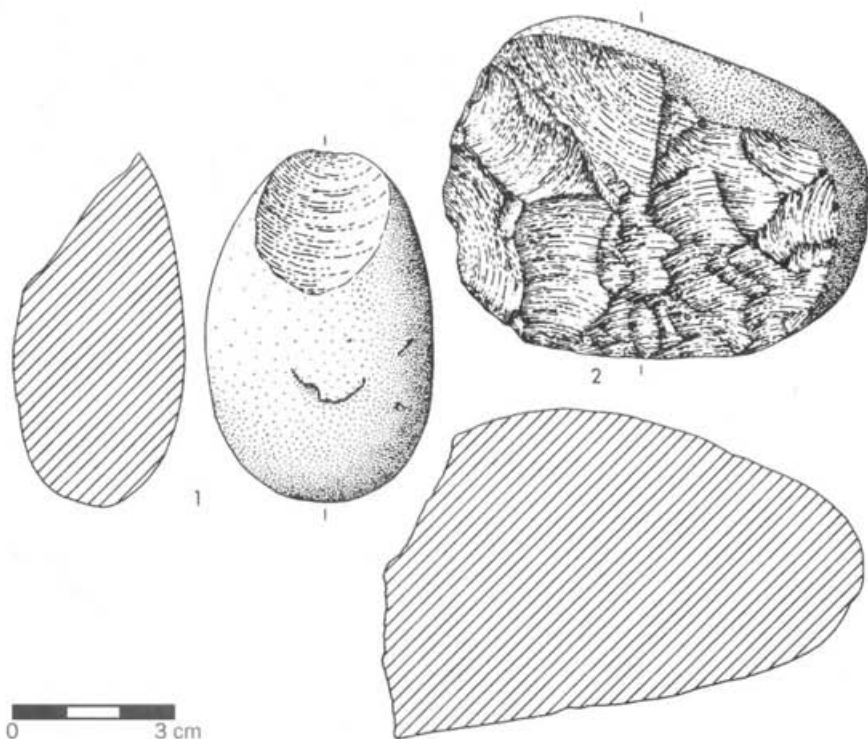


41 | Conjunto de artefactos líticos da camada 6

Nº 1: 9.10.11-3 | nº 2: 24; nº 3: 4.

Nº 1: sílex | nº 2 e 3: quartzito.

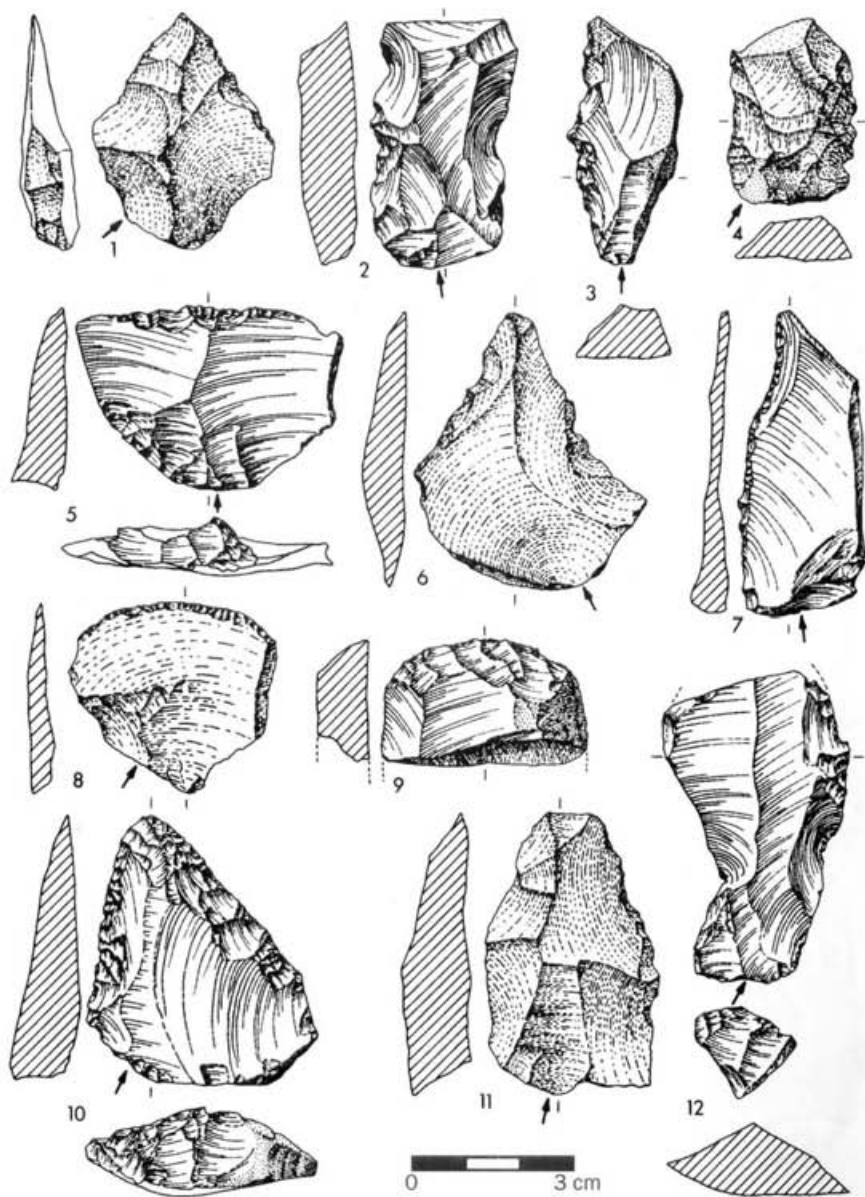
Nº 1: esboço de núcleo | nº 2: entalhe | nº 3: ponta mustierense.



42 | Conjunto de artefactos líticos da camada 6

Ambos em quartzito.

Nº 1: seixo testado | nº 2: seixo talhado.

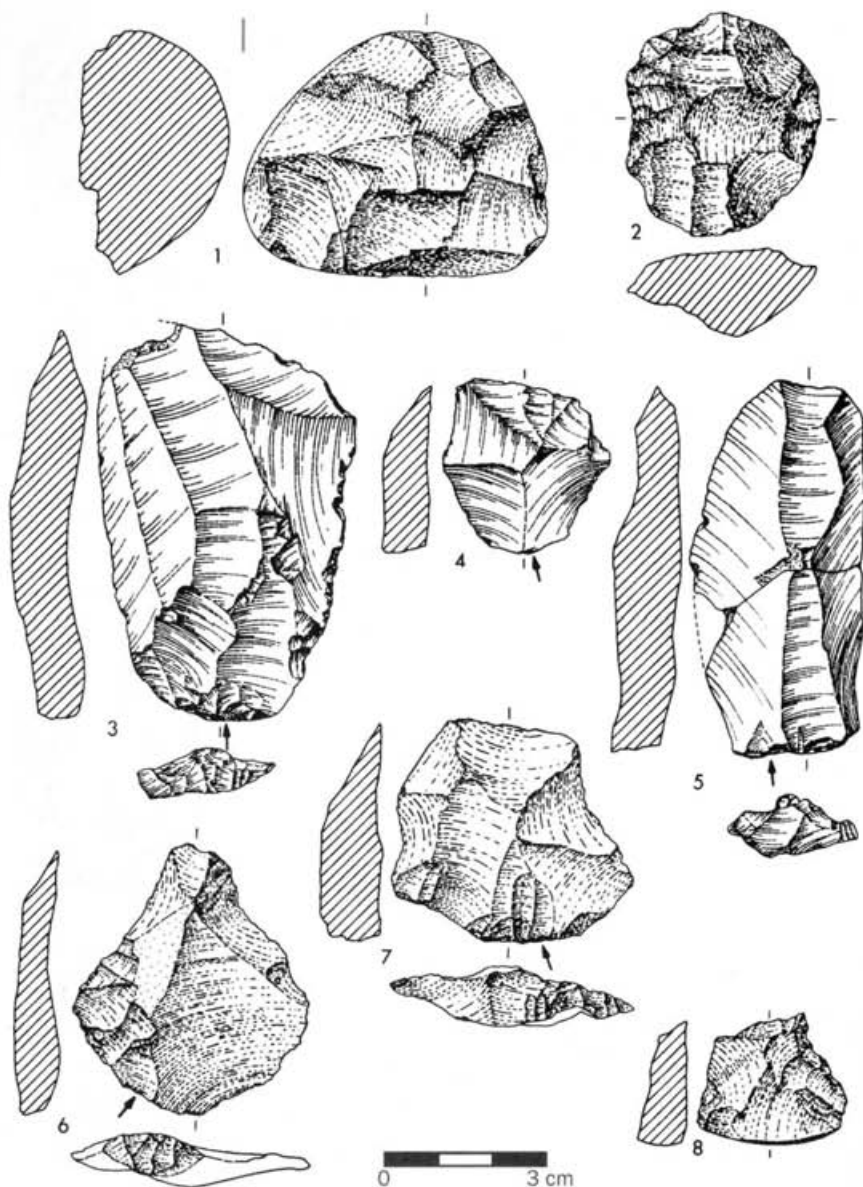


43 | Conjunto de artefactos líticos da camada 6a

Nº 1: 6-17 | nº 2: 6-156 | nº 3: 6-153 | nº 4: 6-152 | nº 5: 6-163 | nº 6: 6-84 | nº 7: 6-105 | nº 8: 6-93
 | nº 9: 6-109 | nº 10: 6-106 | nº 11: 6-155 | nº 12: 3-173.

Nº 1, 4, 11: quartzito | nº 2 e 3, 5, 7, 8, 9, 10, 12: sílex | nº 6: quartzito.

Nº 1 a 6: denticulados | nº 7: raspador simples côncavo | nº 8, 11 e 12: raspadores simples convexos
 | nº 9: raspadeira típica | nº 10: raspador desviado.

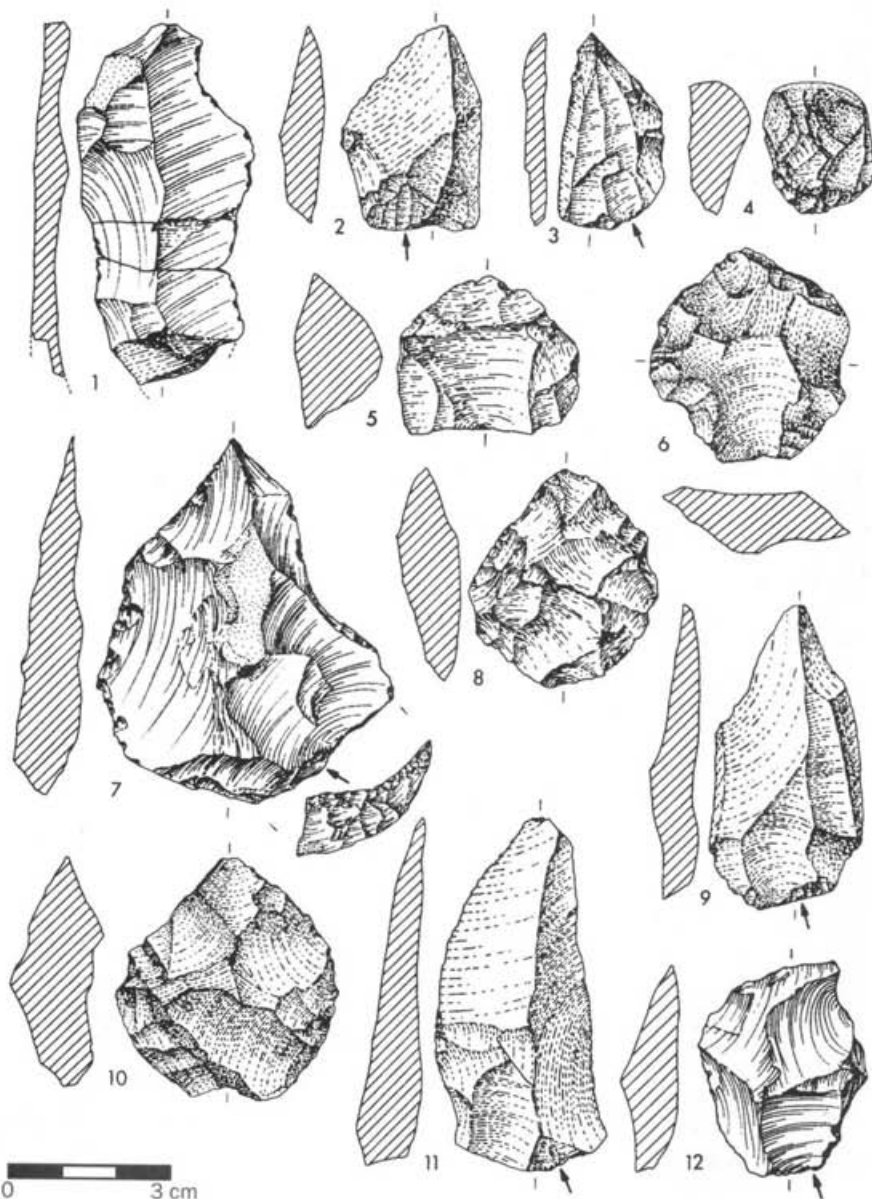


44 | Conjunto de artefactos líticos da camada 6a

Nº 1: 6-95 | nº 2: 2-4 | nº 3: 3-1 | nº 4: 6-107 | nº 5: 6-103 | nº 6: 6-149 | nº 7: 6-150 | nº 8: 6-72.

Nº 1 e 2, 6 e 7: quartzito | nº 3, 4 e 5: sílex | nº 8: quartzo.

Nº 1 e 2: núcleos discóides | nº 3 a 7: lascas Levallois | nº 8: furador atípico.

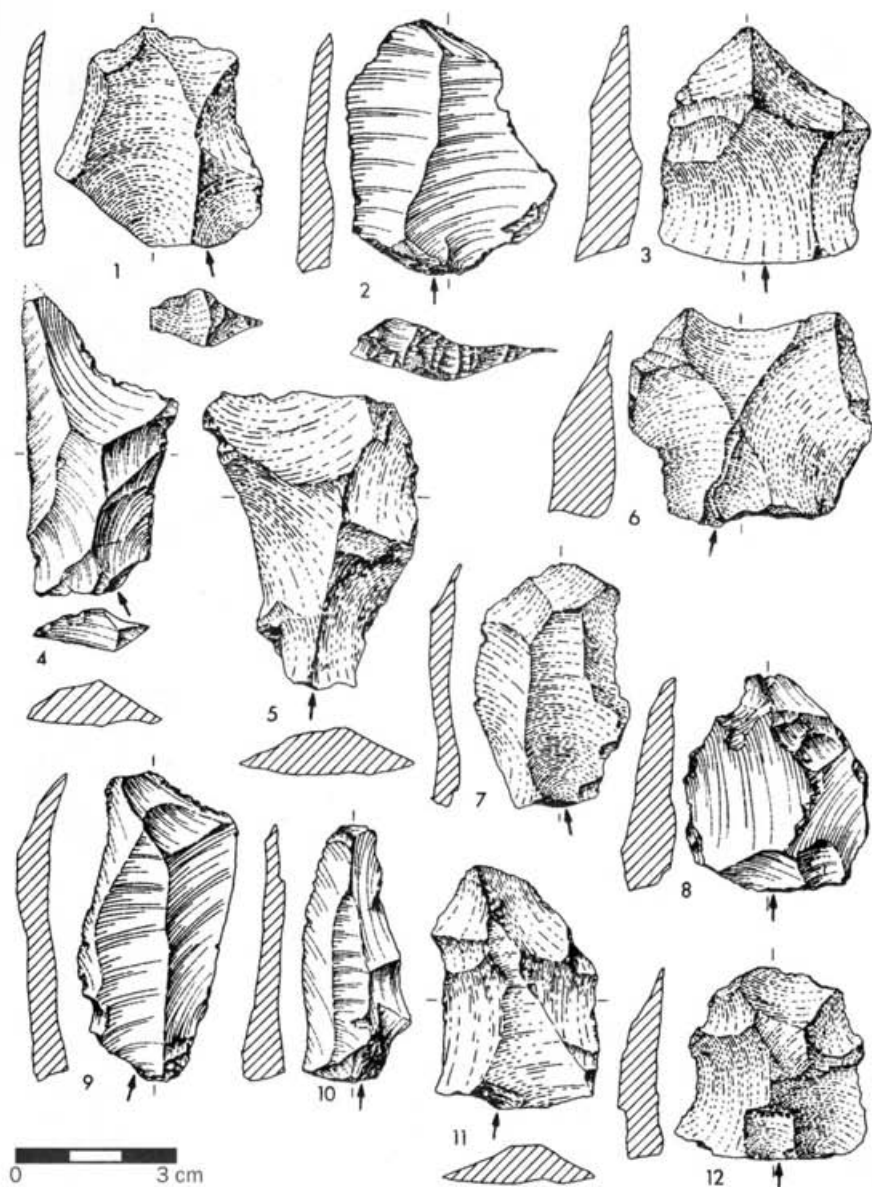


45 | Conjunto de artefactos líticos da camada 7

Nº 1: 1.2-51 | nº 2: 1.2-5 | nº 3: 5.282 | nº 4: 2-79 | nº 5: 4-267 | nº 6: 3-22 | nº 7: 1.2-1 | nº 8: 4-243
 | nº 9: 5-211 | nº 10: 3-1 | nº 11: 5-217 | nº 12: 3-109.

Nº 1, 7, 9, 12: sílex | nº 2, 8, 10 e 11: quartzito | nº 3, 4 e 5 e 6: quartzo.

Nº 1 e 2, 7, 12: lascas Levallois atípicas | nº 3: ponta Levallois retocada | nº 4, 8, 10, : núcleos discóides | nº 5 e 6: núcleos Levallois | nº 9, 11: pontas pseudo-Levallois.

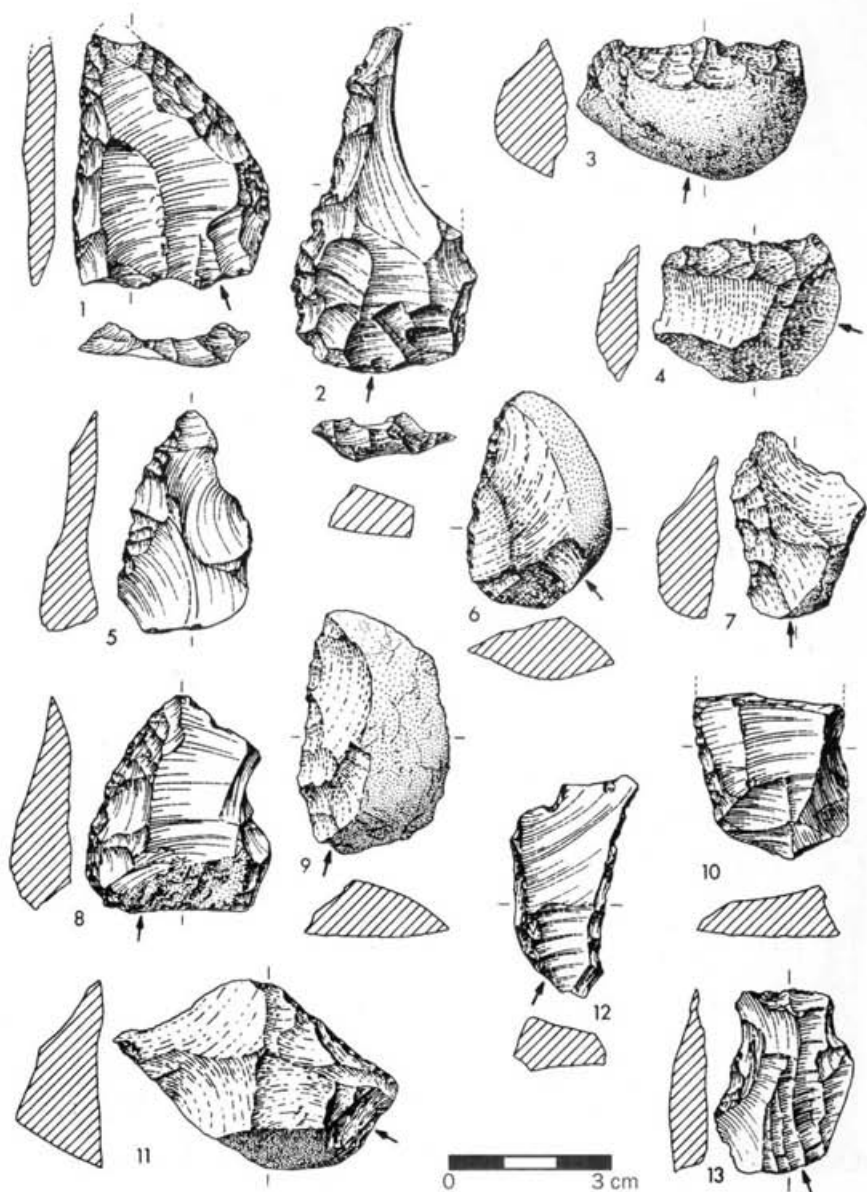


46 | Conjunto de artefactos líticos da camada 7

Nº 1: 1.2-50 | nº 2: 1.2-18 | nº 3: 4-1 | nº 4: 5-341 | nº 5: 4-248 | nº 6: 1.2-30 | nº 7: 1.2-32 | nº 8: 4-?
 | nº 9: 1.2-49 | nº 10: 1.2-50 | nº 11: 7-53 | nº 12: 1.2-29.

Nº 1, 3, 5 a 7, 9, 11 e 12: quartzito | nº 1, 2, 4, 8, 10: sílex.

Todos lascas Levallois, com excepção do nº 10 (lâmina Levallois).

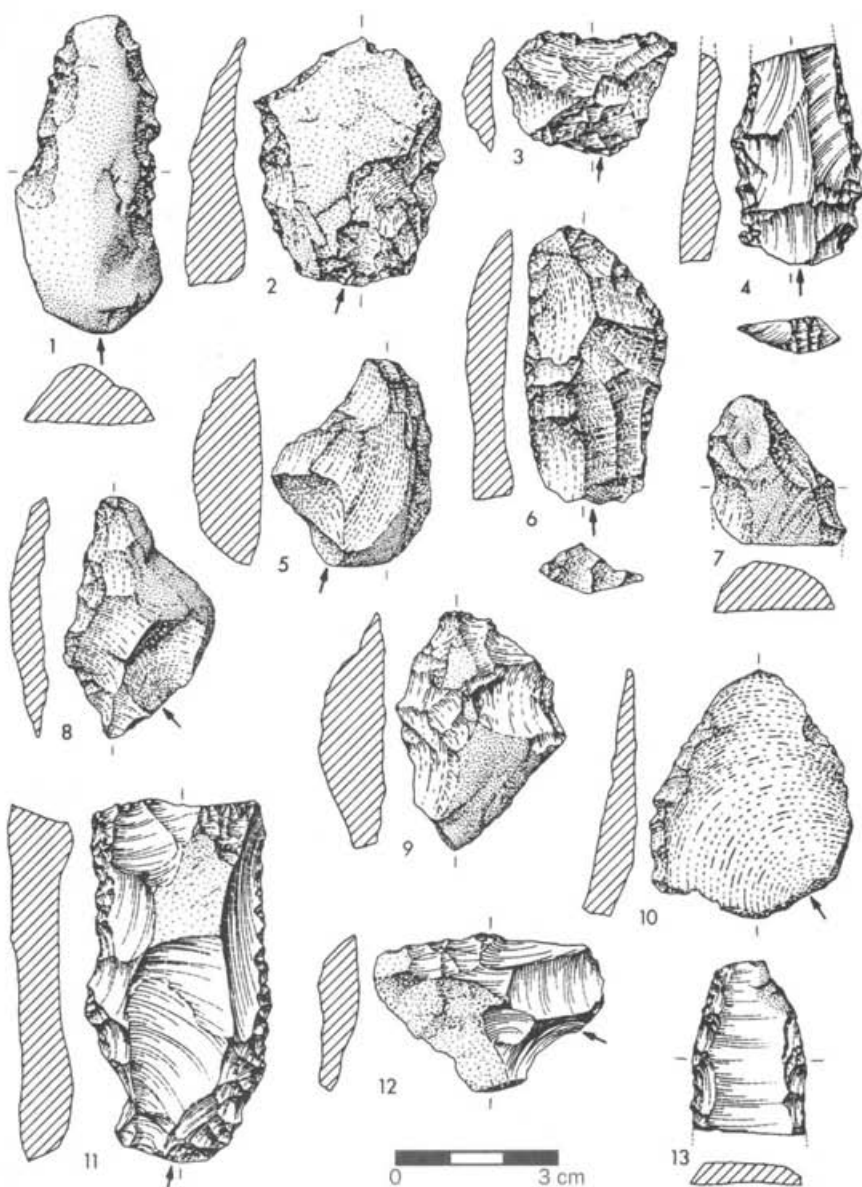


47 | Conjunto de artefactos líticos da camada 7

Nº 1: 4-? | nº 2: 5-228 | nº 3: 2-40 | nº 4: 1.2-56 | nº 5: 2-224 | nº 6: 4-240 | nº 7: 2-192 | nº 8: 2-13 |
| nº 9: 2.1-10 | nº 10: 5-235 | nº 11: 5-236 | nº 12: 5-231 | nº 13: 5-299.

Nº 1 e 2, 5, 8, 10, 12 e 13: sílex | nº 3 e 4, 7, 13: quartzo | nº 6, 9, 11: quartzito.

Nº 1: ponta mustierense | nº 2: ponta mustierense (partida) | nº 3 a 5: raspadores simples rectos |
| nº 6 a 11: raspadores simples convexos | nº 12 e 13: raspadores simples côncavos.

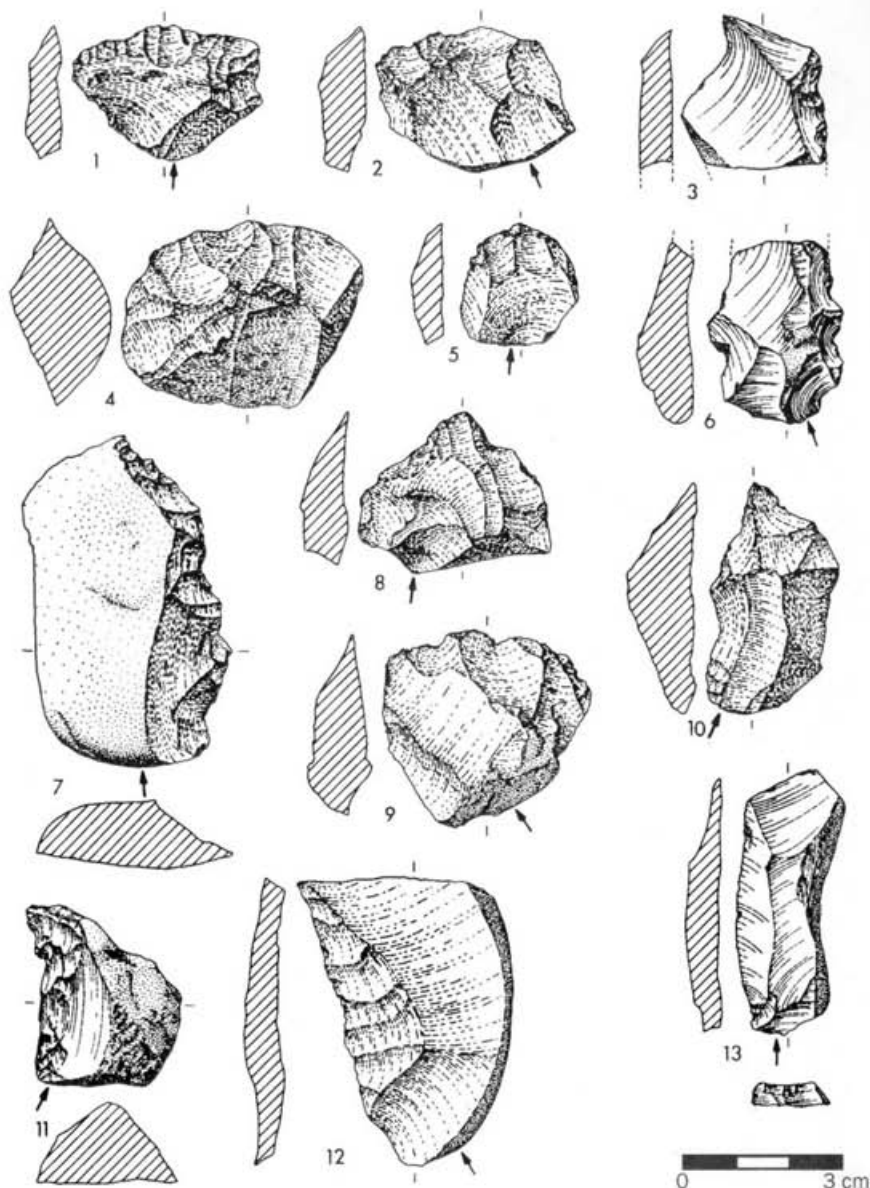


48 | Conjunto de artefactos líticos da camada 7

Nº 1: 221 | nº 2: 246 | nº 3: 4-166 | nº 4: 38 | nº 5: 5-19 | nº 6: 3-73 | nº 7: 4-244 | nº 8: 66 | nº 9: 4-261 | nº 10: 4-19 | nº 11: 4-263 | nº 12: 2-39 | nº 13: 5-233.

Nº 1, 2, 6 e 9: quartzito | nº 3, 5, 7 e 8, 10, 12: quartzo | nº 4, 11 e 13: sílex.

Nº 1, 2: raspadores duplos recto-convexos | nº 3, 9: raspadores convergentes desviados | nº 4, 13: raspador duplo biconvexo | nº 5, 6, 7: raspador convergente convexo | nº 8, 12: raspador transversal convexo | nº 10: raspador duplo convexo-côncavo | nº 11: raspador convergente recto.

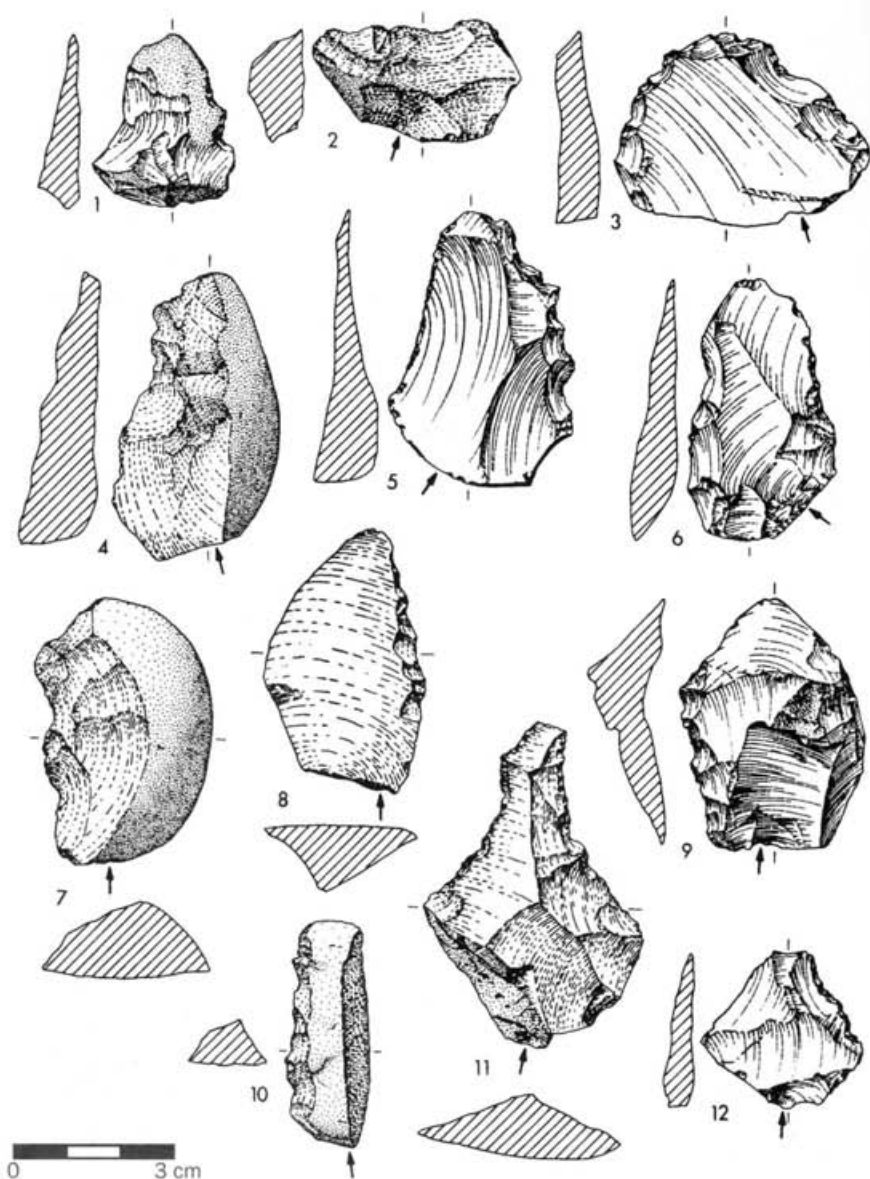


49 | Conjunto de artefactos líticos da camada 7

Nº 1: 4-199 | nº 2: 4-252 | nº 3: TN-232 | nº 4: 226 | nº 5: 3-116 | nº 6: 32 | nº 7: 2-25 | nº 8: 16 | nº 9: 24 | nº 10: 44 | nº 11: 6 | nº 12: 239 | nº 13: 231.

Nº 1 e 2, 9 e 10: quartzo | nº 4 e 5, 7, 12: quartzito | nº 3, 6, 8, 11, 13: sílex.

Nº 1: raspador transversal convexo | nº 2: raspador de retoque bifacial | nº 3 e 4: raspadores de retoque abrupto | nº 5: raclette | nº 6 a 9: denticulados | nº 10: furador | nº 11: furador atípico | nº 12 e 13: facas de dorso cortical.

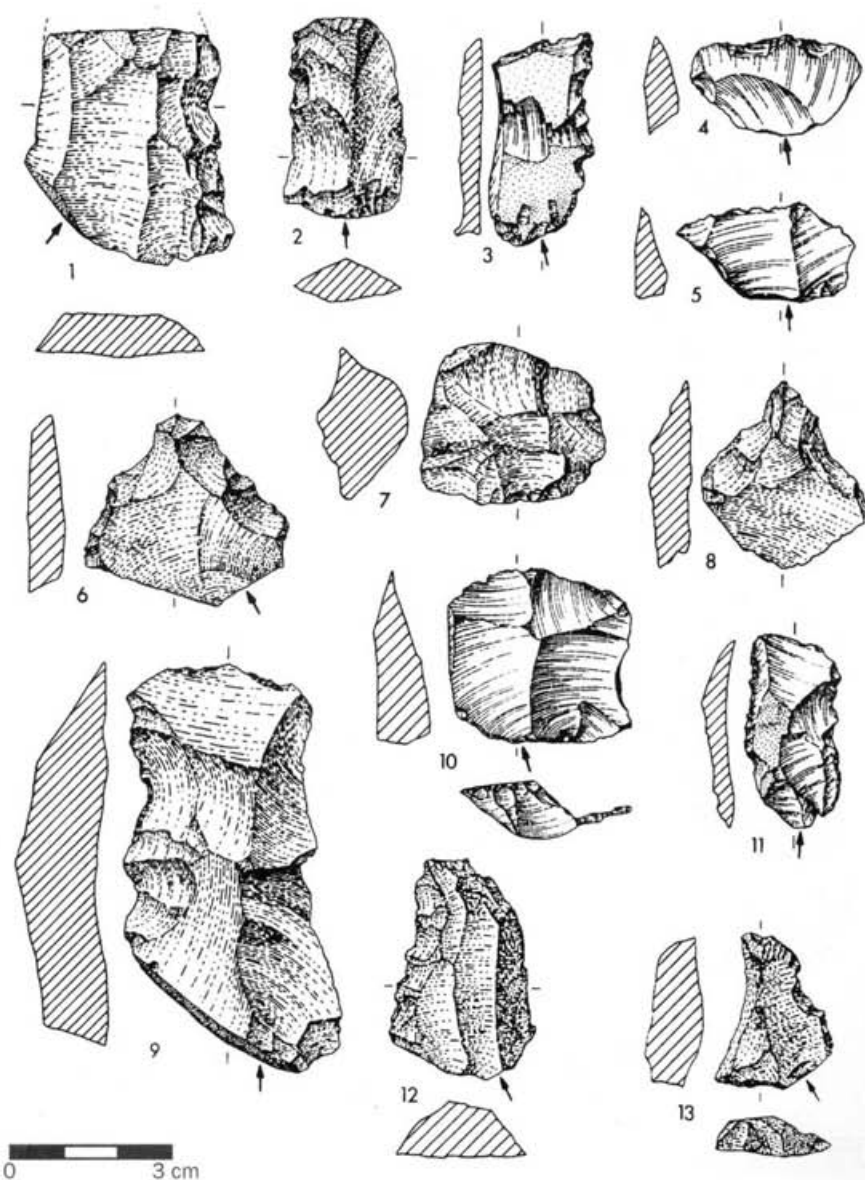


50 | Conjunto de artefactos líticos da camada 7

Nº 1: 36 | nº 2: 50 | nº 3: 5-107 | nº 4: 49 | nº 5: 33 | nº 6: 219 | nº 7: 37 | nº 8: 5-229 | nº 9: 64 |
 | nº 10: 53 | nº 11: 5-234 | nº 12: 5-125.

Nº 1, 3, 5 e 6, 11 e 12: sílex | nº 2, 4, 7 a 9: quartzito | nº 10: quartzo.

Todos denticulados.

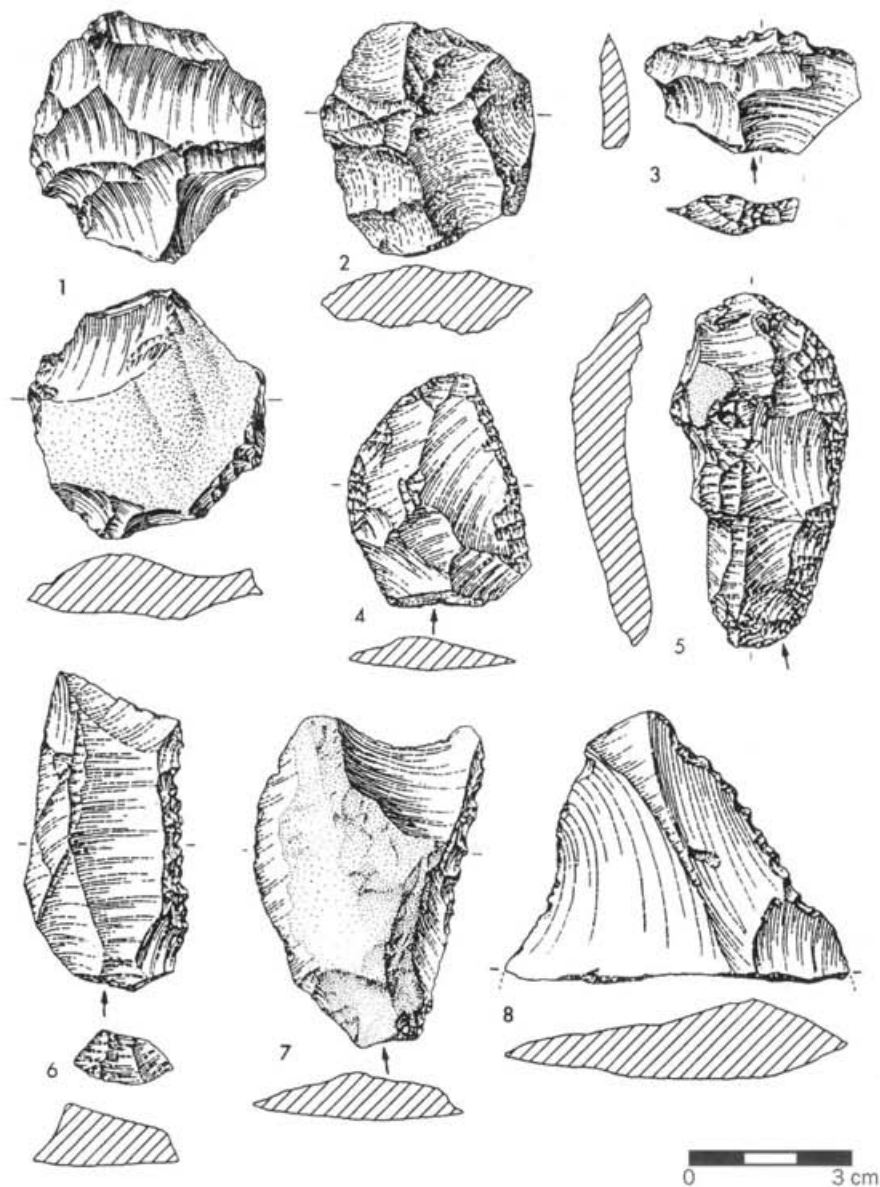


51 | Conjunto de artefactos líticos da camada 7.

Nº 1: 5-275 | nº 2: 4-259 | nº 3: 4-250 | nº 4: 4-265 | nº 5: 4-251 | nº 6: 5-230 | nº 7: 5-328 |
 | nº 8: 4-260 | nº 9: 5-TN-241 | nº 10: 4-262 | nº 11: 4-242.

Nº 1 e 2, 6 a 8, 12 e 13: quartzo | nº 3 a 5, 10 e 11: sílex | nº 9: quartzito.

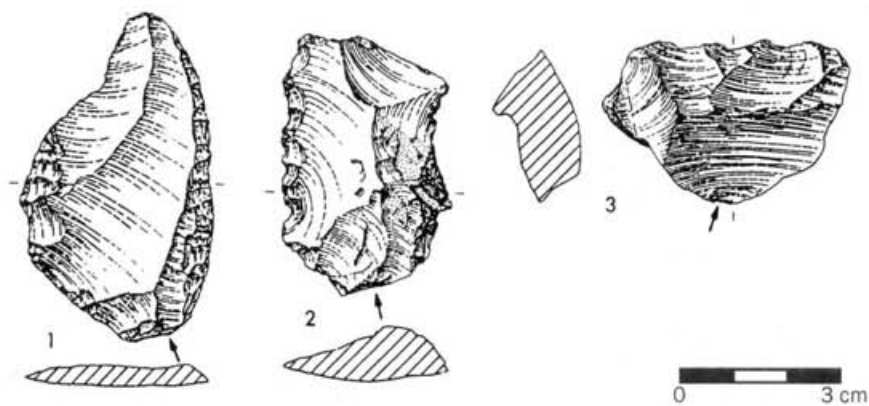
Nº 1 e 2, 4 e 5, 9 a 11: denticulados | nº 3, 6, 8: pontas de Tayac | nº 7: núcleo discóide.



52 | Conjunto de artefactos líticos da camada 7.

Nº 1, 3 a 8: sílex | nº 2: quartzito.

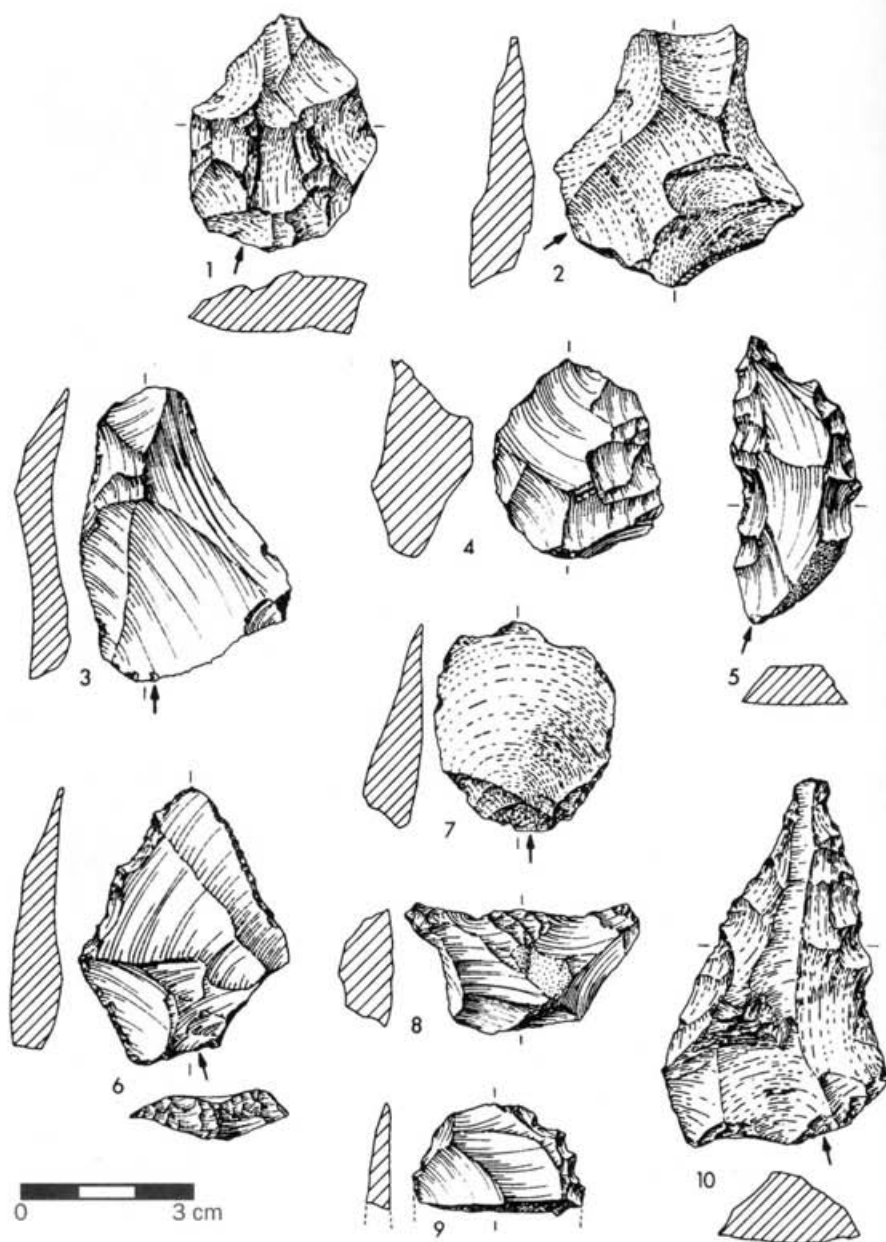
Nº 1 e 2: núcleos discóides | nº 3, 7 e 8: denticulados | nº 4: raspador convergente convexo |
| nº 5: raspador simples convexo | nº 6: raspador simples recto.



53 | Conjunto de artefactos líticos da camada 7

Todos em sílex.

Nº 1: raspador simples convexo | nº 2 e 3: denticulados.

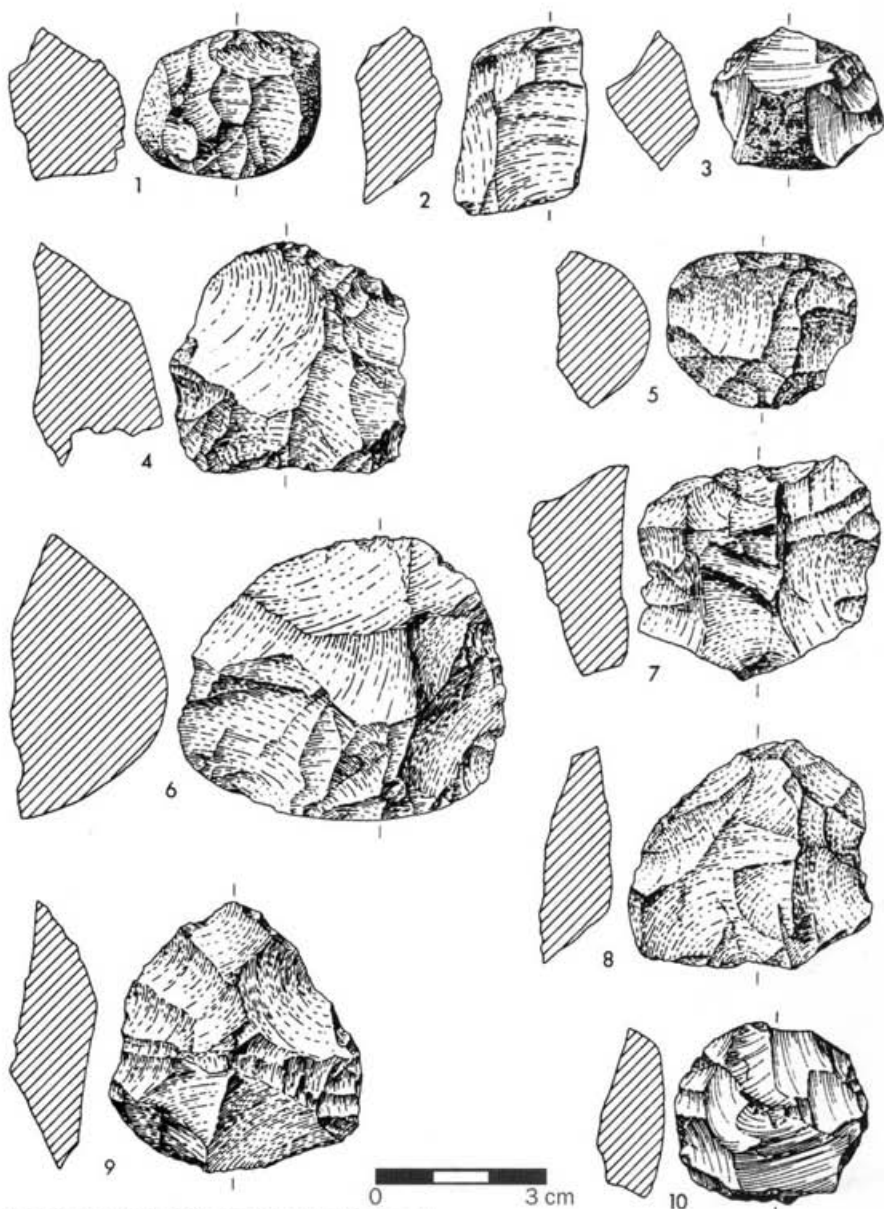


54 | Conjunto de artefactos líticos das camada 7 e 8

Nº 1: S.O. | nº 2: 18 | nº 3: 3 | nº 4: 21 | nº 5: 30 | nº 6: 28 | nº 7: 35 | nº 8: 46 | nº 9: 45 | nº 10: 29.

Nº 1, 8, 10: quartzo | nº 2, 7: quartzito | nº 3 a 6, 9: sílex.

Nº 1 a 3: lascas Levallois | nº 4: núcleo discóide | nº 5, 10: pontas de Tayac | nº 6: raspador transverso côncavo | nº 7, 9: denticulados | nº 8: furador atípico.

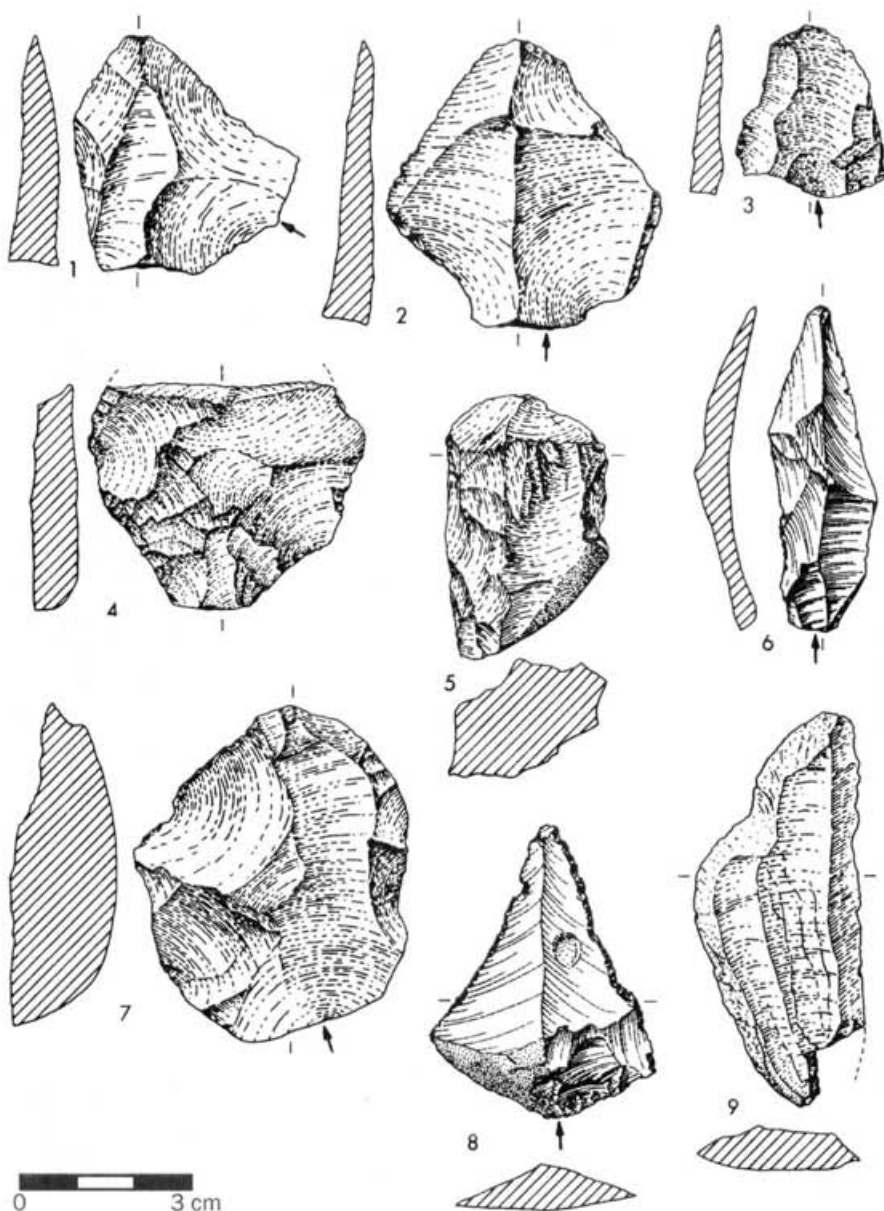


55 | Conjunto de artefactos líticos da camada 8

Nº 1: 13-17 | nº 2: 2-44 | nº 3: 2-45 | nº 4: 9-45 | nº 5: 8-39 | nº 6: 5-14 | nº 7: 6-23 | nº 8: 4-86 |
 | nº 9: 5-244 | nº 10: 5-9.

Nº 1 e 2, 4 e 5, 7: quartzo | nº 3, 10: sílex | nº 6, 8 e 9: quartzito.

Nº 1 a 3, : núcleo globuloso | nº 4, 10: núcleos discóides | nº 5 e 6: núcleos discóides sobre calote de seixo | nº 7 e 8: núcleos Levallois.

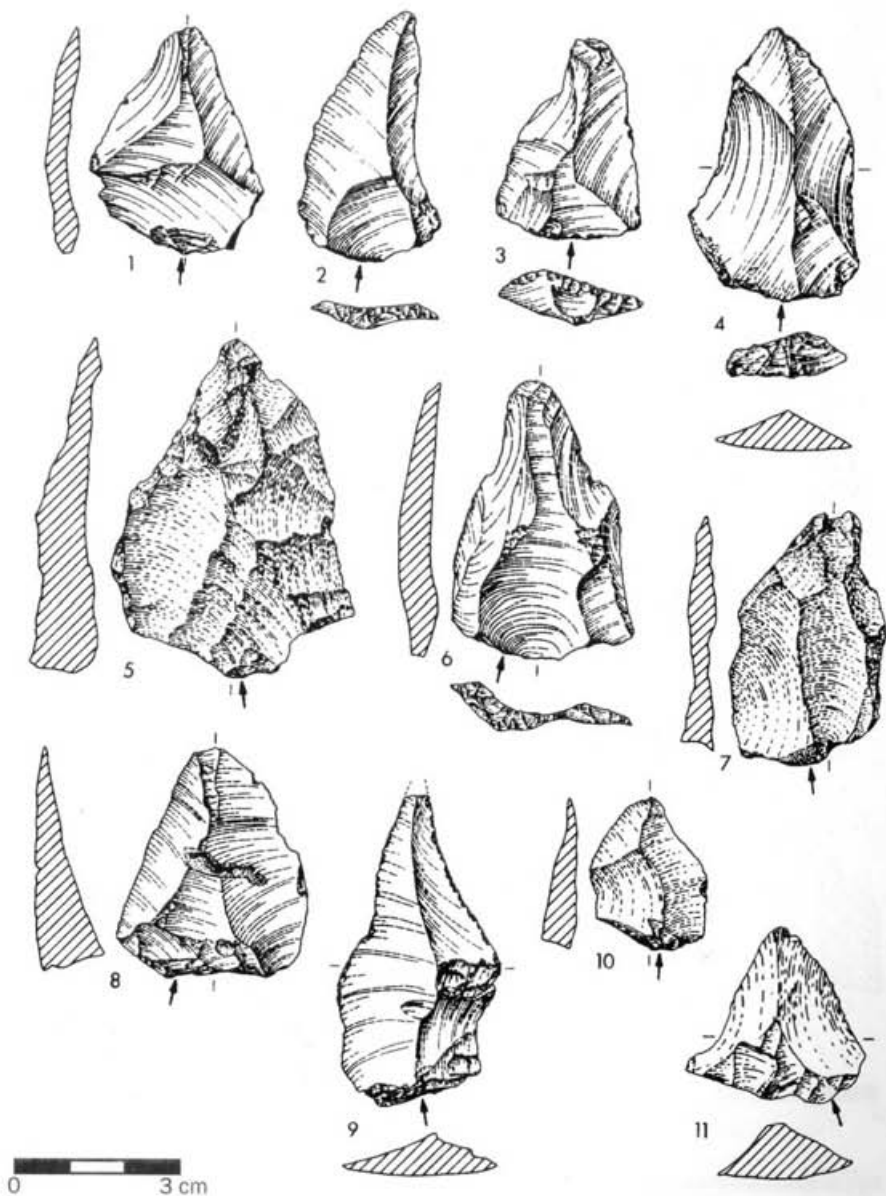


56 | Conjunto de artefactos líticos da camada 8

Nº 1: 9-5 | nº 2: 5-112 | nº 3: 5-158 | nº 4: 11-29 | nº 5: 6-26 | nº 6: 5-600 | nº 7: 9-4 (?) | nº 8: 5-9 | nº 9: 5-43.

Nº 1 e 2, 4, 7, 9: quartzito | nº 3, 5: quartzo | nº 6, 8: sílex.

Nº 1 a 3, 6: lascas Levallois | nº 4: núcleo discóide sobre plaqueta | nº 5: núcleo globuloso |
| nº 7: núcleo Levallois | nº 8: ponta de Tayac | nº 9: denticulado.

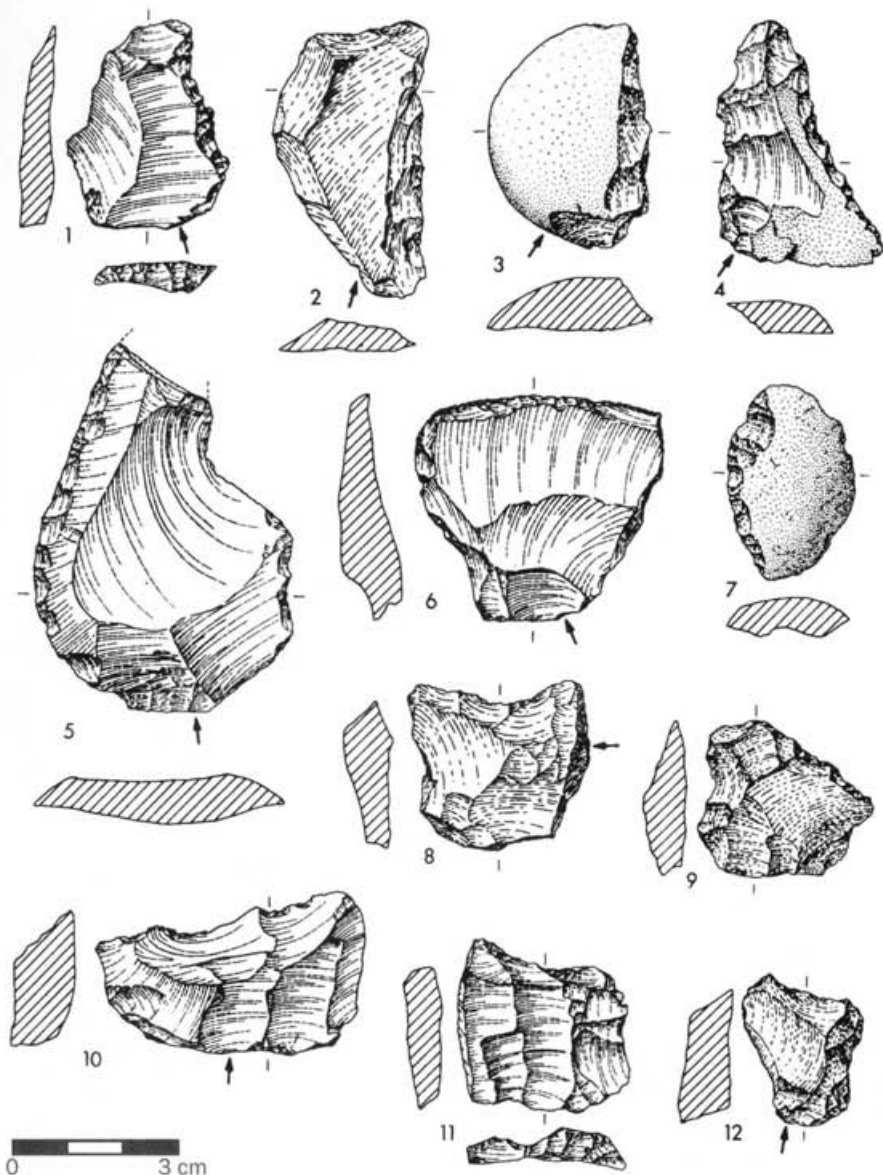


57 | Conjunto de artefactos líticos da camada 8

Nº 1: 5-598 | nº 2: 5-184 | nº 3: 5-183 | nº 4: 4-182 | nº 5: 5-181 | nº 6: 6-254 | nº 7: 2-48 | nº 8: 8-45
 | nº 9: 5-128 | nº 10: 5-92 | nº 11: 5-5.

Nº 1 a 4, 6, 8 a 9: sílex | nº 5, 7: quartzo | nº 10 e 11: quartzito.

Nº 1 a 6, 8: pontas Levallois | nº 7, 9 a 11: pontas pseudo-Levallois.

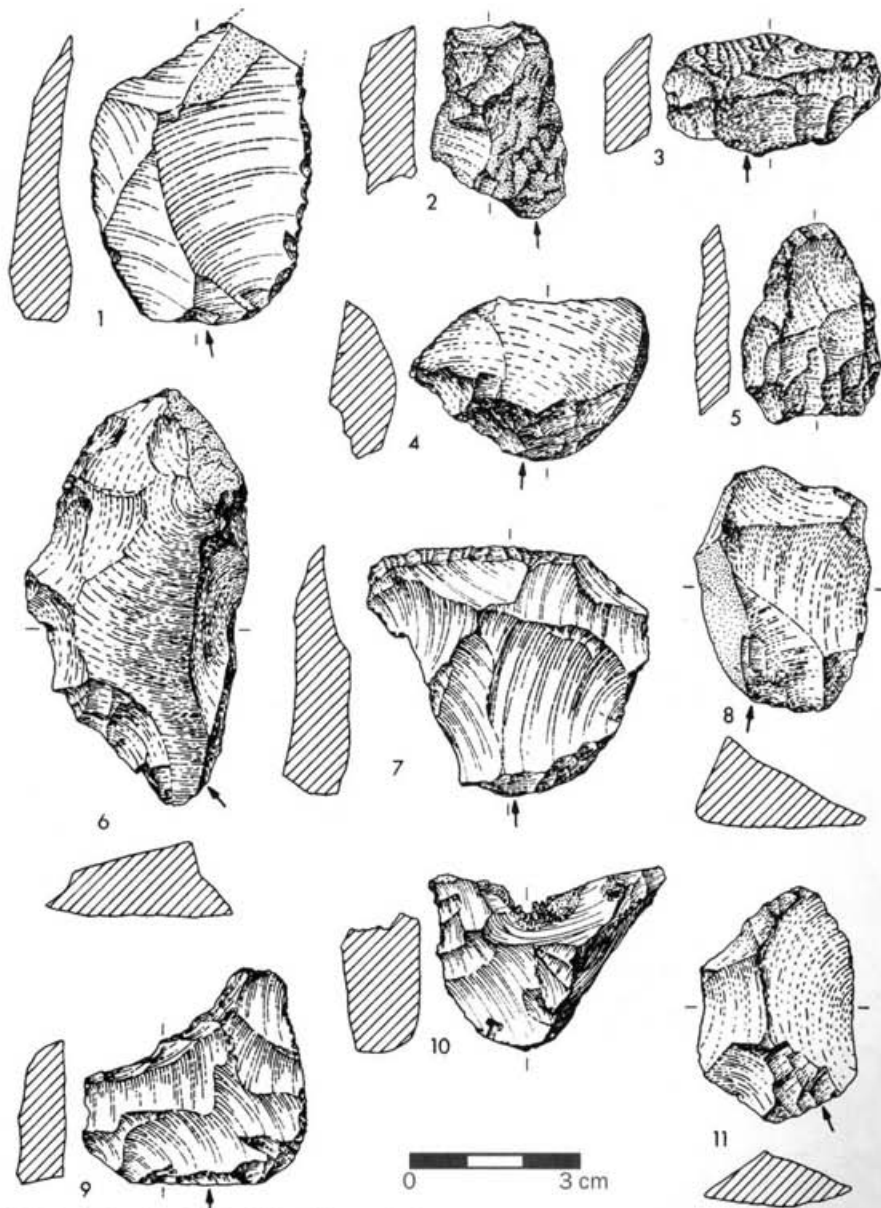


58 | Conjunto de artefactos líticos da camada 8

Nº 1: 5-43 | nº 2: 2-75 | nº 3: 13-14 | nº 4: 2-49 | nº 5: 4-52 | nº 6: 5-93 | nº 7: 9-10 | nº 8: 4-54 |
 | nº 9: 5-66 | nº 10: 6-255 | nº 11: 5-64 | nº 12: 9-14.

Nº 1, 4, 5, 10 e 11: sílex | nº 2, 6 a 9, 12: quartzo | nº 3: quartzito.

Nº 1, 4, 8: raspadores simples côncavos | nº 2 e 3, 6: raspadores simples rectos | nº 5: raspador simples convexo | nº 7: raspador duplo biconvexo | nº 9: raspador dulo convexo-côncavo | nº 10: raspador transversal recto | nº 11: raspador transversal côncavo | nº 12: raspador de retoque abrupto.

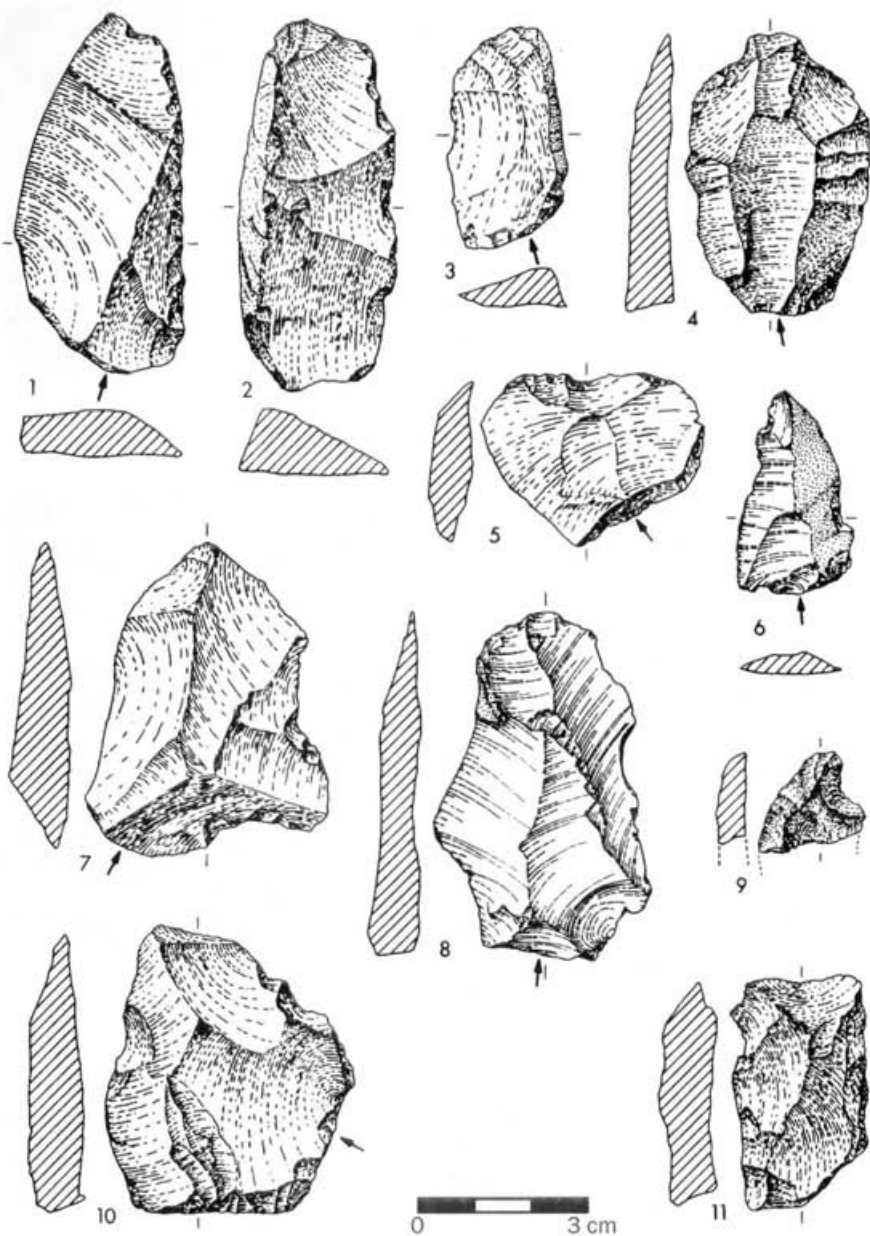


59 | Conjunto de artefactos líticos da camada 8

Nº 1: 5-92 | nº 2: 6-182 | nº 3: 2-47 | nº 4: 4-63 | nº 5: 5-1 | nº 6: 5-37 (cinz) | nº 7: 5-107 | nº 8: 5-79 | nº 9: 8-277 | nº 10: 9-10 | nº 11: 11-55.

Nº 1, 7, 9 e 10: sílex | nº 2, 4, 6, 8, 11: quartzito | nº 3, 5: quartzo.

Nº 1: raspador simples convexo | nº 2: raspadeira típica | nº 3: raspador transversal recto | nº 4: raspador transversal sobre face plana | nº 5, 10: raspador de retoque alterno | nº 6: raspador desviado | nº 7: raspador transversal convexo | nº 8: raspador sobre face plana | nº 9: raspador transversal côncavo | nº 11: lasca truncada.

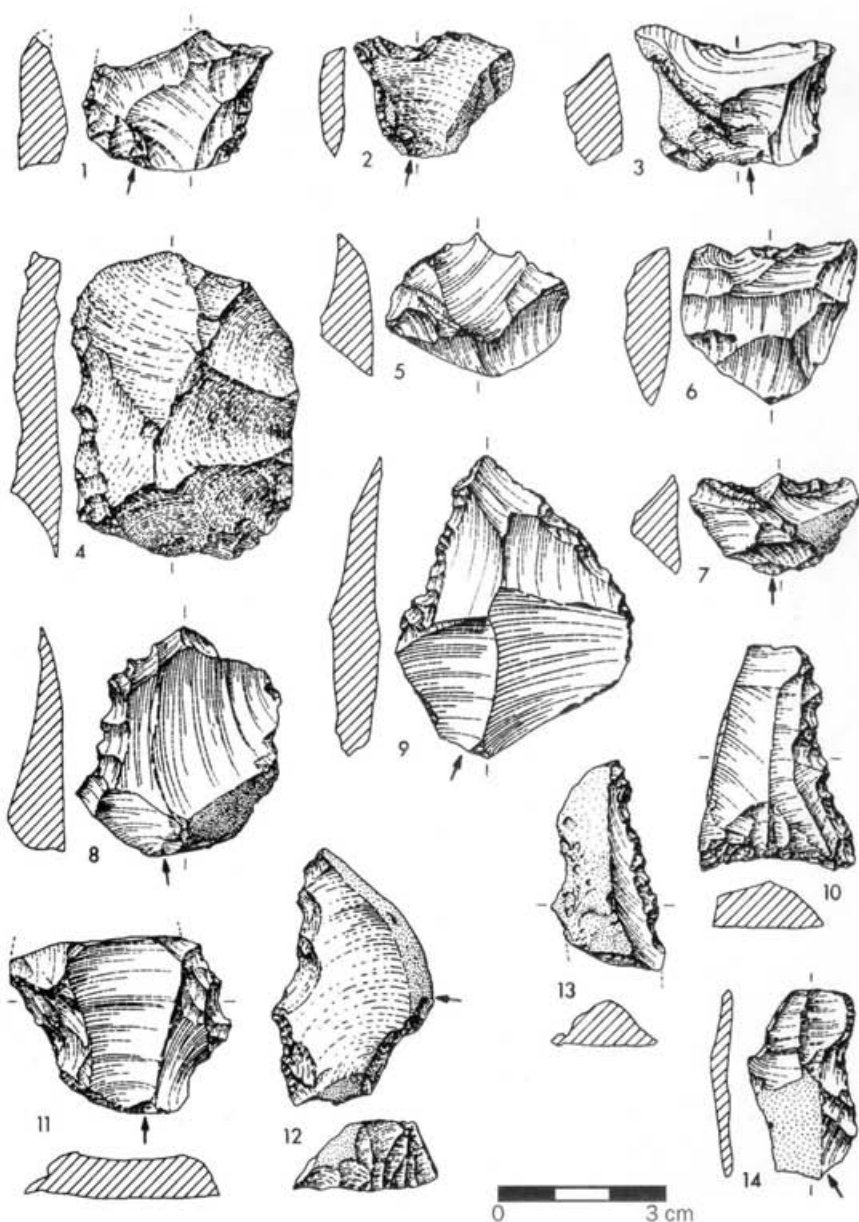


60 | Conjunto de artefactos líticos da camada 8

Nº 1: 9-281 | nº 2: 5-117 | nº 3: 2-40 | nº 4: 8E-33 | nº 5: 5-104 | nº 6: 5-127 | nº 7: 5-98 | nº 8: 8-25 |
| nº 9: 5-124 | nº 10: 4-26 | nº 11: 2-42.

Nº 1 a 4 e 5, 7, 9 e 10: quartzito | nº 11: quartzo | nº 6, 8: sílex.

Nº 1 a 3: facas de dorso cortical | nº 4, 11: lasca Levallois | nº 5 a 10: entalhes.

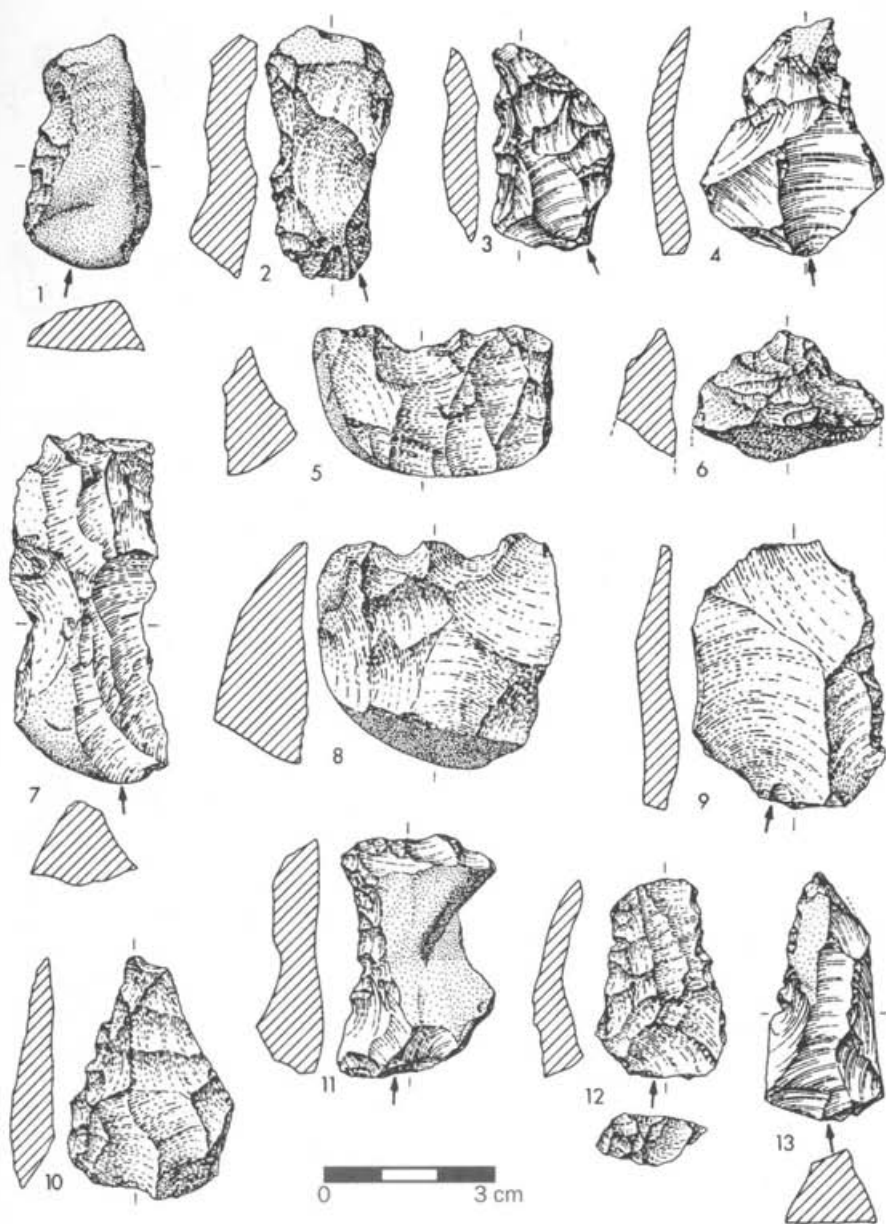


61 | Conjunto de artefactos líticos da camada 8

Nº 1: 11-51 | nº 2: 5-129 | nº 3: 4-21 | nº 4: 3-1 | nº 5: 3-1a | nº 6: 8-279 | nº 7: 5-10 | nº 8: 4-24 |
| nº 9: 4-22 | nº 10: 8-17 | nº 11: 4-23 | nº 12: 8-16 | nº 13: 5-7 | nº 14: 6-163.

Nº 1, 3, 4 a 11, 13 e 14: sílex | nº 2, 4: quartzo | nº 12: quartzito.

Nº 1 a 3: furadores típicos | nº 4 a 14: denticulados.

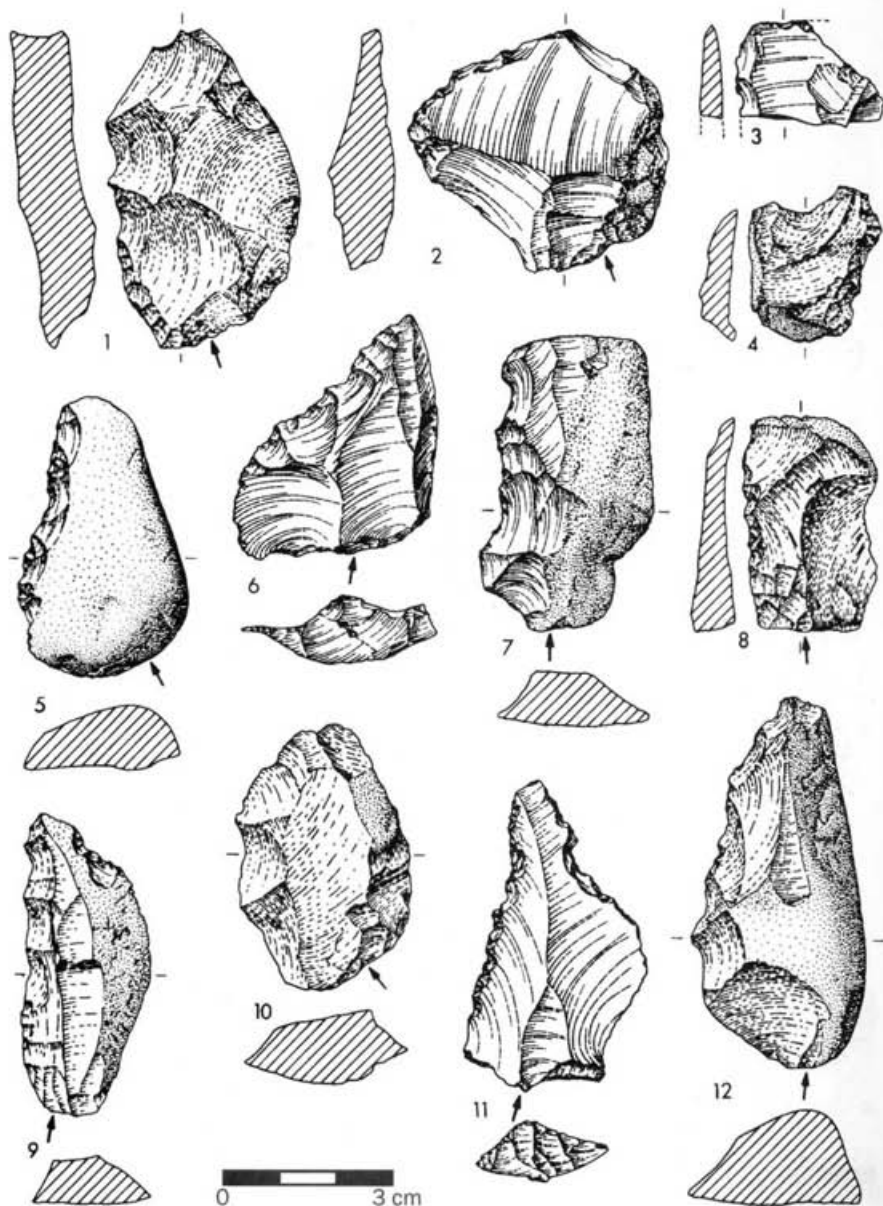


62 | Conjunto de artefactos líticos da camada 8

Nº 1: 4-25 | nº 2: 26 | nº 3: 5-29 | nº 4: 5-83 | nº 5: 5-132 | nº 6: 5-27 | nº 7: 4-13 | nº 8: 11-259 |
 | nº 9: 5-184 | nº 10: 5-151 | nº 11: 11-252 | nº 12: 6-199 | nº 13: 1E-52.

Nº 1 e 2, 5 e 6, 10, 12: quartzo | nº 3 e 4, 11, 13: sílex | nº 7 a 9: quartzito.

Todos denticulados.

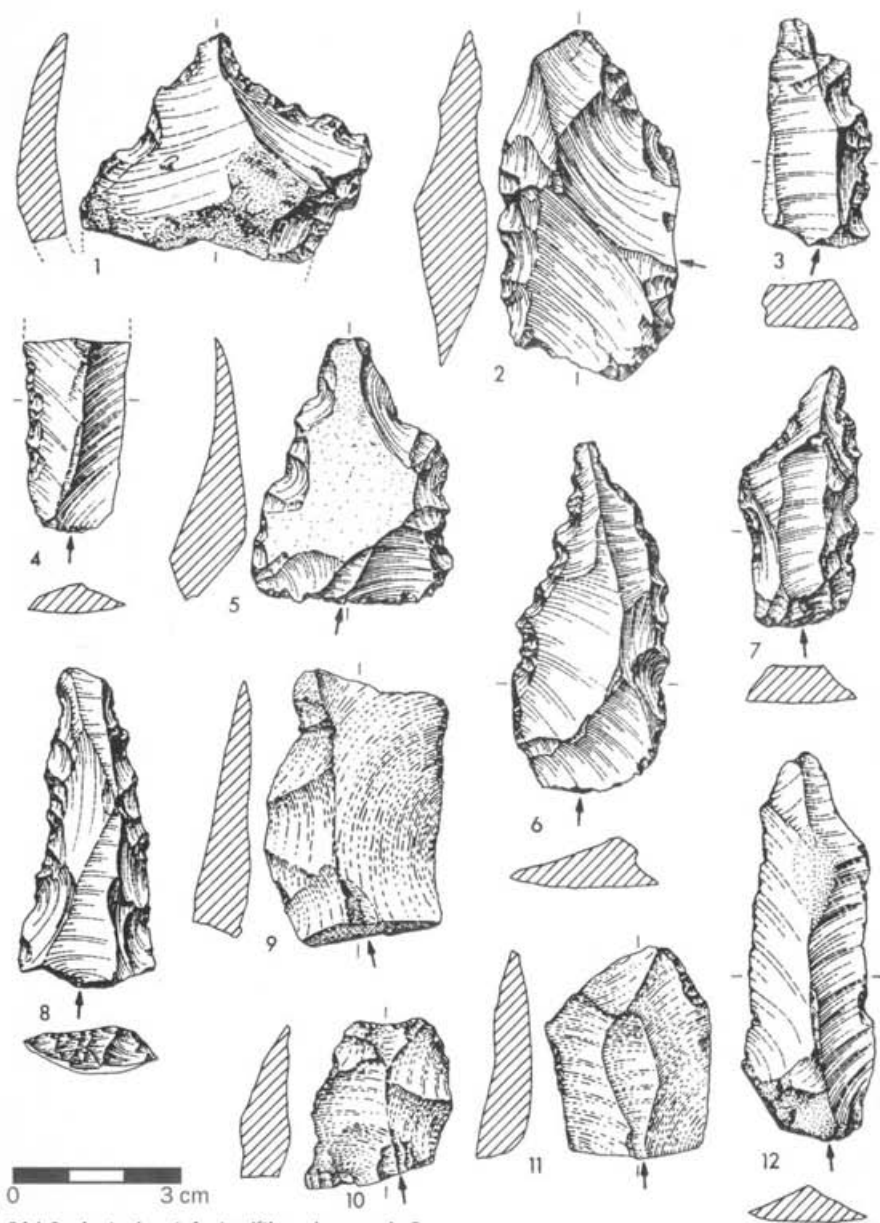


63 | Conjunto de artefactos líticos da camada 8

Nº 1: 3-67 | nº 2: 8-262 | nº 3: 5-34 | nº 4: 2-83 | nº 5: 6-161 | nº 6: 5-156 | nº 7: 5-67 | nº 8: 5-143 |
 | nº 9: 8-261 | nº 10: 5-28 | nº 11: 2-58 | nº 12: 6-160.

Nº 1, 8 a 10, 12: quartzito | nº 2 a 7, 11: sílex.

Nº 1, 3 a 6, 8, 10 a 12: denticulados | nº 2: denticulado em extremidade distal | nº 7: ponta de Tayac |
 | nº 9: denticulado ou ponta de Tayac.

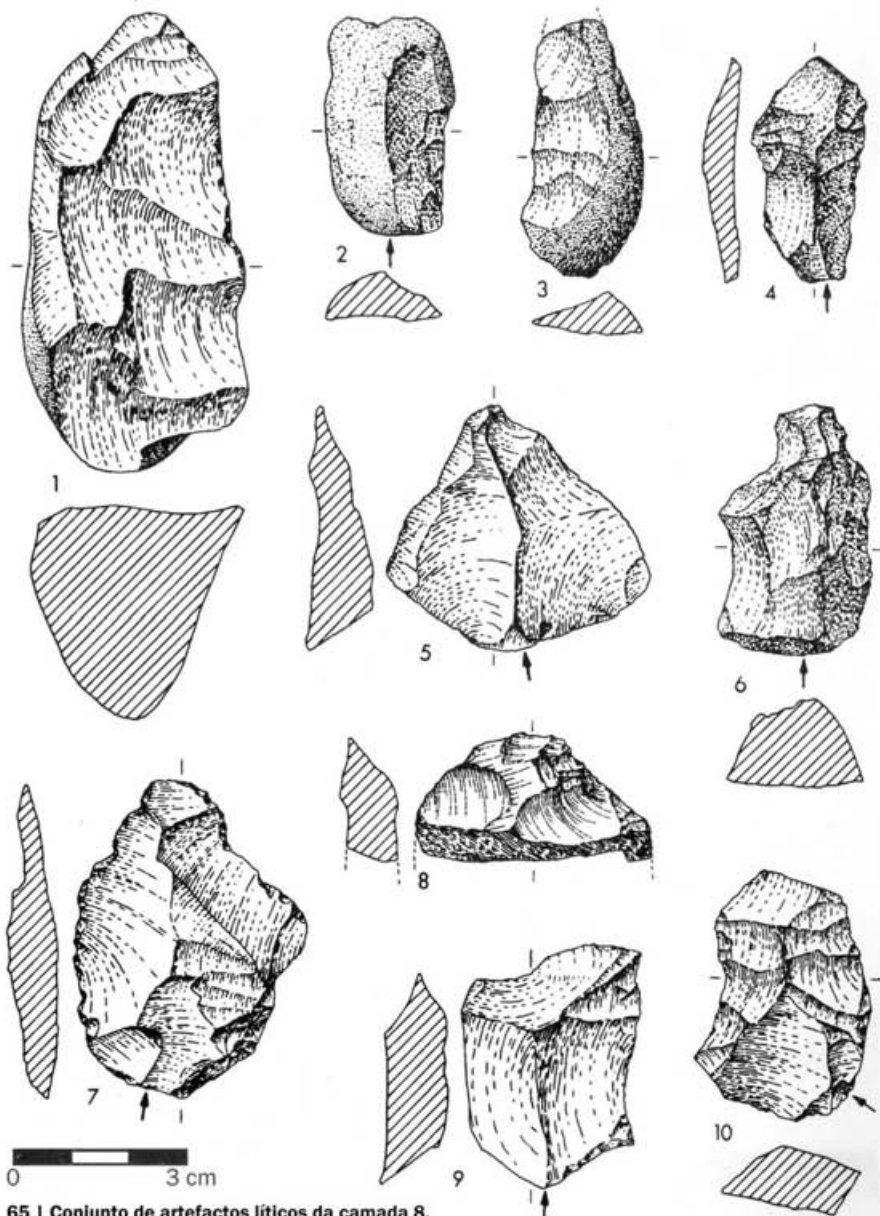


64 | Conjunto de artefactos líticos da camada 8

Nº 1: 2-74 | nº 2: 6-166 | nº 3: 8-43 | nº 4: 5-139 | nº 5: 5-88 | nº 6: 9-207 | nº 7: 6-185 | nº 8: 11-212
 | nº 9: 5-89 | nº 10: 5-94 | nº 11: 6-28 | nº 12: 8-31.

Nº 1 a 8, 12: sílex | nº 10: quartzo | nº 9, 11: quartzito.

Nº 1 a 4: denticulados | nº 5 a 8: pontas de Tayac | nº 9, 11 e 12: retoque abrupto delgado | nº 10: retoque abrupto alterno delgado.

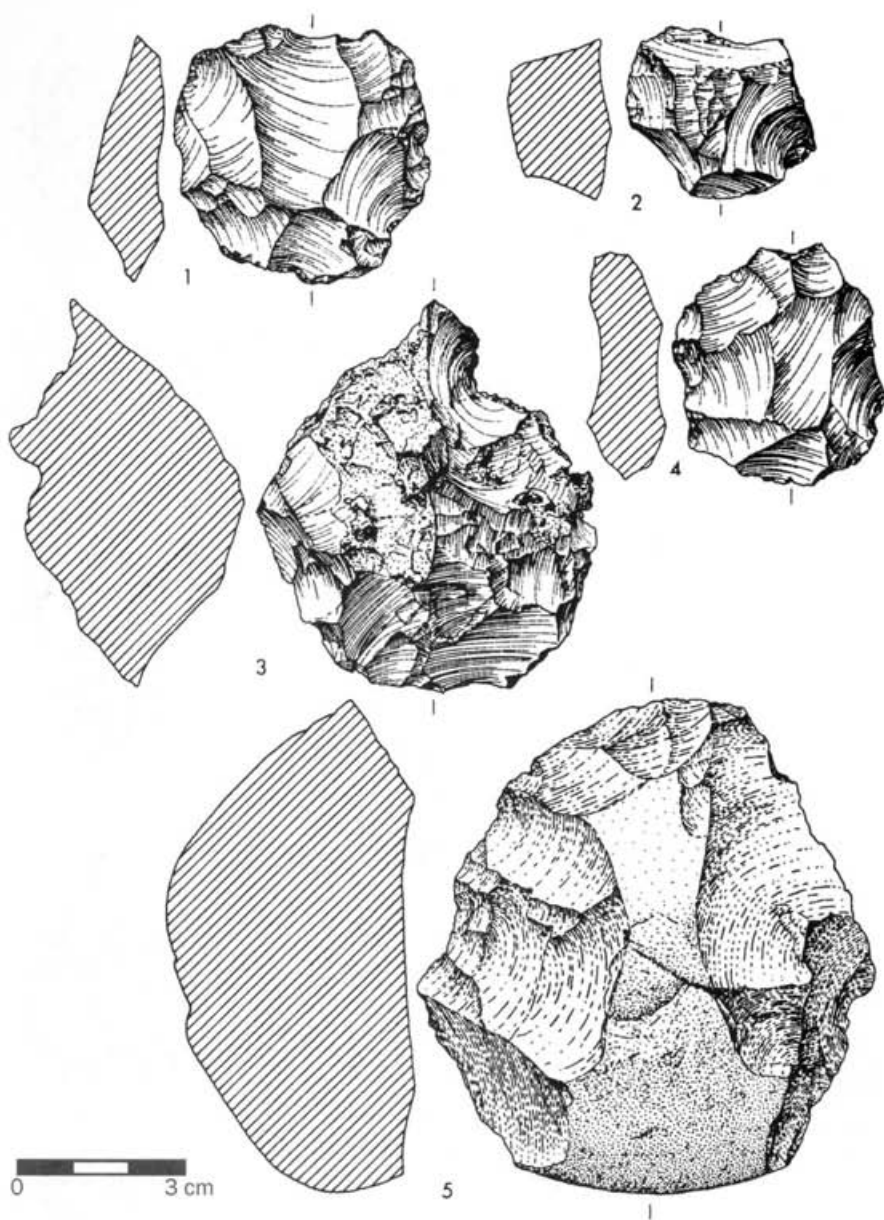


65 | Conjunto de artefactos líticos da camada 8.

Nº 1: 5-134; nº 2: 2-41; nº 3: 4-?; nº 4: 5-?; nº 5: 6-173; nº 6: 5-1; nº 7: 6-195; nº 8: 4-8; nº 9: 8-?; nº 10: 5-121.

Nº 1, 5, 7, 9 e 10: quartzito; nº 2 a 4, 6: quartzo; nº 8: sílex.

Nº 1: seixo talhado unifacial ou esboço de núcleo; nº 2, 3: facas de dorso cortical; nº 4: micro-denticulado; nº 5: lasca Levallois; nº 6: raspador de retoque abrupto; nº 7: retoque abrupto delgado sobre lasca Levallois; nº 8: denticulado; nº 9: lasca Levallois atípica; nº 10: entalhe sobre lasca Levallois.

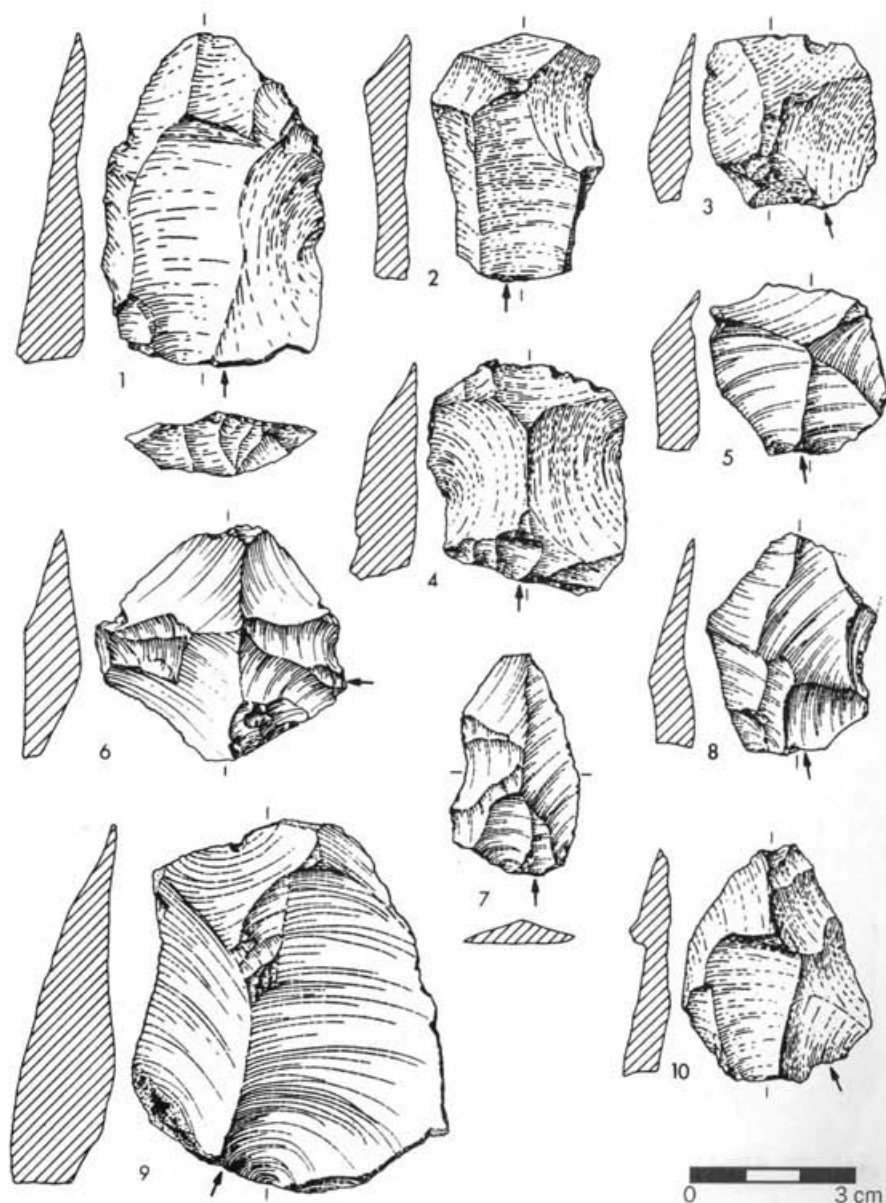


66 | Conjunto de artefactos líticos da camada 8

Nº 1: 9-31 | nº 2: s/ref | nº 3: 4-? | nº 4: 9-? | nº 5: Ent214.

Nº 1 a 4: sílex | nº 5: quartzito.

Nº 1: núcleo Levallois | nº 2: núcleo globuloso | nº 3, 5: núcleos discóides (reversos) | nº 4: núcleo discóide.

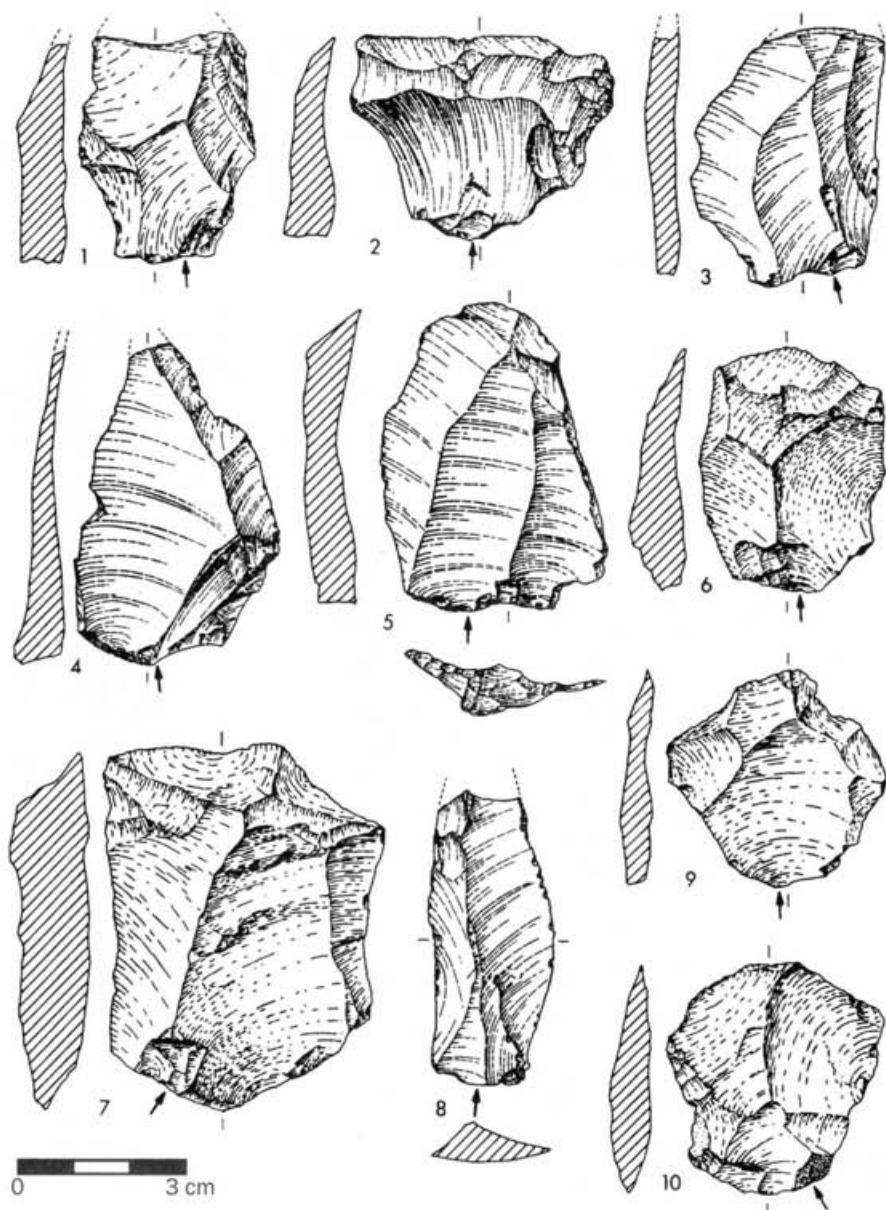


67 | Conjunto de artefactos líticos da camada 8

Nº 1: 5-59 | nº 2: 5-60 | nº 3: 2-92 | nº 4: 8-57 | nº 5: 3-33 | nº 6: 2-43 | nº 7: 2-78 | nº 8: 9-58 |
 | nº 9: 13-4 | nº 10: 2-76.

Nº 1 a 4, 10: quartzito | nº 5 a 9: sílex.

Todas lascas Levallois.

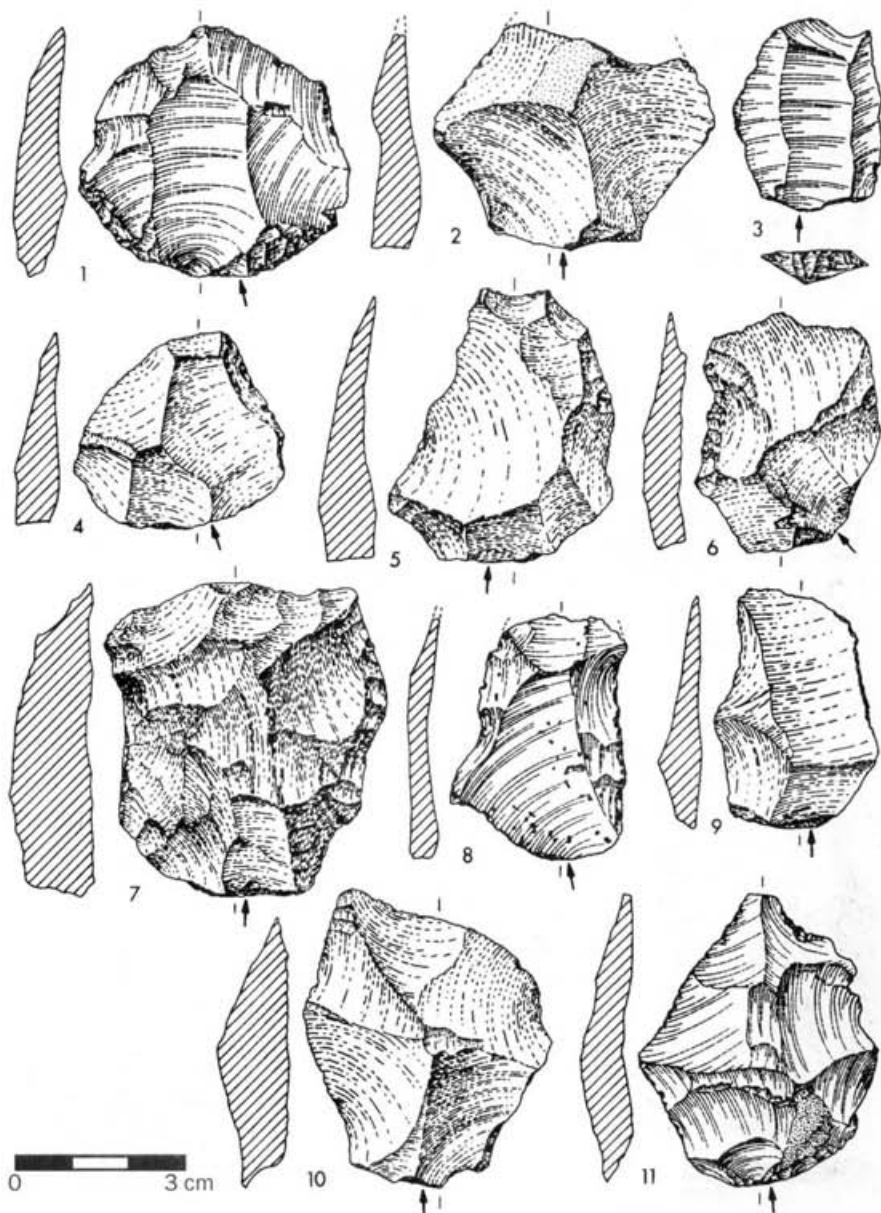


68 | Conjunto de artefactos líticos da camada 8

Nº 1: 5-72 | nº 2: 5-60 | nº 3: 2-66 | nº 4: 5-175 | nº 5: 3-32 | nº 6: 2-77 | nº 7: 8-104 | nº 8: 5-176
 | nº 9: 2-92a | nº 10: 5-189.

Nº 1, 6, 7, 9 e 10: quartzito | nº 2 a 5, 8: sílex.

Todas lascas Levallois.

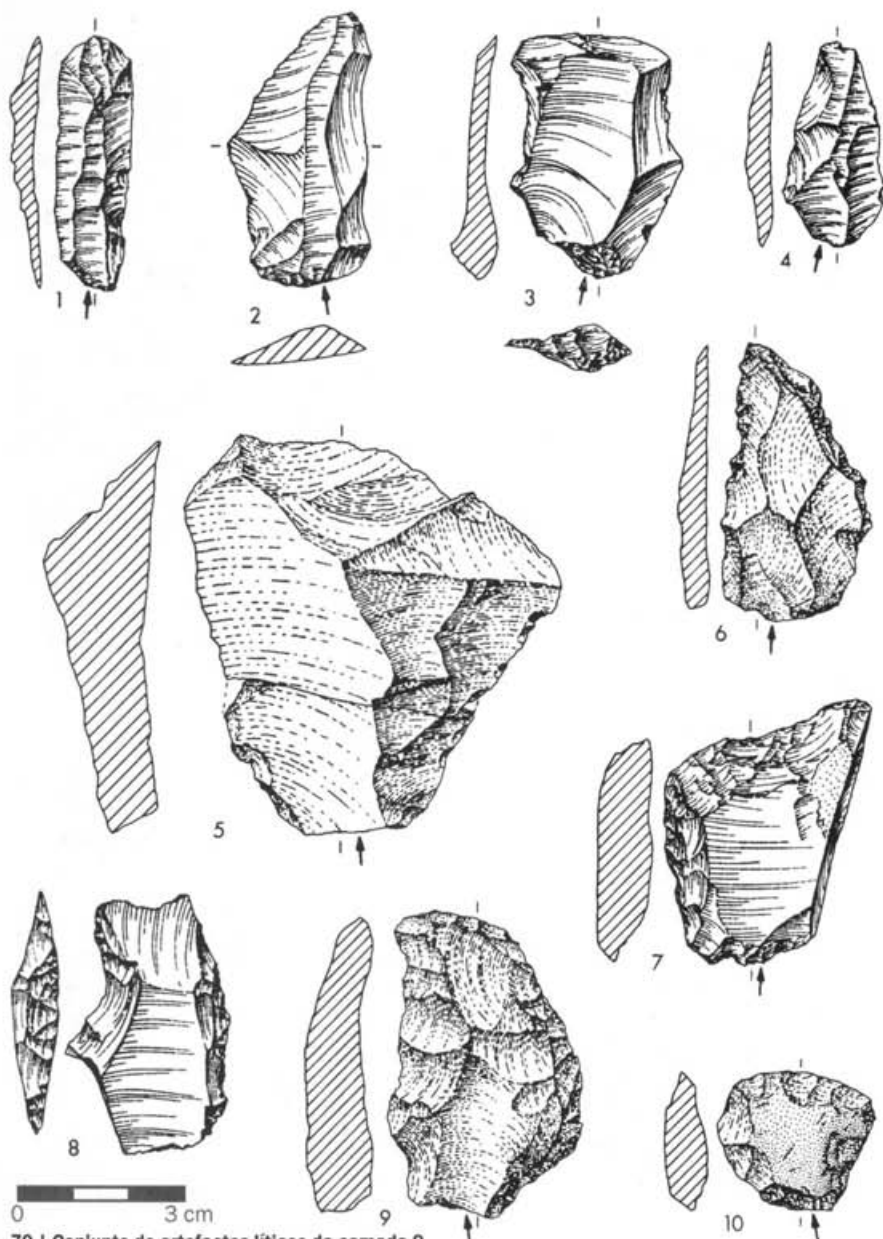


69 | Conjunto de artefactos líticos da camada 8

Nº 1: 6-253 | nº 2: 5-187 | nº 3: 6-256 | nº 4: 6-260 | nº 5: 5-188 | nº 6: 5-190 | nº 7: 5-185 |
 | nº 8: 5-61 | nº 9: 8-268 | nº 10: 5-186 | nº 11: 5-136.

Nº 1, 3, 8, 11: sílex | nº 2 a 7, 9 e 10: quartzito.

Todas lascas Levallois. O nº 11 é um denticulado sobre lasca Levallois.

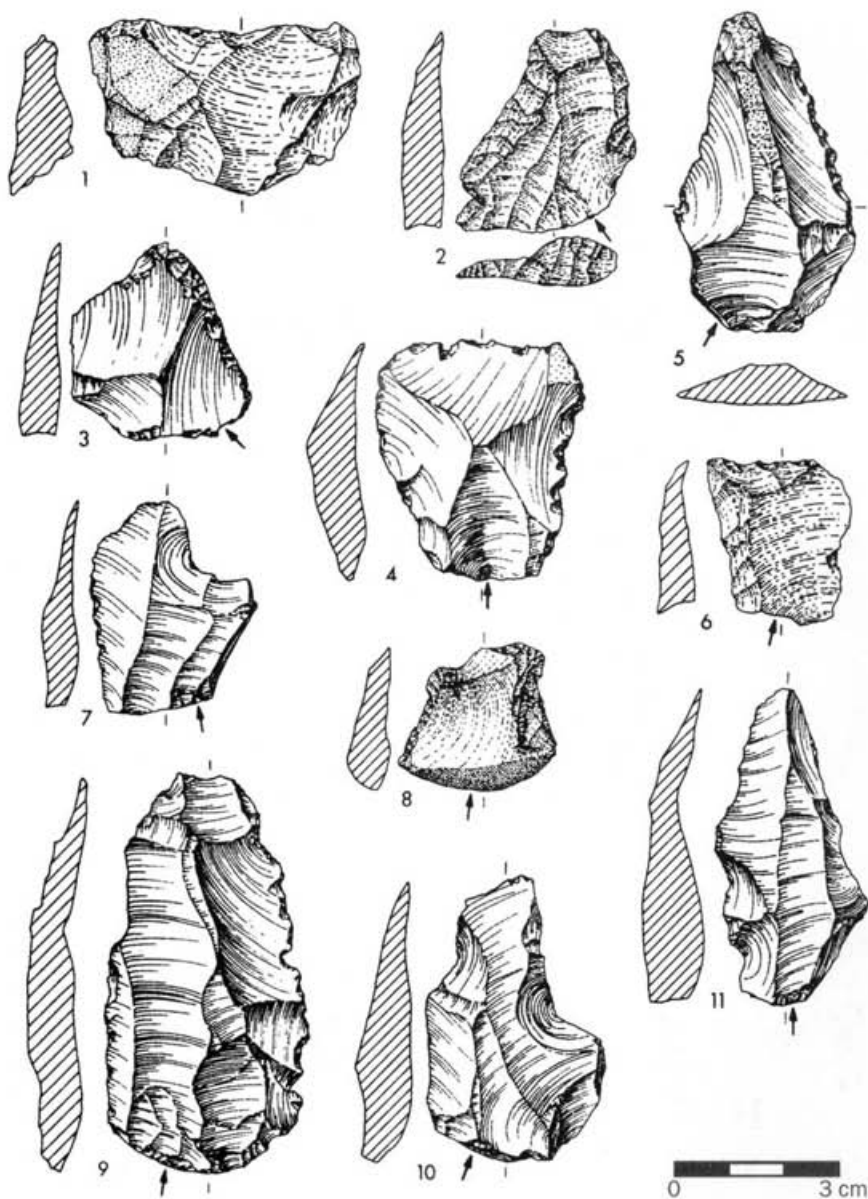


70 | Conjunto de artefactos líticos da camada 9

Nº 1: 4-5 | nº 2: 5-28 | nº 3: 4-108 | nº 4: 4-110 | nº 5: 5-s/n | nº 6: 4-55 | nº 7: 4-16 | nº 8: 4-56 |
| nº 9: 4-10 | nº 10: 4-125.

Nº 1 a 8, : sílex | nº 5, 9: quartzito | nº 10: quartzo.

Nº 1 a 5: lascas Levallois | nº 6: ponta Levallois retocada | nº 7 e 8: raspadores de retoque abrupto |
| nº 9: raspador convergente convexo-côncavo | nº 10: raspador simples convexo.

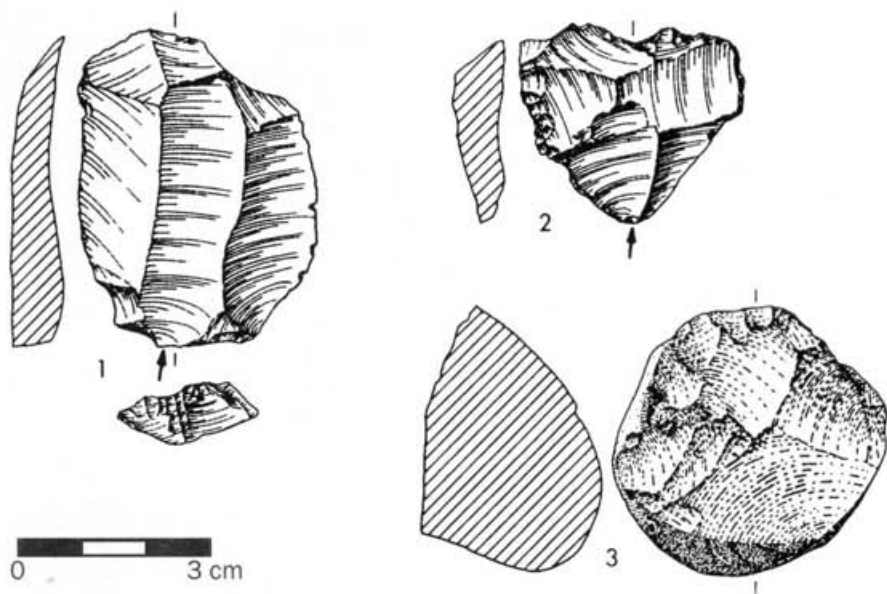


71 | Conjunto de artefactos líticos da camada 9

Nº 1: 5-3 | nº 2: 4-130 | nº 3: 4-65 | nº 4: 4-15 | nº 5: 4-12a | nº 6: 4-4 | nº 7: 4-6 | nº 8: 4-61 | nº 9: 5-66 |
 | nº 10: 4-12 | nº 11: 4-14.

Nº 1 e 2, 6: quartzo | nº 3 a 5, 7 a 11: sílex.

Nº 1 e 2: raspadores transversais rectos | nº 3: retoque abrupto delgado | nº 4 a 11: denticulados.

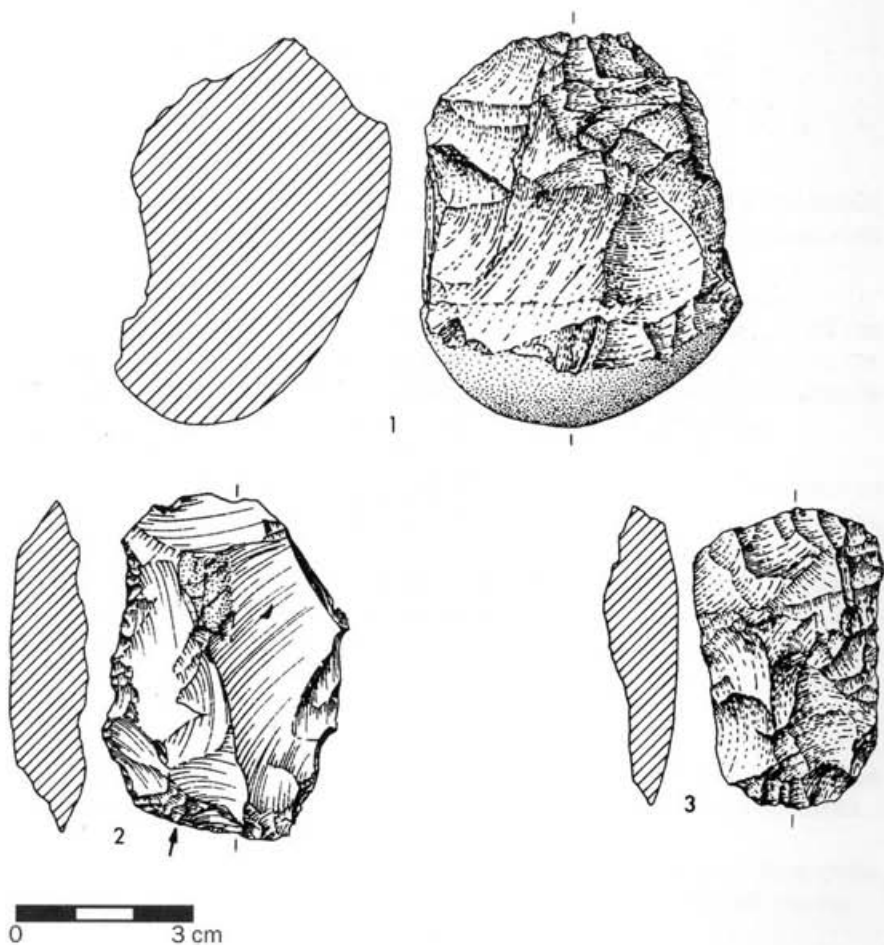


72 | Conjunto de artefactos líticos da camada 9

Nº 1: 4-105 | nº 2: 4-58 | nº 3: 4-8.

Nº 1, 2: sílex | nº 3: quartzo.

Nº 1: entalhe | nº 2: denticulado | nº 3: núcleo discóide sobre calote de seixo.



73 | Conjunto de artefactos líticos provenientes dos trabalhos de limpeza do testemunho, feitos em 1971.

Nº 1: 9 | nº 2: 25 | nº 3: 26.

Nº 1, 3: quartzito | nº 2: sílex.

Nº 1: núcleo discóide sobre calote de seixo | nº 2: raspador simples recto | nº 3: núcleo centripeto alongado.

| Bibliografia

ANTUNES, M. T. (1990/1991) – O Homem da Gruta da Figueira Brava (ca. 30000 BP). Contexto ecológico, alimentação, canibalismo. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Ciências*, 38: 427-536. Lisboa.

ANTUNES, M. T. e CARDOSO, J.L. (2000) – Gruta Nova da Columbeira, Gruta das Salemas and Gruta da Figueira Brava: stratigraphy and chronology of the pleistocene deposits. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Ciências*, 38: 23-67. Lisboa.

AUBRY, Th. e MOURA, H. (1994) – Paleolítico da Serra de Sicó. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 34 (3-4): 43-60. Porto.

BRUGAL, J. Ph. e RAPOSO, L. (1999) – Foz do Enxarrique (Ródão, Portugal): Preliminary results of the analysis of a bone assemblage from a Middle Palaeolithic open site. *The Role fo Early Humans in the Accumulation of European Lower and Middle Palaeolithic Bone Assemblages*. Romisch-Germanisches Zentralmuseum, monografias, nº 34: 367-379. Mainz.

CARDOSO, J.L. (1993) – *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Câmara Municipal de Oeiras.

FEREMBACH, D. (1962): "La deuxième molaire déciduale inférieure de la grotte de Salemas (Portugal)". *Comunic. Serv. Geol. Portugal*, 46: 177-186. Lisboa.

FEREMBACH, D. (1964/1965): "La molaire humaine inférieure moustérienne de Bombarral (Portugal)". *Comunic. Serv. Geol. Portugal*, 48: 185-190. Lisboa.

FERREIRA, O. da Veiga (1963): "Algumas descobertas importantes da pré e proto-história portuguesa nos últimos anos". *Revista de Guimarães*, 73 (3/4): 271-280. Guimarães.

FERREIRA, O. da Veiga (1964): "Jazidas quaternárias com fauna de vertebrados encontradas em Portugal". *Arqueologia e História*, S. VIII, 9: 39-53. Lisboa.

FERREIRA, O. da Veiga (1966): "Acerca dos primeiros restos de *Homo neanderthalensis* encontrados no Mustierense de Portugal". *Lucerna*, 5: 361-375. Porto.

FERREIRA, O. da Veiga. (1984): "O mais importante nível de ocupação do caçador neandertal da Gruta Nova da Columbeira (Bombarral)". *Volume d'hommage au géologue G. Zbyszewski*. Ed. Recherche sur les Civilisations. 365-370. Paris.

HAMBÜCKEN, A. (1997): "La variabilité géographique des Néandertaliens: apport de l'étude du membre supérieur", *Anthropologie et Préhistoire*, n° 108, pp. 109-120.

HUBLIN, J.-J. (1990): "Les peuplements paléolithiques de l'Europe: un point de vue paléobiogéographique". *Mémoires du Musée de Préhistoire d'Ile de France*, 3: 29-37. Némours.

JIMÉNEZ FUENTES, E.; CARDOSO, J. L. e CRESPO, E. G. (1998): "Presencia de *Agrionemys* (= *Testudo*) *hermanni* (GMELIN, 1789) en el Paleolítico medio de la Gruta Nova da Columbeira (Bombarral, provincia de Estremadura, Portugal). *Studia Geologica Salmanticensia*, 34: 123-139.

MANZI, G. e PASSARELLO, P. (1995): "At the Archaic/Modern Boundary of the Genus *Homo*: The Neandertals from Grotta Breuil". *Current Anthropology*, 36-2: 355-366. Chicago.

MUSSI, M. e ROEBROEKS, W. (1996): "The Big Mosaic". *Current Anthropology*, 37-4: 697-699. Chicago.

RAPOSO, L. (2000): "The Middle-Upper Palaeolithic Transition in Portugal", Stringer, Ch., Barton, R. N. E. and Finlayson, Cl. (eds.), *Neanderthals on the Edge: 150th Anniversary Conference of the Forbes' Quarry Discovery, Gibraltar*. Ed. Oxbow Books. 95-109. Oxford.

RAPOSO, L. SILVA, A. C. e SALVADOR, M. (1985): "Notícia da descoberta da estação mustierense da Foz do Enxarrique (Ródão)". *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*, 2: 79-90. Lisboa.

RAPOSO, L.; SALVADOR, M. M.; PEREIRA, J. P. (1996) - "L' Acheuléen dans la vallée du Tage, au Portugal". *L'Acheuléen dans l'Ouest de l'Europe. Publications du CERP*, n° 4 : 41-50, Villeneuve d'Ascq.

RAPOSO, L. e CARDOSO, J. L. (1997a): "Nota acerca das indústrias mustierenses da Gruta Nova da Columbeira". *Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular*, t. 1, pp. 27-33. Zamora.

RAPOSO, L. e CARDOSO, J. L. (1997b): "Trabalhos arqueológicos no sítio do Paleolítico Médio da Conceição". *Al-madan*, Série II, 6, pp. 5-13.

RAPOSO, L. e CARDOSO, J. L. (1998a): "Las industrias líticas de la Gruta Nova de Columbeira (Bombarral, Portugal) en el contexto del Musteriense Final de la Península Ibérica", *Trabajos de Prehistoria*, nº 55 (1), pp. 39-62, Madrid.

RAPOSO, L. e CARDOSO, J. L. (1998b): *O sítio do Paleolítico Médio da Conceição (Alcochete)*, ed. CEMA, Lisboa.

RAPOSO, L. e CARDOSO, J. L. (2000): "Mousterian industries of gruta da Figueira Brava". *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Ciências*, 38: 305-323. Lisboa.

ROCHE, J. (1971): "Le climat et les faunes du Paléolithique moyen et supérieur de la province d'Estremadura". *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*, 1: 39-50.

SANTOS, M. Farinha dos (1972): *Pré-História de Portugal*, Ed. Verbo. Lisboa.

TILLIER, A.-M. (1982): "Les enfants néanderthaliens de Devil's Tower (Gibraltar)". *Zeitschrift für Morphologie und Anthropologie*, 73-2: 125-148. Estugarda.

VEGA TOSCANO, L. G. (1990): "La fin du Paléolithique moyen au sud de l'Espagne: ses implications dans le contexte de la péninsule ibérique". *Mémoires du Musée de Préhistoire d'Île de France*, 3: 169-176. Némours.

VEGA TOSCANO, L. G. (1993): "El tránsito del Paleolítico Medio al Paleolítico Superior en el Sur de la Península Ibérica". *El origen del hombre moderno en el suroeste de Europa*. Ed. UNED. 147-170. Madrid.

ZBYSZEWSKI, G. (1963): "Jazidas quaternárias de Salemas (Loures) e de Columbeira (Bombarral)". *Bol. Academia das Ciências de Lisboa, N. S.*, 35: 137-147. Lisboa.

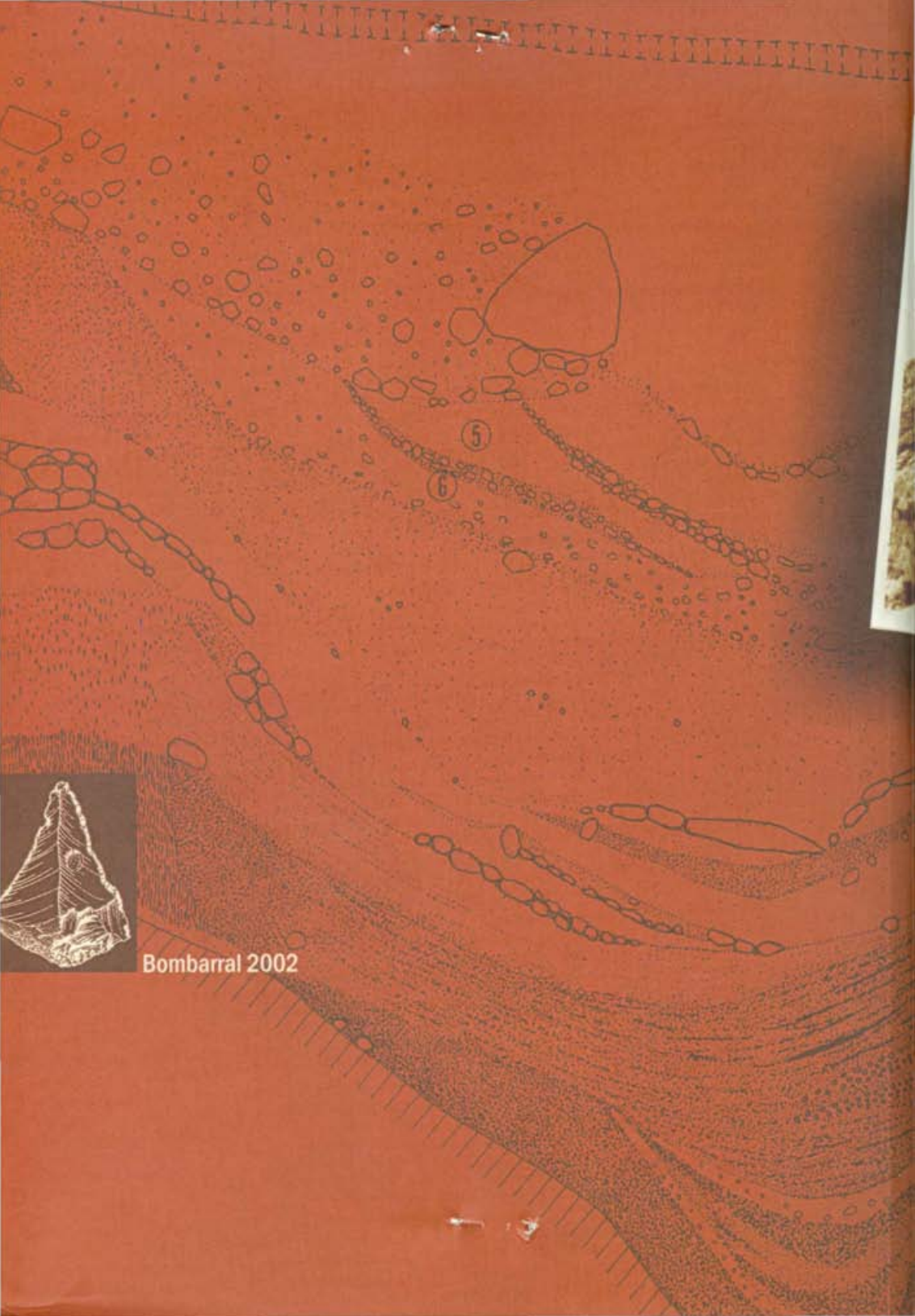
ZBYSZEWSKI, G., LEITÃO, M., PENALVA, C. e FERREIRA, O. da Veiga (1980/1981): "Paleo-anthropologie du Würm au Portugal". *Setúbal Arqueológica*, 6/7: 7-28. Setúbal.

ZILHÃO, J. (1990) - "Le Solutréen du Portugal: environnement, chronologie, industries, peuplement, origines". *Les industries à pointes foliacées du Paléolithique supérieur européen (Krakòw, 1989)*. ERAUL, 42: 485-501. Liège.

ZILHÃO, J. (1992) - Intervenção em "A Pré-História portuguesa hoje: balanço dos conhecimentos actuais e perspectivas de investigação". *Arqueologia*, 22: 45-69. Porto.

ZILHÃO, J. (1997): *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*, ed. Colibri, 2 vol., Lisboa.

ZILHÃO, J. (2000): "The Ebro Frontier: A Model for the Late Extinction of Iberian Neanderthals", Stringer, Ch., Barton, R. N. E. and Finlayson, Cl. (eds.), *Neanderthals on the Edge: 150th Anniversary Conference of the Forbes' Quarry Discovery, Gibraltar*. Ed. Oxbow Books. 111-121. Oxford.



Bombaral 2002